

LILIAN COELHO PIRES

**AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA (L2)  
POR SINALIZANTES SURDOS DA  
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (L1)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Setembro de 2005

LILIAN COELHO PIRES

**AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA (L2)  
POR SINALIZANTES SURDOS DA  
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (L1)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ruth E. V. Lopes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Setembro de 2005

Comissão Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ruth E. Vasconcellos Lopes (UFSC)  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Maria Moreira Lima Salles (UnB)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ronice Müller de Quadros (UFSC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Figueiredo Silva (UFSC)  
(suplente)

**Ao meu pai,** Édio Coelho Pires (*in memoriam*),  
por ter me mostrado, com seu exemplo, a importância do saber.

**A minha mãe,** Maria Celina de Souza Pires e  
**a minha filha,** Lisy Li Pires Fuhrmann, por terem me dado as mãos:  
uma cheia de sabedoria que me impulsionou a nunca desistir e  
a outra, cheia de desejos que me encorajou a prosseguir.

Mãos com texturas tão diferentes,  
mas com essências que me fizeram crescer.

# Agradecimentos

Costumava dizer que o tema de uma pesquisa tem um fundo psicológico que envolve o investigador, não foi à toa, portanto, que me dediquei durante dois anos a observar a concordância verbal e o apagamento de argumentos do verbo em uma sentença. Focalizar esse fenômeno me fez refletir sobre a importância da minha vida em **concordância** com as pessoas que cruzam o meu caminho. Por isso, agora, emocionadamente, citarei alguns **sujeitos** que me deram as mãos nesse mestrado, sabendo que faltarão **argumentos** para agradecer a todos que me fizeram transformar este **objeto** em uma dissertação. A ordem não foi um dos aspectos lingüísticos observados, então, agradeço aleatoriamente sem querer dar maior ou menor importância a todos que considero serem frutos de uma **Grande União**.

Ao Meu Deus, que nunca me desamparou, que me deu saúde física e mental e a quem eu depus fé por acreditar que "Tudo posso Naquele que me fortalece" (Filipenses 4:13). A esse Poder Superior, que me dirigiu até o jardim de minha casa e me fez ver uma borboleta saindo do casulo; naquele momento me certifiquei de que eu era um ser em transformação.

A Ruth, minha orientadora, que no primeiro contato me disse "tenho todo o interesse na tua pesquisa", essas palavras me fizeram acreditar que eu era capaz de desenvolvê-la. Agradeço a ela pela confiança depositada em mim e pelo modo sábio que me conduziu ao conhecimento. Também pela sua paciência quando eu esmorecia e pelo seu jeito próprio de me incentivar, me estimular ou me pressionar para que eu mostrasse o melhor de mim. Foi uma Força Maior que me encaminhou até a professora Ruth há dois anos atrás, e hoje sei, que a orientação desta pesquisa e a orientação da minha trajetória só poderia ter sido com ela. Obrigada de coração, Ruth.

A minha querida mãe, que esteve comigo sem me deixar faltar nada, nada, nada. Que manteve até o meu quarto em ordem para que eu pudesse, como ela dizia, "ter ambiente de trabalho". A sua grandiosa paciência, que por tantas vezes eu abusei fazendo-lhe ouvir sobre teorias e análises; e ela, amorosamente se mostrava atenta àquilo que vibrava o

meu espírito. Ouviu minhas angústias, minhas alegrias, chorou e sorriu comigo, foi minha melhor amiga. Especialmente a minha mãe, Maria Celina, agradeço pelo seu amor incondicional!

A minha "quiquirica" Lisy Li, que soube de seu modo infantil entender a minha ausência. Que respeitou meus momentos na frente da tela e se sentia satisfeita em poder desligar o computador quando minha jornada de trabalho era finalizada antes de sua hora de dormir. Foi dela que recebi beijos e afagos muito carinhosos quando eu me sentia cansada. A minha amada filha, eu agradeço a sua existência, pois é isto que me faz querer ser gente grande.

A Jeanine Jeager, minha amigona que no meio dessa caminhada reapareceu para que eu firmasse meus propósitos de adolescente. Que amadrinou minha filha e foi nossa companheira em divertidos, quentes e sorridentes momentos de relaxamento no verão; permanecendo minha amiga/comadre de todas as estações.

As meninas super poderosas, Fabiana Santolin e a Sandra Quarezemin que durante o mestrado formamos um trio imbatível. Junto com elas não me sentia sozinha, foram minhas amigas de todas as horas, de todos os papos e de todos os lugares. Sobrevoamos o céu e pousamos na terra sempre querendo o bem uma das outras. Obrigada às minhas amigas do mestrado.

Ao meu amigo Mário Jonas Fernandes que esteve comigo para incentivar-me em três momentos importantíssimos: quando me preparava para ingressar no mestrado, quando eu estava num "ou vai ou racha" ao desenvolver a análise da investigação e quando finalizei a pesquisa e toda a dissertação. Agradeço ao Jonas por sempre me fazer lembrar dos meus propósitos primordiais.

Ao povo do Núcleo de Estudos Gramaticais - NEG, em especial a alguns que aturaram meus discursos lingüísticos e extra-lingüísticos: Ronald, Luisandro, Tharen, Gabriel, João, Ana e Robson.

Aos membros da minha banca de qualificação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ronice Müller de Quadros e ao Prof. Dr. Sérgio Menuzzi. Pelos comentários e orientações.

Ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina - Unidade São José, em nome de Vilmar Silva, que possibilitou o contato com

os informantes surdos e cedeu suas dependências para aplicação dos experimentos. Aos professores dessa instituição, Mara Lúcia Masutti e Fábio Irineu da Silva que colaboraram cedendo os horários de suas aulas; e a intérprete Sofia dos Anjos que intermediou a comunicação com os alunos surdos na aplicação da 1ª. etapa do experimento. Ao professor Fábio Irineu da Silva, ainda, por ter aplicado a 2ª. etapa do experimento de modo tão dedicado. Em especial, a todos os sinalizantes surdos que participaram do experimento e me receberam tão bem, sem eles essa pesquisa não teria se tornado possível.

Agradeço a Ana Regina Campello, minha amiga surda, que voltou seu olhar para mim e pacientemente me corrigia enquanto eu sinalizava. Além desse fato importante, dedicou seu tempo e suas mãos a aplicar o experimento ao grupo de controle. A esse grupo, de Blumenau/SC e Rio de Janeiro/RJ meus sinceros agradecimentos. A Patrício Vega Garrão da ABADA - Associação Blumenauense dos Amigos dos Deficientes Auditivos, a INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos e a APADA - Associação de Pais e Amigos do Deficiente da Audição - Niterói, que abriram as portas e cederam salas para a realização do experimento com o grupo de controle.

Aos surdos: Rodrigo Rosso Marques quem primeiramente se dispôs a discutir comigo sobre as diferenças entre a LSB e a Língua Portuguesa, e a Sandra Amorin e a todos os surdos, da Associação de Surdos da Grande Florianópolis que me possibilitaram, mesmo que por pouco tempo, estar inserida na cultura surda.

Ao Marciano, que consertou meu computador em tempo extra-terrestre quando eu mais precisava dele funcionando.

Ao CNPq pelo apoio financeiro.

# Resumo

Esta dissertação descreve, analisa e discute as estruturas sintáticas das produções escritas em Português como L2 por sinalizantes surdos cuja L1 é a Língua de Sinais Brasileira, fundamentando-se no quadro da teoria gerativa. Para tanto, é feita a comparação dos valores paramétricos entre o Português e a LSB no que diz respeito à concordância verbal e ao apagamento de argumentos do verbo em uma sentença, objetivando verificar na estrutura sintática das sentenças escritas em português pelos sinalizantes se há interferência da L1 na aquisição da L2.

Na Língua Portuguesa a concordância verbal se dá com todos os tipos de verbos cujas flexões indicam a pessoa pronominal do sujeito, e conseqüentemente licenciam o apagamento do sujeito na sentença, especialmente na escrita. Em LSB são dois os tipos de verbos: verbos sem concordância ou sem flexão, os quais não licenciam o apagamento dos argumentos do verbo e os verbos com concordância cujas flexões indicam o objeto e/ou o sujeito da sentença, neste caso, é licenciado o apagamento tanto do objeto quanto do sujeito da sentença. Dadas as diferenças paramétricas entre as duas línguas, visa-se saber o modo pelo qual a GU é acessada na aquisição da L2, pois acredita-se que inicialmente o sinalizante de LSB, ao aprender o português escrito, transferirá os valores da L1 na aquisição da L2.

Os dados foram obtidos por meio de testes experimentais intra-línguas com produção eliciada realizados com dezessete alunos surdos cursando o ensino médio. Os resultados da investigação especificam as propriedades variáveis entre as duas línguas, no que se refere à concordância verbal e ao apagamento de argumentos do verbo, possibilitando observar o estágio inicial da aquisição da segunda língua. Desse modo, a análise contribui como forma de melhorar o ensino do português escrito para essa população sinalizante da Língua de Sinais Brasileira, para a qual a Língua Portuguesa é segunda língua.

Palavras-chave: 1. Aquisição da L2; 2. Concordância Verbal; 3. Apagamento de argumentos do verbo; 4. Língua de Sinais Brasileira; 5. Língua Portuguesa.



# Abstract

This study describes, analyses and discusses – within the generative grammar framework - syntactic structures from written texts in Portuguese as Second Language (L2) produced by deaf signers whose First Language (L1) is Brazilian Sign Language (BSL). With the purpose of identifying possible interference from L1 onto L2 in the syntactic structure of written sentences in Portuguese produced by signers, a comparison was made between Portuguese and BSL regarding the parametric values related to verbal agreement and null arguments.

In Portuguese, the verbal agreement occurs with any kind of verb whose inflections indicate the subject's pronominal person and consequently license subject erasing in the sentence, especially in writing. In BSL, on the contrary, there are two kinds of verbs: verbs without agreement nor inflection, which do not license null arguments; and verbs with agreement whose inflection indicate the sentence's object and/or subject, in which case both object and subject of the sentence may be null. Given the parametric differences between the two languages, the research intends to clarify how the Universal Grammar (UG) is accessed in the acquisition of the L2. This step is taken because it is believed that in the process of learning written Portuguese BSL signers will initially transfer values from L1 onto L2.

The data were achieved through interlanguage experiments conducted with seventeen deaf high schoolers including elicited production. The results of this survey point out the features which vary between the two languages, regarding verbal agreement and null arguments, which enables the observation of the initial stage of L2 acquisition. Thus, the research may contribute to improve the teaching of written Portuguese for the BSL signers, for whom Portuguese is L2.

Keywords: 1. L2 Acquisition; 2. Verbal Agreement; 3. Verb's argument erasing; 4. Brazilian Sign Language; 5. Portuguese.

# Sumário

Capítulo 1	
Introdução .....	1
Capítulo 2	
Quadro Teórico.....	5
Capítulo 3	
Metodologia.....	42
Capítulo 4	
Resultados.....	49
Capítulo 5	
Informantes.....	92
Capítulo 6	
Considerações finais.....	118
Referências Bibliográficas.....	121

# Sumário

## (detalhado)

Capítulo 1	
Introdução .....	1
Capítulo 2	
Quadro Teórico .....	5
2.1. Aquisição da primeira língua (L1) .....	5
2.2. Aquisição da segunda língua (L2) .....	11
2.2.1. Hipótese do acesso nulo (HAN) .....	13
2.2.2. Hipótese do acesso parcial (HAP) .....	14
2.2.3. Hipótese do acesso total (HAT) .....	15
2.3. Aquisição da escrita por sinalizantes surdos .....	17
2.4. Diferenças paramétricas entre a Língua Portuguesa e a LSB .....	19
2.4.1. Concordância Verbal em Língua Portuguesa e LSB .....	20
2.4.2. Apagamento de argumentos em Língua Portuguesa e LSB .....	23
Capítulo 3	
Metodologia .....	42
Capítulo 4	
Resultados .....	49
4.1. Análise descritiva e discussões .....	49
4.2. Critérios adotados na análise da 1ª e 2ª etapa do experimento .....	50
4.2.1. Tipos de verbos eliciados .....	50
4.2.2. Sentenças selecionadas para análise .....	53
4.2.3. Classificação das sentenças .....	54
4.2.4. Sentenças finitas e infinitivas .....	56
4.2.5. Aspectos lingüísticos observados .....	59
4.3. Análise descritiva da 1ª etapa do experimento .....	60
4.3.1 Tipos de realização de sujeitos .....	60
4.3.2. Marca morfológica expressa nos verbos .....	62
4.3.3. Tipos de realização de objeto .....	63
4.4. Análise descritiva e discussões sobre a 2ª etapa do experimento .....	65
4.4.1. Tipos de verbos utilizados nas sentenças .....	65
4.4.2. Tipos de realização de sujeitos .....	74
4.4.3. Marca morfológica expressa nos verbos .....	81
4.4.4. Tipos de realização de objeto .....	87
4.5. Breve comentário sobre a 1ª e 2ª etapas do experimento .....	91
Capítulo 5	
Informantes .....	92
5.1. Análise da produção lingüística vs. alguns fatores externos .....	92
5.2. Produção lingüística do grupo de controle .....	111
Capítulo 6	
Considerações finais .....	118
Referências bibliográficas .....	121

*No princípio era o verbo,  
e o verbo estava nas mãos...  
E essas mãos reproduziram  
o verbo na escrita.*

*O verbo, portanto,  
gerado por aquelas mãos,  
se transformou nas minhas mãos,  
nestes escritos.*

# Capítulo 1

## *Introdução*

A produção escrita de indivíduos surdos brasileiros tem sido alvo de muitas discussões entre professores de Língua Portuguesa, pois esses alunos, mesmo depois de um tempo de escolaridade, continuam apresentando textos escritos com estruturas sintáticas desviantes da gramática da Língua Portuguesa.

A aquisição da Língua Portuguesa escrita é caracterizada por ocorrer no ambiente escolar; no entanto, minha experiência com os surdos durante os três últimos anos mostrou que eles utilizam a escrita de modo bastante informal com surdos e ouvintes: no dia-a-dia é comum o uso de telefones celulares para o envio de mensagens; correspondência via correio eletrônico (e-mail - internet), conversas instantâneas (MSN – internet) e salas virtuais de bate-papo (*chat* da internet) também são meios de comunicação escrita bastante utilizadas por esses indivíduos; os pais ouvintes costumam deixar anotações e bilhetes escritos com recados de telefonemas e mensagens para os filhos surdos; e em sala de aula, quando a comunicação não é permitida, os alunos mandam bilhetinhos escritos uns aos outros. Em casos formais de utilização da Língua Portuguesa escrita observei que surdos adultos utilizam a escrita para interagir com colegas ouvintes em ambientes de trabalho; para se comunicar por telefone (TDD), *fax* e correio eletrônico; surdos que participam de organizações de surdos (ex. Associações de surdos), freqüentemente, utilizam a escrita como instrumento de comunicação indireta (correspondências, relatórios, atas, etc.). Em todas essas situações é notória a dificuldade com a escrita da Língua Portuguesa, mesmo assim, acredita-se que esses fatos evidenciam a relação espontânea da vivência do surdo com a escrita.

Estamos numa sociedade minada por letras, em todas as partes encontramos escritos que nos informam, nos orientam, sobretudo, nos oferecem uma reflexão e senso crítico do mundo. A criança necessita ser

instigada pelos pais e educadores sobre a funcionalidade da escrita no meio em que vive. As crianças surdas adquirem a Língua Portuguesa como segunda língua (L2) tendo em vista que a primeira língua (L1) do indivíduo surdo é a Língua de Sinais Brasileira. Portanto, na escola, a criança deve prosseguir a construção do conhecimento inicial da segunda língua a fim de que receba o *input*<sup>1</sup> lingüístico necessário para fixação paramétrica da língua alvo.

Com base nas dificuldades com a L2 e desvios da gramática da Língua Portuguesa manifestados pelos sinalizantes<sup>2</sup> da LSB, descreveremos, analisaremos e discutiremos as estruturas sintáticas das produções escritas em Língua Portuguesa como L2 pelos sinalizantes surdos, fundamentando-nos no quadro da teoria gerativa.

De acordo com os pressupostos teóricos defendo que no processo de aquisição da Língua Portuguesa escrita, como L2, pelos sinalizantes surdos da LSB, ocorre inicialmente a transferência dos valores paramétricos da L1 para a L2. Essa afirmação é sustentada pela Hipótese do Acesso Parcial à GU, que advoga que a aquisição da segunda língua pode ser intermediada pela gramática da L1, isto antes que o aprendiz tenha se apropriado dos novos valores paramétricos da segunda língua.

Focalizaremos a comparação dos valores paramétricos entre a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais Brasileira no que diz respeito à concordância verbal e ao apagamento de argumentos do verbo em uma sentença a fim de verificar, na estrutura sintática das sentenças escritas em Língua Portuguesa pelos sinalizantes, se há interferência da L1 na aquisição da L2. Os valores paramétricos da LSB, no que diz respeito à concordância verbal e ao apagamento de argumentos do verbo em uma sentença, segundo a Hipótese do Acesso Parcial à GU, interferirão na estrutura sintática das sentenças produzidas em Língua Portuguesa pelo indivíduo surdo.

---

<sup>1</sup> Estamos aqui considerando "*input*" (dados lingüísticos de uma dada língua particular), a exposição da criança surda à escrita da Língua Portuguesa. O "*input*" escrito oferecido pela escola não foi controlado por nós, pois foge do tema central dessa pesquisa.

<sup>2</sup> Em comunicação pessoal com Ruth Lopes, Ronice M. de Quadros declarou que a terminologia adequada para os surdos que sinalizam a LSB é "sinalizante".

Na Língua Portuguesa a concordância verbal se dá com todos os tipos de verbos cujas flexões indicam a pessoa pronominal do sujeito, havendo contextos específicos que licenciam o apagamento do sujeito e em casos específicos o apagamento do objeto na sentença. Em LSB são dois os tipos de verbos: verbos sem concordância, os quais não licenciam o apagamento dos argumentos do verbo e os verbos com concordância cujas flexões<sup>3</sup> indicam o objeto e/ou o sujeito da sentença; neste caso, é licenciado o apagamento tanto do objeto quanto do sujeito da sentença. Portanto, suponho que a má formação das sentenças na produção escrita da Língua Portuguesa pelo indivíduo surdo, referente a essas diferenças paramétricas, ocorre pelo fato de o sinalizante ainda não ter fixado os valores paramétricos da segunda língua, isto é, da Língua Portuguesa, pois o *input* necessário e apropriado não foi oferecido. Dadas as diferenças paramétricas entre Língua Portuguesa e a LSB referentes à concordância verbal e ao apagamento de argumentos em uma sentença, visa-se comprovar que a aquisição da segunda língua ocorra via acesso à GU; e, com isso, discutir de que modo a GU é acessada na aquisição da L2; embora nossa hipótese inicialmente preveja o acesso parcial. Desse modo, a hipótese a ser testada é a de que, no estágio inicial da aquisição da Língua Portuguesa escrita como L2, o sinalizante tenderá a transferir os valores paramétricos de sua língua materna para a Língua Portuguesa. Essa hipótese nos permite prever que em sua produção escrita em Língua Portuguesa há a possibilidade de omitir-se tanto o sujeito como o objeto nas construções com verbos com concordância da LSB. Isso é perfeitamente possível tendo em vista que estamos frente a um parâmetro, não a um princípio universal.

A realização dessa pesquisa se dá pela análise de sentenças escritas em Língua Portuguesa por sinalizantes surdos. Para tanto, os dados da análise foram obtidos por meio de uma técnica experimental intra-línguas,

---

<sup>3</sup> Nesta pesquisa iremos nos ater às flexões verbais que indicam as três pessoas do singular, pois estamos levantando a hipótese de que há restrições fonológicas para a realização do sinal dos verbos com concordância indicando as pessoas do plural na LSB, havendo necessidade de ocorrer o preenchimento dos pronomes do plural quando a concordância ocorre com o objeto. Logo, os verbos com concordância indicando a concordância com o objeto pluralizado não licenciam argumentos vazios. Além disso, desconhecemos qualquer literatura que trate especificamente desse fenômeno na LSB.

denominada "produção eliciada", com dezessete alunos surdos cursando o ensino médio. Os resultados da investigação especificam as propriedades variáveis entre as duas línguas, no que se refere à concordância verbal e apagamento de argumentos do verbo, possibilitando observar o estágio inicial da aquisição da segunda língua. Desse modo, a análise contribui como forma de melhorar o ensino da Língua Portuguesa escrita para essa população sinalizante da Língua de Sinais Brasileira.

Esta pesquisa está organizada em cinco principais capítulos: o Capítulo 2 - Quadro teórico, segundo o modelo de Princípios e Parâmetros da teoria gerativa, está dividido em seções: aquisição da primeira e segunda línguas, aquisição da escrita por sinalizantes surdos e as diferenças paramétricas entre a Língua Portuguesa e a LSB; o Capítulo 3 descreve a metodologia utilizada para coleta de produções escritas e, de modo geral, apresenta os nossos informantes; o Capítulo 4 descreve e discute os resultados referentes às produções escritas coletadas; e o Capítulo 5 aponta indiretamente a proficiência em L2 de nossos informantes. Finalizamos com as considerações finais e referências bibliográficas.



# Capítulo 2

## *Quadro Teórico*

Neste capítulo, apresento o quadro geral teórico a respeito da corrente inatista aplicada aos estudos da aquisição da linguagem, sob a perspectiva do modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981 e obras posteriores). Enfoca-se, nas seções 2.1 e 2.2, o modo pelo qual a GU é acionada na aquisição da primeira e da segunda línguas; na seção 2.3 aborda-se a aquisição da escrita pelos sinalizantes surdos de modo semelhante como se descreve o processo de aquisição da segunda língua oral por aprendizes ouvintes; e na seção 2.4 são apresentadas as diferenças paramétricas entre a Língua Portuguesa e a LSB, concernentes a concordância verbal e apagamento de argumentos do verbo. Estes são os pontos que nos servem de alicerce para a investigação desta pesquisa.

### **2.1. Aquisição da primeira língua - L1**

Para Chomsky (1986, 1988), todas as línguas partilham de princípios invariáveis e universais que são inconscientemente utilizados pelos seres humanos, tais princípios fazem parte da faculdade inata da linguagem, um componente específico da mente/cérebro. A este conjunto de princípios e estruturas mentais especificamente lingüísticos denomina-se Gramática Universal (doravante, GU), concebida como parte do conhecimento geneticamente herdado dos seres humanos. Em outras palavras, as propriedades centrais da linguagem humana são determinadas por princípios e estruturas mentais de conteúdo especificamente lingüístico.

“A gramática Universal é o nome dado para o conjunto de restrições com as quais todos os seres humanos nascem e que são responsáveis pelo curso da aquisição da linguagem. A Gramática Universal define a gama de variação possível, e ao fazer isso caracteriza a noção de línguas humanas possíveis. Uma caracterização da GU é uma caracterização do estado

lingüístico inicial dos seres humanos, o equipamento genético necessário para adquirirem uma língua” (Guasti, 2002:17-18).

A GU é postulada como o estado  $S_0$  inicial do conhecimento lingüístico, uniforme a todos os seres humanos que estão adquirindo a sua primeira língua e independente das condições de *input* que lhes sejam oferecidas. Segundo Kato (1995:58), a GU, longe de ser um estado vazio, é definida como o conjunto dos Princípios invariantes que regem as línguas naturais e mais os Parâmetros de variação interlingüística, logo, boa parte da língua-I, entendida como o estágio adulto do conhecimento lingüístico, já está em  $S_0$ . Nas palavras de Meisel (1997:23), a GU é também considerada um componente crucial do dispositivo da aquisição da linguagem; e “o mais importante é que isso implica que um sistema gramatical em desenvolvimento (...), contém somente estruturas e mecanismos que não violam os princípios da GU.”

O modelo Princípios e Parâmetros (doravante, P&P) foi desenvolvido para explicar aspectos universais e específicos das gramáticas os quais determinam um conjunto de línguas humanas possíveis, ou seja, o modelo é composto por um sistema constituído de Princípios, leis universais e invariáveis, que valem para todas as línguas, conforme já dissemos anteriormente, e de Parâmetros, conjuntos de propriedades de escolha binária que podem variar de uma língua para outra.

Os parâmetros são princípios abertos, variáveis de língua para língua, cujos valores deverão ser fixados pela criança através de evidências simples e positivas. Eles não são especificados mas oferecem diversas opções às propriedades das gramáticas. Os parâmetros não só explicam as diferenças óbvias entre as gramáticas de diferentes línguas, mas também permitem a variação de forma mais geral, inclusive a variação no desenvolvimento da linguagem. A teoria dos parâmetros restringe a variação em diferentes gramáticas de forma bastante rígida: o princípio em questão é dado pela GU, e as opções parametrizadas são limitadas. A maioria dos parâmetros sugeridos, até então, oferece uma escolha somente entre dois valores<sup>4</sup> [+1 ou -/0]. No processo de aquisição as crianças precisam descobrir quais são

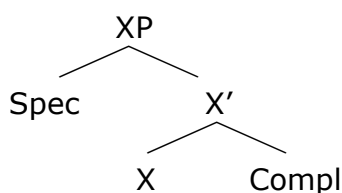
---

<sup>4</sup> Segundo Meisel (1997), existe também a possibilidade de haver mais de duas opções para o valor do parâmetro. Essa discussão bastante complexa sobre os parâmetros não será explorada aqui pois foge dos objetivos desta pesquisa.

os valores dos parâmetros correspondentes à língua alvo a que estão expostas, marcando-os positivamente ou negativamente. A opção por um dos valores paramétricos é determinada e fixada com base em informações disponíveis no *input* (isto é, os dados lingüísticos de uma dada língua particular). Para exemplificar a escolha determinada pelo parâmetro fixado pelas línguas particulares, observe a variação paramétrica na ordem dos constituintes.

O exemplo será associado à Teoria X-barra, um princípio que estabelece que todos os constituintes se estruturam endocentricamente, ou seja, são categorialmente definidos por seu núcleo. A teoria X-barra fornece o formato geral de um sintagma sintático cujo esquema se aplica a todas as línguas do mundo. Há sempre um núcleo (X) que determina as relações internas ao constituinte que são marcadas em dois níveis (X' e XP). X<sup>0</sup> combina-se com um complemento para formar um X', e o X' combina-se com um especificador, para formar a projeção máxima do núcleo. O esquema X-barra será como (1):

(1)



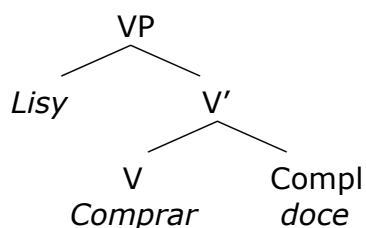
O esquema X-barra, como já ressaltamos anteriormente, é um princípio que se aplica universalmente a todas as línguas do mundo, contudo, sua estrutura interna pode variar interlingüisticamente.

Escolhemos um sintagma verbal (VP) para exemplificar a escolha determinada pelo parâmetro fixado pelas línguas particulares em relação à ordem dos constituintes: um VP tem por núcleo um verbo (V) e se as propriedades desse verbo determinam que ele tem um sintagma nominal como complemento (Compl), duas possibilidades de ordenação estão abertas. A variação é a posição do núcleo do VP; ele pode aparecer antes ou depois de seu complemento, como apresentamos<sup>5</sup> em português (1') e em japonês (1'') respectivamente:

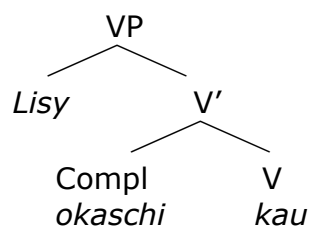
---

<sup>5</sup> As sentenças apresentadas em (1') e (1'') foram extraídas do Novo Manual de Sintaxe, Miotto et.al (2004 : 49) e adaptadas para exemplificação nesta pesquisa.

(1')



(1'')



Em Português, a posição do núcleo é inicial (preposição) enquanto que em Japonês o núcleo é final (posposição). As representações (1') e (1'') exemplificam as duas ordenações possíveis entre um núcleo e seu complemento, isto é, a ordem é uma variação paramétrica de uma língua para outra. A marcação de tal parâmetro seria:

(2)

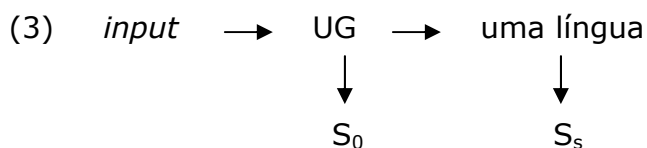
Núcleo inicial → valor [+] (parâmetro positivo)  
Núcleo final → valor [-] (parâmetro negativo)

A associação dos princípios da GU com certos valores paramétricos gera um sistema gramatical particular; porém, o ajuste dos parâmetros precisa ser acionado pela experiência lingüística: a criança que adquirir o português como primeira língua acionará o Parâmetro de Ordem Positivo, por outro lado, a criança que adquirir o japonês como primeira língua acionará o Parâmetro de Ordem Negativo.

De acordo com a proposta de Hyams (1986) no início da aquisição os parâmetros estão marcados na GU como uma opção *default*, ou seja, o parâmetro iniciaria com o valor previamente determinado – valor padrão *default* – para depois ser reajustado no momento da fixação, com a exposição ao *input*. Esclarecendo, são as opções paramétricas que estão previamente marcadas na GU, não os valores paramétricos. Estas não precisam ser as opções corretas em termos de língua-alvo, mas podem ser encontradas em alguma gramática adulta.

Segundo Miotto et al. (1999:36), “o processo de aquisição da linguagem, é tido como a “formatação” da Faculdade da Linguagem através da fixação dos valores dos parâmetros previstos na GU”. A GU é entendida como o estágio (S<sub>0</sub>) inicial do conhecimento lingüístico, como dissemos acima, e o estágio final ou estágio de estabilidade do conhecimento de uma

determinada língua seria o conhecimento da gramática adulta dessa língua ( $S_s$ ). Os autores esquematizam o processo de aquisição da linguagem:



Nessa perspectiva (cf. Chomsky, 1988), o processo de aquisição da linguagem consiste em determinar o valor dos parâmetros não especificados pela Gramática Universal, com base nos dados a que o ser humano é exposto em sua experiência lingüística.

Kato (1995:69) aponta, em seus estudos sobre a aquisição da linguagem, que podem ser identificadas duas principais tendências que refletem diferentes hipóteses quanto ao tempo gasto para ir da Gramática Universal para a gramática adulta de uma determinada língua: a hipótese Maturacionista (Felix, 1987; Bickerton, 1990, entre outros) e a hipótese Continuísta (Hyams, 1986; Clahzen, 1989 entre outros).

A hipótese Maturacionista da aquisição da linguagem postula a existência de uma fase pré-sintática no desenvolvimento da linguagem pela criança; nessa fase, a sua linguagem não envolve o conhecimento gramatical, mas somente a competência pragmática. Os maturacionistas defendem que a gramática inicial da criança é vista como uma gramática "truncada", no sentido de que só existiriam as projeções lexicais; que a aquisição da linguagem comporta certos estados não restringidos pelos princípios da GU; que as gramáticas iniciais podem diferir da gramática da língua alvo, podendo violar os princípios da GU; que a aquisição da linguagem se dá de forma gradual e progressiva, conforme os processos de maturação, isto é, a criança não dispõe de todos os princípios da GU e os parâmetros são programados geneticamente para serem fixados de maneira gradual, em diferentes momentos de maturação. Borer e Wexler (1987:124) afirmam que "certos princípios amadurecem. Os princípios não se encontram disponíveis em certos estágios do desenvolvimento da criança, estando disponíveis em um estágio posterior."

A hipótese Continuísta da aquisição da linguagem postula que desde o início a criança apresenta uma estrutura sintática que se conforma com os princípios e/ou categorias que regem a gramática do adulto. Toda a

produção da criança deriva de possibilidades autorizadas pela GU; em outras palavras, os princípios da GU não são violados no processo de aquisição da linguagem. Para os defensores dessa hipótese, todos os parâmetros estão, desde o início, disponíveis para serem fixados imediatamente, sendo a linguagem inicial da criança restrita por princípios da Gramática Universal e pelo valor não marcado dos parâmetros. Defendem, ainda, que a GU é o único fator responsável por restringir as gramáticas infantis intermediárias, enquanto que o processo de aquisição da linguagem é direcionado essencialmente pela mudança de percepção da evidência externa pela criança. Kato (1999), em conformidade com essa hipótese, defende que a gramática da criança, em todas as suas fases, é uma gramática de línguas naturais, com todos os princípios ativados, embora seus enunciados apareçam truncados por problemas de processamento ou de desconhecimento de itens lexicais.

Apesar dessas diferentes hipóteses quanto ao tempo para se ir da GU para a gramática adulta, Kato (1995) afirma que há um consenso entre os estudiosos da aquisição no que diz respeito ao que varia nas línguas, e conseqüentemente ao que a criança precisa adquirir. "É a hipótese de que a sintaxe particular de cada língua é determinada pela sua morfologia e léxico funcional (...). A variação paramétrica possível então seria uma função da variação no vocabulário funcional entre as línguas".

Sintetizando, de acordo com a Teoria de P&P, a aquisição da primeira língua é restringida pelos princípios e parâmetros da GU; a GU interage com outros mecanismos de aprendizagem no decorrer do processo da aquisição de uma determinada língua; através das evidências positivas recebidas do *input* é acionada a seqüência de reestruturações da gramática e a convergência com a representação da gramática da língua-alvo; a reestruturação da gramática depende da transformação do *input* em um gatilho (*trigger*); o estágio de estabilização é atingido no momento em que não ocorrem mais reestruturações da gramática.

Na próxima seção, apresento as discussões gerativistas a respeito da aquisição da segunda língua - L2 - e três hipóteses divergentes relativas ao

papel desempenhado pela Gramática Universal na aquisição da L2: Hipótese do Acesso Nulo, Hipótese do Acesso Parcial e Hipótese do Acesso Total.

## **2.2. Aquisição da segunda língua – L2**

A teoria da Gramática Universal também tem sido aplicada aos estudos da aquisição da segunda língua – L2 – (Flynn, 1987; Flynn & O’Neil, 1988; Phinney, 1987; Tomas, 1991; White, 1987, 1989 dentre outros). De acordo com a pesquisa de Lillo-Martin (1998), alguns destes investigadores acharam evidências de que os aprendizes de segunda língua aplicam os princípios da GU na aquisição da L2. Eles argumentam que o indivíduo em aquisição da segunda língua tem acesso aos princípios universais, incluindo os parâmetros que não foram fixados na aquisição da primeira língua. Outros têm argumentado que os princípios da GU não estão disponíveis aos aprendizes adultos da L2, talvez por causa do período crítico (Clahsen & Muysken, 1989; Johnson & Newport, 1989). Segundo esta hipótese, quanto mais tarde se adquire uma segunda língua, especialmente após a adolescência, menos chance há de se marcar os parâmetros da Gramática Universal que não foram fixados e estavam disponíveis no processo de aquisição da primeira língua.

Entre aqueles que argumentam que a GU interfere na aquisição L2, permanece uma questão ainda não resolvida em relação à marcação do parâmetro. Se a língua nativa tem a marcação determinada em um valor paramétrico, o que o aprendiz de segunda língua fixará inicialmente como parâmetro? O aprendiz de segunda língua usará inicialmente a marcação do parâmetro de sua primeira língua, ou o parâmetro da língua-alvo será determinado no curso de aprendizagem da segunda língua, sem recorrer à marcação do parâmetro de sua primeira língua? Embora estas questões não tenham sido resolvidas, há evidências disponíveis para considerar a possibilidade de que a GU influencie na aquisição da segunda língua.

Testes específicos para constatar a influência da GU na aquisição da L2 envolvem as construções que são regidas pelos princípios da GU, mas que se manifestam de diferentes formas entre a primeira língua e a língua-

alvo. Por exemplo, Tomas (1991) examinou a aquisição do inglês por aprendizes cuja língua nativa é o japonês ou espanhol, e a aquisição do japonês por aprendizes cuja língua nativa é o inglês ou chinês. A autora aplicou o teste sobre a interpretação de reflexivos (como *himself* no inglês), pois estas quatro línguas apresentam diferentes padrões a respeito da possibilidade de vinculação com os antecedentes dos reflexivos. Ela constatou que os aprendizes não feriram os princípios da GU na aquisição das suas segundas línguas, mesmo porque “eles não poderiam ter derivado (este conhecimento) somente da inspeção dos dados do *input*, nem do tratamento dos anafóricos de suas línguas nativas<sup>6</sup>” (p.211). Esta é uma revelação clara sobre o funcionamento da GU na aquisição da L2.

Testes adicionais a favor de que a GU está envolvida na aquisição da L2 deveriam mostrar que os princípios universais como os envolvidos em estruturas dependentes não são violados. Porém, esse tipo de demonstração não determina totalmente a opção por essa hipótese porque poderia ser argumentado que os princípios foram derivados da aprendizagem da L1. Uma evidência consistente para a hipótese da GU é mostrar que os aprendizes de L2 fazem a opção paramétrica via GU, mesmo que essa não seja a opção correta para a língua-alvo, mas poderá ser a opção paramétrica de uma outra língua qualquer. Evidenciar que os erros dos aprendizes são devidos aos erros do desenvolvimento morfológico, também seria consistente com a hipótese de que a GU é acionada na aquisição da L2. Se for esclarecido que os aprendizes não puderam derivar suas gramáticas da L2 pelos dados do *input* oferecidos na instrução da língua-alvo ou pelas propriedades da sua primeira língua, tal evidência sustentará a hipótese de que a GU é acionada exclusivamente.

Demonstração contrária à hipótese de que a GU desempenha seu papel na aquisição da L2 consistiria em apresentar amostras de que os aprendizes de L2 fazem estruturas agramaticais que não pertencem a nenhuma língua natural, isto é, de que os aprendizes da L2 não respeitam os princípios universais da GU. Se aprendizes da L2 apresentarem gramáticas contrárias a quaisquer das possíveis gramáticas permitidas pela

---

<sup>6</sup> Minha tradução.



GU, isto mostraria que a GU não guia o curso da aquisição da segunda língua para estes aprendizes.

De acordo com Epstein et al. (1996), Flynn (1996), White (1989), entre outros, existem três hipóteses divergentes relativas ao papel desempenhado pela Gramática Universal na aquisição da L2: Hipótese do Acesso Nulo (HAN), a Hipótese do Acesso Parcial (HAP) e a Hipótese do Acesso Total (HAT). A exposição a seguir não irá discorrer sobre as discussões e críticas referentes a tais hipóteses e sim apresentar descritivamente, segundo alguns autores, as concepções de cada uma delas.

### **2.2.1. Hipótese do Acesso Nulo (HAN)**

A Hipótese do Acesso Nulo postula que não há interferência da GU em aquisição da L2, sendo este processo completamente distinto da aquisição da L1. É suposta a total inacessibilidade aos princípios e parâmetros da GU. Os defensores dessa hipótese comparam a aquisição da primeira língua por crianças à aquisição da segunda língua por adultos e defendem que essas são atividades cognitivas inteiramente distintas - a primeira derivada da faculdade da linguagem e a segunda com base em mecanismos gerais de aprendizagem.

Bley-Vroman (1990) assume que a aquisição da L1 e de L2 são fundamentalmente distintas e aponta as diferenças observadas no processo da L2 que não ocorrem no processo da L1: a) a aquisição da L2 não é sempre bem sucedida, especialmente com relação à pronúncia e à habilidade de fazer juízos de gramaticalidade sutis; b) há variação de aprendizagem entre os aprendizes, isto é, a aquisição não ocorre de maneira uniforme em uma mesma comunidade lingüística; c) o limite do desenvolvimento na língua-alvo pode estar relacionado ao objetivo do aprendiz; d) as intuições do falante não-nativo não são determinadas, mesmo em falantes não-nativos avançados; e) há interferência de instrução formal e evidência negativa; f) há sensibilidade a fatores afetivos como, por exemplo, personalidade, socialização, motivação, atitude e outros; g) a

fossilização<sup>7</sup> atinge os aprendizes de L2. O autor conclui que o sistema de aquisição de linguagem de domínio específico pode ser capaz de explicar o que ocorre com a L1, mas não explica o processo de aquisição de L2. Neste caso, a aquisição de L2 em adultos se assemelharia à aprendizagem geral, isto é, dependeria de um sistema cognitivo geral de resolução de problemas, que atua em áreas nas quais não há domínio específico postulado.

Clahsen & Muysken (1996:722) afirmam que “adultos aprendizes de L2 perderam as opções paramétricas que não são instanciadas em sua língua nativa. (...) o contraste entre o desenvolvimento de L1 e L2 é real e fundamental: opções paramétricas especificadas na GU estão acessíveis aos aprendizes de L1, mas não de L2.”

Sendo assim, nenhum aspecto da GU interfere no processo de desenvolvimento da segunda língua, isto é, os princípios e parâmetros da GU são inacessíveis na aquisição da L2, segundo a Hipótese do Acesso Nulo (HAN).

### **2.2.2. Hipótese do Acesso Parcial (HAP)**

A Hipótese do Acesso Parcial postula que o acesso a GU na aquisição da L2 é limitado de modo bastante específico e ainda prevê que a fluência completa da L2 não seja possível.

Em conformidade com Schachter (1989) e Strozer (1992), a construção da representação mental da L1 difere significativamente do processo de construção do sistema da L2, uma vez que a GU não está disponível aos falantes no processo de construção da gramática da L2 de forma direta e independente. Isto é, somente princípios invariantes, parâmetros não instanciados ou valores de parâmetro que já foram instanciados, ou seja, fixados, na L1 permaneceriam disponíveis ao aprendiz da L2. Os defensores dessa hipótese afirmam que o aprendiz de L2 tem acesso aos princípios universais – indiretamente, por meio da L1, isto é, os

---

<sup>7</sup> Segundo Schutz (2005), fossilização ou cristalização refere-se aos erros e desvios no uso da língua estrangeira, internalizados e difíceis de serem eliminados. É característica de quem estuda línguas, especialmente na infância, sem ter contato com falantes nativos.

aprendizes da L2 têm acesso à GU e iniciam o processo de aquisição da segunda língua intermediados pela gramática da L1, sem que firmem os princípios invariáveis. Essa intermediação da gramática da L1 no processo de aquisição da segunda língua ocorre até que o aprendiz tenha se apropriado dos novos valores paramétricos da segunda língua. Reportemo-nos aos exemplos (1' e 1'') sobre marcação paramétrica para demonstrar como seria para o falante do japonês o processo inicial de aquisição do português, segundo essa hipótese: em português, a posição do núcleo de um verbo, por exemplo, é inicial enquanto que em Japonês o núcleo é final. O aprendiz do português como L2, marcaria inicialmente o valor paramétrico de sua língua materna, ou seja, no processo inicial de aquisição da L2 o aprendiz marcaria o núcleo do verbo em posição final tal qual se dá na gramática de sua língua, e formaria uma sentença do tipo: *Lisy doce compra*. Os ajustes dos valores paramétricos da língua alvo serão acionados pela experiência lingüística do aprendiz, mas como prediz esta hipótese, no processo inicial da L2 o aprendiz transferirá os valores de sua língua materna.

Em suma, de acordo com essa hipótese, a aquisição da segunda língua pode ser intermediada pela gramática da L1, isto antes que o aprendiz tenha se apropriado dos novos valores paramétricos da segunda língua.

### **2.2.3. Hipótese do Acesso Total (HAT)**

A Hipótese do Acesso Total postula que a aquisição da L2 ocorre de forma semelhante à aquisição da L1. Os princípios e parâmetros da GU se encontram disponíveis ao aprendiz de L2 mesmo durante a vida adulta.

Epstein et al. (1996:749) afirmam que "é inteiramente possível e completamente consistente com a hipótese de acesso total que um dado aprendiz de L2 tenha alcançado o estado estável da gramática alvo sem que isso seja de alguma forma refletido no seu uso da gramática alvo." Os defensores dessa hipótese alegam que existem diferenças entre o processo de aquisição de L1 e de L2, mas estas diferenças não ocorrem por falta de acesso à GU no caso de L2. Eles sugerem que a aquisição de aspectos

particulares da gramática pode ser sensível à idade, mas a fonte das diferenças não é a falta de acesso à GU na aquisição de L2 e sim o modo como crianças e adultos adquirem a língua alvo, por exemplo, o modo como adquirem o léxico e integram a GU com sistemas de desempenho externo à gramática. Os aprendizes de L2 exibem o aspecto criativo do uso da linguagem: como as crianças, os adultos não são limitados a repetir o que ouvem. Os aprendizes de L2, falantes de todas as L1 estudadas, atingem estados mentais que vão além dos dados disponíveis, e além de ensino explícito, eles podem entender e produzir enunciados que não viram ou ouviram antes. Para esses pesquisadores, a interlíngua<sup>8</sup> deve ser relacionada com os princípios e parâmetros da GU e considerada com um sistema de língua natural. Ressaltam ainda, que os padrões encontrados na aquisição da L2 não são derivados do conhecimento da L1, nem resultam de analogia com formas do *input* de L2.

Portanto, de acordo com esta hipótese, o processo de construção da gramática da segunda língua, ocorre do mesmo modo como acontece na aquisição da primeira língua.

Como vimos, há três hipóteses distintas referentes ao papel desempenhado pela Gramática Universal na aquisição da L2, de modo bastante resumido concluímos: a Hipótese do Acesso Nulo (HAN) postula que os princípios e parâmetros da GU são inacessíveis na aquisição da L2. Já a Hipótese do Acesso Parcial (HAP) advoga que a aquisição da segunda língua é intermediada pela gramática da L1 até que o aprendiz tenha se apropriado dos novos valores paramétricos da segunda língua; finalmente, a Hipótese do Acesso Total (HAT) defende que o acesso à GU na aquisição da L2 é total, isto é, a aquisição da L2 ocorre de forma semelhante à aquisição da L1. Nesta pesquisa sustento os argumentos a favor de que a GU é acionada na aquisição da L2<sup>9</sup> segundo a Hipótese do Acesso Parcial; no entanto, os resultados podem eventualmente também apontar para as

---

<sup>8</sup> Interlíngua é o sistema de transição criado pelo aprendiz, ao longo de seu processo de assimilação de uma língua estrangeira. É a linguagem produzida por um falante não nativo a partir do início do aprendizado, caracterizada pela interferência da língua mãe, até o aprendiz ter alcançado seu teto na língua estrangeira, ou seja, seu potencial máximo de aprendizado.

<sup>9</sup> Apesar de não discutir sobre o tempo gasto para se ir da Gramática Universal para o estágio de estabilização da L2, acredito que a hipótese Continuista é a que melhor se aplica à aquisição da segunda língua, mas não vamos explorar essa questão aqui pois foge do objetivo dessa pesquisa.

Hipóteses de Acesso Nulo ou Acesso Total conforme poderemos observar na análise dos dados no Capítulo 4.

Dadas as exposições circunscritas na teoria gerativa sobre a aquisição da primeira e segunda línguas e dado o posicionamento quanto à hipótese a ser sustentada nesta investigação, na seção 2.3 apresento como essa teoria pode ser aplicada aos estudos da aquisição da escrita, considerada aqui como aquisição da L2, por sinalizantes surdos.

### **2.3. Aquisição da escrita por sinalizantes surdos**

A aquisição da escrita da Língua Portuguesa pelo sinalizante da LSB é considerada a aquisição de uma segunda língua - L2. O processo de aquisição da escrita como segunda língua consiste no aprendizado de uma outra modalidade de expressão, diferentemente de se adquirir uma segunda língua na modalidade oral. Mesmo assim, alguns pesquisadores afirmam que o processo da escrita como L2 pelos sinalizantes surdos é regida pelos princípios universais e se assemelha à aquisição da uma segunda língua oral. Entre esses pesquisadores citamos Lillo-Martin (1998).

Lillo-Martin (op. cit.) levantou algumas razões para se afirmar que a aquisição da segunda língua pelo indivíduo surdo ocorra intermediada pelos princípios da Gramática Universal. Mesmo considerando a diferença da modalidade dessa aquisição, afirma que as semelhanças do processo são suficientes para propor essa hipótese. A autora examinou uma bateria de testes (*Test of Syntactic Ability – TSA*)<sup>10</sup> direcionada a crianças surdas e ouvintes, em fase escolar, para se obter dados com tarefas de produção e compreensão da escrita e julgamento sobre as estruturas sintáticas do inglês. Examinando os relatórios do TSA, a autora procurou qualquer demonstração de que as crianças surdas violavam os princípios universais. Analisou também se os erros mais freqüentes feitos pelos indivíduos surdos poderiam indicar uma fixação de parâmetro incorreta. E ainda, examinou o

---

<sup>10</sup> O teste usado para compreensão da escrita, julgamento e produção sobre a estrutura sintática do inglês inclui os seguintes itens: conjunção, determinantes, complementação, negação, pronominalização, formação de perguntas, reflexivos, apagamento de verbos, verbos auxiliares e relativização.

domínio do inglês dos informantes surdos referente às idiossincrasias léxicas e morfológicas daquela língua. O principal objetivo dessa análise era constatar que a aquisição do inglês escrito pelos indivíduos surdos como L2 é um processo regido pela Gramática Universal; para tanto, foi feita a comparação entre os alunos surdos e alunos ouvintes adquirindo a escrita e também com o processo de aquisição do inglês como L1 por crianças ouvintes.

A pesquisadora selecionou do teste os itens referentes a conjunções, pronominalização, formação de perguntas, reflexivos e sistema verbal. Faremos apontamentos sobre alguns destes itens. Comparados os alunos surdos e ouvintes, a autora percebeu que os alunos surdos cometem mais equívocos do que os estudantes ouvintes, porém estes desvios não são muito diferentes dos que se observam em seus colegas ouvintes na escola, nem do que se observa na aquisição do inglês como L1 por crianças ouvintes. Estes desvios não violam os princípios da GU, por outro lado, refletem, às vezes, marcação não- convergente de parâmetros. Alguns desvios paramétricos apresentados pelos aprendizes surdos refletem os mesmos desvios que ocorrem na aquisição do inglês por crianças ouvintes, como por exemplo, o uso de sujeitos nulos – o inglês não licencia sujeitos nulos -; mas outros desvios refletem a fixação de parâmetros da ASL (Língua de Sinais Americana), por exemplo o uso de objetos nulos – a ASL licencia objetos nulos. Também ocorreram desvios lexicais e morfológicos tais como de regras de contração, em: *I amn't tired* ou *Bill willn't go*. Neste ponto, léxico e morfológico, é onde ocorre a maior variação lingüística entre as línguas.

De modo geral, em sua revisão acerca dos problemas sintáticos, Lillo-Martin (1998) evidenciou que os princípios universais não foram violados. Esta evidência sugere que o surdo não exibe deficiências estruturais nas áreas de sintaxe inglesa e sim que essa aquisição é governada pelos princípios universais. Isto é, os erros mais freqüentes feitos pelos indivíduos surdos foram identificados como fixação incorreta dos valores paramétricos do inglês, porém existentes em outras línguas. Isto também evidencia a hipótese de que a aquisição do inglês por leitores surdos é intermediada pela GU. Referente ao domínio do inglês dos informantes surdos, a

pesquisadora constatou que a maioria dos leitores surdos tem problemas com o inglês no que diz respeito às propriedades léxicas e morfológicas. Isto porque a variação lingüística é localizada principalmente nestes domínios, e, portanto, não é surpreendente ver tais erros persistirem. Isto também é pertinente à teoria de UG.

Lillo-Martin conclui, então, que a aquisição da leitura e escrita dos indivíduos surdos apresenta similaridades com relação à aquisição de L2 por ouvintes, como também com o processo de aquisição da L1 por crianças ouvintes, isto é, este processo de aquisição é regido pelos princípios da Gramática Universal.

Portanto, estamos considerando que a aquisição da escrita da Língua Portuguesa pelo sinalizante da LSB é um processo de aquisição da segunda língua - L2 - e este é um processo regido pelos princípios da GU. Confiantes nisso, apresentamos na Seção 2.4, a seguir, as diferenças paramétricas da Língua de Sinais Brasileira e da Língua Portuguesa para que possamos observar, na análise dos dados, se há interferência ou não dos valores paramétricos da L1 na aquisição da L2 pelo sinalizante de LSB.

#### **2.4. Diferenças paramétricas entre a Língua Portuguesa e a LSB**

A Língua de Sinais Brasileira é considerada a língua materna - L1 - dos surdos brasileiros. No entanto, atualmente, raros são os surdos adultos no Brasil que tiveram o acesso direto ao *input* da LSB; a maioria deles são filhos de pais ouvintes e tiveram acesso à LSB tardiamente<sup>11</sup>, somente no período da adolescência ou na fase adulta. Os indivíduos surdos filhos de pais surdos representam um número bastante pequeno em relação aos

---

<sup>11</sup> Segundo Lenneberg (1967:158), "Entre dois e três anos de idade, a linguagem emerge através da interação entre maturação e aprendizado pré-programado. Entre os três anos de idade e a adolescência, a possibilidade de aquisição primária da linguagem continua a ser boa; o indivíduo parece ser mais sensível a estímulos durante este período e preserva uma certa flexibilidade para a organização de funções cerebrais para levar a cabo a complexa integração de subprocessos necessários à adequada elaboração da fala e da linguagem. Depois da puberdade, a capacidade de auto-organização e ajuste às demandas psicológicas do comportamento verbal declinam rapidamente. O cérebro comporta-se como se tivesse se fixado daquela maneira e as habilidades primárias e básicas não adquiridas até então geralmente permanecem deficientes até o fim da vida." No entanto, nem mesmo essas justificativas biológicas têm sido explicações finais e convincentes para o fenômeno do "período crítico" de aquisição. Aitchinson (1989) aponta para a insuficiência explicativa dos argumentos em favor desta hipótese, um deles são os casos de estudos de indivíduos que foram isolados de qualquer convívio social ou troca lingüística e adquiriram a linguagem tardiamente.

indivíduos surdos filhos de pais ouvintes<sup>12</sup>. Os surdos, filhos de pais surdos, têm acesso direto ao *input* da LSB pelo convívio familiar enquanto que surdos, filhos de pais ouvintes, adquirem a LSB, quando há iniciativa dos pais, em outros contextos sociais pelo contato com outros surdos. Segundo Quadros<sup>13</sup>, as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, com acesso à língua de sinais, também têm o *input* lingüístico adequado no processo de aquisição da LSB.

A LSB, utilizada pelos indivíduos surdos, é uma língua natural de modalidade visuo-espacial, que se estrutura a partir de mecanismos morfológicos, fonológicos, sintáticos e semânticos, exatamente como as línguas naturais da modalidade oral-auditiva. A aquisição da Língua Portuguesa escrita pelo sinalizante da LSB resulta na aquisição da segunda língua - L2. Porém, é possível que eventualmente venhamos a constatar diferentes processos de aquisição em função de alguns sinalizantes terem entrado em contato com a LSB mais tardiamente.

As diferenças paramétricas entre a Língua Portuguesa e a LSB, no que diz respeito à concordância verbal e à possibilidade de apagamento de argumentos do verbo, serão alvos de investigação que esse estudo pretende realizar. Para tanto, farei uma breve descrição desse conjunto de fenômenos em ambas as línguas.

#### **2.4.1. Concordância verbal em Língua Portuguesa e LSB**

Em Língua Portuguesa a concordância verbal se dá com todos os tipos de verbos cujas flexões indicam a pessoa pronominal do sujeito, havendo contextos sintáticos específicos que licenciam o apagamento de sujeito. Mais adiante voltaremos ao ponto referente ao apagamento de argumentos do verbo; por ora, iremos nos ater ao fenômeno da concordância verbal.

Em LSB são dois os tipos de verbos: verbos sem concordância, os quais não licenciam o apagamento dos argumentos do verbo, e os verbos com concordância, cujas flexões indicam o objeto e/ou o sujeito da

---

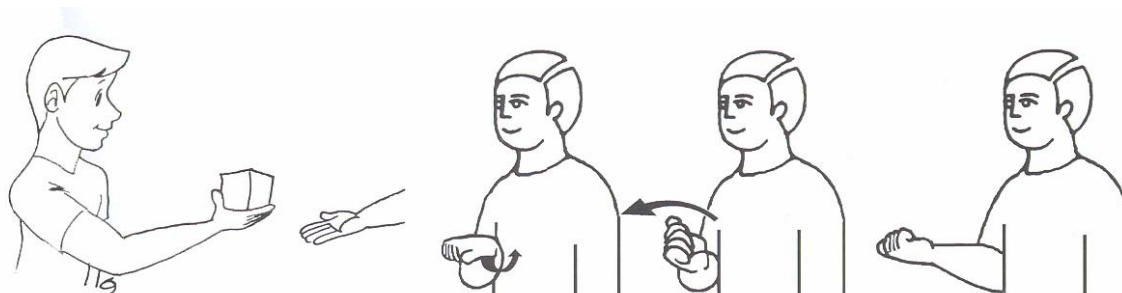
<sup>12</sup> Consideramos que haja mais indivíduos surdos filhos de pais ouvintes do que surdos filhos de pais surdos tendo em vista a dificuldade ao selecionar um grupo de controle formado somente por surdos filhos de pais surdos para essa pesquisa.

<sup>13</sup> Em comunicação pessoal, outubro de 2004.



sentença; neste caso, é licenciado o apagamento tanto do objeto quanto do sujeito da sentença. Quanto aos verbos, Ferreira-Brito (1995:61-64) assume que são dois os principais tipos de verbo em LSB: direcionais e não-direcionais. Os verbos direcionais são aqueles em que ocorre a flexão de pessoa e número e os verbos não-direcionais são aqueles em que não ocorre a flexão. Quadros (1999 *apud* Quadros & Karnopp, 2004) simplificou a classificação dos verbos na LSB em verbos sem e com concordância verbal: com “verbos sem concordância”<sup>14</sup> a apontação é explícita e com os “verbos com concordância” ocorre o processo de incorporação<sup>15</sup> de pronomes. A terminologia adotada neste estudo para os verbos que se flexionam em pessoa e número será de “verbos com concordância”<sup>16</sup>. Para exemplificar apresentamos as figuras a seguir que representam os verbos com e sem concordância:

**Figura 1 – Verbo com concordância – DAR ou ENTREGAR**



O sinal parte de quem dá em direção a quem recebe; no exemplo o sinalizante dá; Na ilustração o ponto inicial do movimento direcional do sinal corresponde à primeira pessoa do singular (ponto próximo ao peito do sinalizante) e o ponto final na direção à direita do sinalizante, terceira pessoa do singular (ponto estabelecido no espaço para 3ª. p. do sing.): Eu dou para ele [a caixinha] – (este último sinal não está representado, nem tão pouco o tempo verbal). Descrição do verbo DAR: Mão em A<sup>17</sup> horizontal, palma para baixo, ao lado direito do corpo. Gira a palma para dentro, e então movê-la em um arco para cima e para o lado direito. (Dicionário Trilíngüe – Língua de Sinais Brasileira, vl. 1, 2001,p. 493)

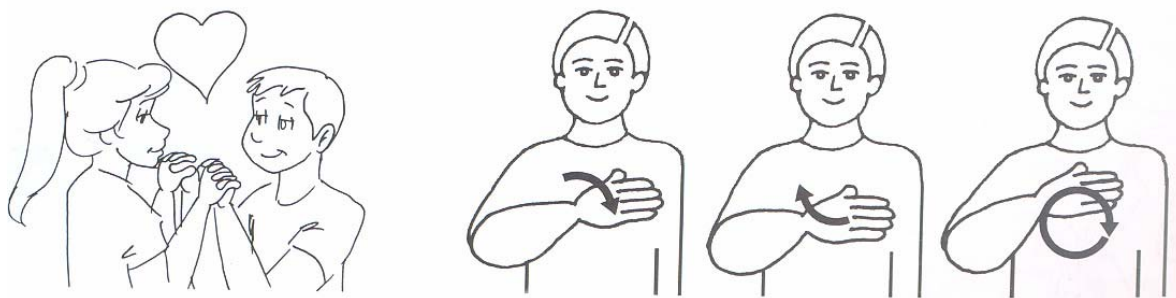
<sup>14</sup> Os “verbos sem concordância” são verbos –Agr (do inglês *agreement*), pois não apresentam o elemento concordância.

<sup>15</sup> Em LSB a incorporação de informação morfossintática (cf. Ferreira-Brito, 1995) se dá pela duplicação da informação lexical somada à informação de ordem sintática (OD, LOC, SUJ). Caso especial de incorporação são os verbos com flexão, os quais fazem recurso à direção do Movimento, marcando o ponto inicial do M, o sujeito, e o ponto final do M, o objeto.

<sup>16</sup> Os “verbos com concordância” são verbos +Agr (flexão de número e pessoa), que apresentam o elemento de concordância. A terminologia adotada nesta dissertação de “verbos com concordância” se dá pois esta é a mais difundida entre os pesquisadores de língua de sinais, entre eles, Quadros (1995), Quadros e Karnopp (2004), Loew (1984), Lillo-Martin (1986), Liddel (1990), Padden (1990), Emmorey (1991) e outros.

<sup>17</sup> Nas línguas de sinais também ocorre regionalismo. Observei que em Florianópolis/SC a configuração de mão do sinal do verbo DAR é realizado de modo diferente da ilustração. A articulação da Configuração de Mão naquela capital não é realizada com todos os dedos unidos à palma da mão (CM em **A**) e sim com os quatro dedos unidos ao polegar.

**Figura 2 – Verbo sem concordância – GOSTAR**



O verbo, sem concordância, GOSTAR é realizado com a mão direita horizontal aberta, palma para dentro, tocando o peito. Movê-la, descrevendo círculos horizontais, para a esquerda. Se o sinalizante desejar formar uma sentença como *Eu gosto de você*, é preciso realizar o sinal dos pronomes correspondentes à pessoa do discurso, neste caso, indicarão o Sujeito e o Objeto da sentença. (ilustração: Dicionário Trilíngüe – Língua de Sinais Brasileira, vl. 1, 2001,p. 714)

Portanto, os parâmetros que se referem à concordância verbal, ou à flexão número-pessoal dos verbos, são bastante distintos entre as duas línguas, haja vista que a concordância dos verbos na Língua Portuguesa indica o sujeito de uma sentença e todos os verbos são flexionados, enquanto que em LSB a concordância se dá com o sujeito e com o objeto, somente com os verbos com concordância. Podemos esquematizar essa marcação paramétrica da seguinte forma:

**Quadro 1 – Parâmetro da Concordância Verbal da Língua Portuguesa e LSB**

Língua Portuguesa	LSB	
Todos os tipos de verbos	Verbos c/ concordância	Verbos s/ concord.
Valor [+] concordância com o sujeito.	Valor [+] concordância com o sujeito.	Valor [-] para verbos sem flexão.
Valor [-] concordância com o objeto.	Valor [+] concordância com o objeto.	
Marca de concordância com todos os tipos de verbos, cujos sufixos flexionais indicam a pessoa e número do discurso.	Marca de concordância com verbos flexionados em número e pessoa, cujo movimento direcional indica as pessoas pronominais.	Sem marca de concordância. Apontação da pessoa pronominal é explícita.

O parâmetro da concordância verbal na Língua Portuguesa (com todos os verbos) é fixado no valor positivo indicando o sujeito da sentença e negativo ao corresponder com o objeto; por outro lado, em LSB o parâmetro da concordância verbal (somente com os verbos com

concordância) é fixado nos valores positivos, indicando a concordância com o sujeito e com o objeto da sentença.

#### **2.4.2. Apagamento dos argumentos dos verbos em Língua Portuguesa e LSB**

Quanto ao apagamento de argumentos em uma sentença, Quadros (1995) afirma que na LSB a marca de concordância com o sujeito e o objeto licencia dois argumentos nulos em uma sentença, sendo essa uma língua *pro-drop*. O português brasileiro (português falado) não é considerado por muitos autores como uma língua totalmente *pro-drop* (ver Figueiredo Silva (1996), Galves (1991), Duarte (1995), entre outros), pois perdemos sujeitos referenciais dada a perda de flexão do paradigma verbal.

No português brasileiro o enfraquecimento da morfologia de concordância (cf. Galves, 1993) está em franco progresso e o comportamento em relação ao sujeito nulo pronominal e a inversão parecem estar sendo afetados, mas de forma não uniforme (cf. Duarte, 1993; Figueiredo Silva, 1994). O enfraquecimento do paradigma flexional é responsável por dificultar a identificação do sujeito nulo no PB, dada a perda das marcas de pessoa no verbo, já que há uso de flexões idênticas para várias pessoas do discurso. Este fenômeno também se refletiu no português escrito. O PB também é uma língua de objeto nulo e este, caso seja [-animado], terá grandes chances de vir apagado ao menos na fala (ver Farrell (1990) e Galves (1991a e b, 1993), Bianchi & Figueiredo Silva (1993) e Cyrino (1997)). Bianchi & Figueiredo Silva (1993) afirmam que a identificação dos objetos nulos do tipo pronominal fica a cargo dos traços sintáticos de concordância do objeto que o PB possui ainda que não se manifestem morfologicamente. Voltaremos a discorrer sobre o apagamento do sujeito e do objeto no português e em LSB mais adiante, primeiramente vamos discutir o fenômeno do parâmetro *pro-drop*, identificado, de algum modo, nas duas línguas.

O parâmetro *pro-drop* está ligado à flexão, permitindo o aparecimento de uma categoria vazia na posição sujeito. Línguas cujo paradigma de flexão verbal seja morfologicamente rico por apresentarem

flexão para todas as pessoas e números fixarão o parâmetro *pro-drop*, permitindo a omissão do pronome lexical. Vejamos, a concordância é um fenômeno sintático e a riqueza do paradigma verbal é medida morfológicamente pelas pessoas (e número) que há no paradigma. Este fenômeno, parâmetro *pro-drop* ou *sujeito nulo*, especifica as condições gramaticais que devem ser preenchidas para que esta categoria vazia, supostamente “pro”, possa ocorrer, mas também uma série de outras propriedades sintáticas: 1) as línguas com sujeitos nulos não apresentam expletivos; 2) línguas com sujeitos nulos permitem a inversão livre em sentenças simples, e; 3) outras propriedades – (a) movimento-qu longo a partir da posição sujeito, (b) pronomes resumptivos vazios em sentenças encaixadas, e (c) violações aparentes do filtro [that-t] (Chomsky 1981:240ff). Exemplificaremos<sup>18</sup> com sentenças do italiano e do inglês o conjunto de propriedades características de línguas de sujeito nulo:

(4)

a) sujeito não manifesto

Ho trovato il libro.

\* Found the book.

*Achei o livro*

b) inversão livre em sentenças simples

Há mangiato Giovanni.

\* Has eaten John

*comeu Giovanni*

c) movimento-qu longo a partir da posição de sujeito

L'umo [che mi domando[chi cv abbia visto]]

\* The man [I wonder [who cv had seen]]

*com a interpretação: "o homem x tal que eu me pergunto quem x viu"*

d) pronome resumptivo vazio em sentenças encaixadas

Ecco la ragazza [che mi domando [chi crede [che possa VP]]]

This is the girl [I wonder [who believes [\*(she) can VP]]]

*Essa é a garota [que me pergunto [quem acha [que possa VP]]]*

e) violação aparente do filtro \*[that-t]

Chi credi [che partirá]

\*Who do you think that will leave?

*Quem achas [que partirá]*

<sup>18</sup> Exemplos em (Chomsky, 1981:240). As glosas no texto original são dadas em inglês e as traduções aqui apresentadas foram extraídas de Simões (1997).

Nas línguas em que a concordância não rege apropriadamente a posição de sujeito, esta posição tem que ser lexicalmente preenchida (cf. Chomsky 1981). Em outras palavras, línguas cujo paradigma é morfologicamente rico por apresentarem flexão para todas as pessoas e números fixarão o parâmetro como faz o italiano. Esta língua manifesta morfologicamente através de uma marca flexional distinta cada uma das seis combinações possíveis para os traços de número e pessoa, marcando apropriadamente a posição de sujeito. Línguas em que o paradigma não é morfologicamente rico funcionarão como o inglês. Esta língua apresenta apenas uma marca distintiva no presente do indicativo, portanto a concordância não rege apropriadamente a posição do sujeito, esta posição tem que ser lexicalmente preenchida. Morfologicamente, o requisito básico para riqueza será a existência de três formas distintas, correspondentes às três pessoas do discurso, no singular ou no plural.

Passemos a apresentar os traços de número e pessoa de concordância verbal da Língua Portuguesa, que nos indicam a possibilidade de apagamento do sujeito em uma sentença. Na seqüência, descreveremos a possibilidade de apagamento do objeto nessa língua. E posteriormente, apresentaremos esses mesmos aspectos lingüísticos em relação à LSB.

#### **2.4.2.1. Sujeito e objeto na Língua Portuguesa**

Segundo Figueiredo Silva (1994:40), no português, os traços de número e pessoa da concordância verbal são no máximo quatro. A autora exemplifica: eu canto, você canta (tu canta), ele canta, a gente canta (nós cantamos), vocês cantam, eles cantam.

Segundo Lobato (1986), em Português, os verbos apresentam traços de número e pessoa que marcam os nomes aos quais se referem. As marcas de pessoa e número são consideradas flexões. Os verbos concordam com elementos nominais (que será o sujeito) em número e pessoa, sendo essa uma regularidade geral da língua. O traço de número recebe dois valores: (+ e -). As pessoas do singular recebem o traço (+) e as do plural (-). Aos traços das pessoas inerentes ao nome faz-se a combinação de traços binários: A 3ª. pessoa é marcada pelo traço [+3], e o

traço de [-3] é atribuído a 1ª. e 2ª. pessoas. À 1ª. é associado o traço [-3,+1] e à 2ª. o traço [-3,-1]. A 3ª. pessoa pode fazer referência a seres ausentes da situação de comunicação, ao contrário da 1ª. e 2ª. pessoas, que se referem ao locutor e ouvinte, respectivamente, que têm de estar presentes na situação de comunicação, isto é são elementos dêiticos. Apresentadas as diferentes propostas que concernem aos traços de número e pessoa da concordância verbal, encaminharemos nosso trabalho segundo a proposta apresentada acima por Figueiredo Silva (1994:40); porém ainda que de forma impressionista, acreditamos, diferentemente da autora, que a segunda pessoa direta (tu) ainda é bastante produtiva e os traços de concordância com essa pessoa do discurso são marcados pela flexão do verbo, isso, pelo menos, na capital do estado de Santa Catarina, local onde residem e estudam nossos informantes. Logo, o *input* oferecido aos nossos informantes, na escrita, pode apresentar a concordância verbal indicando os traços da segunda pessoa direta através da flexão do verbo, por isso, incluiremos o traço de segunda pessoa direta em nossa análise. Desse modo, elaboramos o quadro 2, que apresenta a possibilidade de três traços pessoais do singular<sup>19</sup> da concordância verbal:

**Quadro 2 - Paradigma flexional das pessoas do singular do Português<sup>20</sup>**

<b>Verbo regular de 1ª. conjugação (entregar) do Português</b>		
<b>Sintagma Nominal (SN)</b>		<b>Sintagma Verbal (SV)</b>
<b>PESSOA</b>	<b>NÚMERO</b>	<b>SINTAGMA FLEXIONAL (SF)</b>
1ª. (eu)	sing.	entreg-o
2ª. direta (tu)	sing.	entrega-s
2ª. indireta (você)	sing.	entrega-Ø
3ª. (ele/ela)	sing.	entrega-Ø

Rocha (1998:208) afirma, sobre o Português, que os morfemas verbais de pessoa e número são exigidos pela natureza da frase. Eles concordam com o sujeito. As noções de pessoa e número são expressas no verbo através de morfema cumulativo, pois expressam essas noções em um único morfema. A concordância pode ser usada como um critério para definir a pessoa, o número, o tempo e o modo como flexões verbais do

<sup>19</sup> Como já mencionamos na nota 3, nesta pesquisa trataremos apenas das três pessoas do singular.

<sup>20</sup> Adaptação do quadro apresentado por Duarte (1995:1).

português. O autor constata que a flexão não é um fenômeno estritamente morfológico, pois está ligado à concordância, ou seja, à sintaxe.

Para a análise dos dados coletados (Capítulo 4) adotaremos o paradigma flexional do verbo em Português conforme apresentado no Quadro 2 deste Capítulo. A seguir passaremos a descrever a possibilidade de apagamento do objeto no Português Brasileiro (PB).

Cyrino (1997) propõe que o objeto nulo do PB, normalmente associado a antecedentes [-animado], envolva a reconstrução dos traços do antecedente em Forma Lógica (FL).

Segundo Cyrino (1997:229), os objetos nulos do PB podem ser considerados como o resultado de apagamento do elemento no componente fonológico e sua reconstrução em FL, processo também presente em outras construções, como elipse de VP e elipse sentencial. "Em PB o objeto nulo pode ocorrer livremente em qualquer contexto, inclusive ilhas. A categoria nula, nesse caso, seria resultado de construção de um antecedente nominal com o traço [-animado]. Quando o antecedente é [+animado], ao invés de objeto nulo, temos um pronome lexical pleno."

Cyrino assume que o objeto nulo é de certa forma uma elipse, porém uma elipse nominal. É semelhante a uma elipse sentencial, pois esse tipo de estrutura tem uma contrapartida com o pronome audível em Forma Fonética (FF). No caso, o falante escolhe a opção "silêncio" versus opção "pronome" (ou a repetição de DP/NP) para reduzir uma redundância do discurso. A autora segue a proposta de Kato (1991a, b) para quem a elipse de VP estaria envolvida em alguns casos de objeto nulo. Kato (*apud* Cyrino, 1997:69) admite que o objeto nulo resultado de elipse de VP pode ocorrer no PB quando em sentenças complemento. No caso, o antecedente estaria no discurso anterior e não no discurso pragmático. Para Cyrino, a diferença entre elipse de VP e objeto nulo em PB é que este não impõe identidade verbal para sua ocorrência, ao contrário da condição imposta por aquele. Em elipse sentencial também não há o requerimento de identidade verbal. Exemplificamos:

(5) A mãe descascou a banana, mas a criança não comeu \_\_\_\_

(6) O cara perdeu a carteira e não acha \_\_\_\_ em lugar algum.

(7) O homem consertou o chuveiro?  
João disse que consertou \_\_\_\_ ontem.

(8) Você quer melancia?  
Eu quero \_\_\_\_.

Cyrino, ainda, apresenta as restrições para realização do objeto nulo:

O objeto nulo com antecedente [+animado, +específico] em PB somente existiria dentro de uma estrutura de reconstrução, com elipse de VP. Se o antecedente é [+animado, +específico] não se pode ter o objeto nulo. O preenchimento deve ser, então, somente por pronome lexical na fala ou clítico na linguagem formal/escrita. Exemplificamos, respectivamente:

(9) Os policiais bateram nos presos antes de interrogar eles.  
(10) Os policiais bateram nos presos antes de interrogá-los.

O objeto nulo não pode ocorrer em uma cláusula complemento, tendo como antecedente o sujeito da matriz. Conforme Cyrino (1997:213), "não há nada na teoria da reconstrução que impediria um objeto de ter como antecedente um sujeito na cláusula anterior, se os requerimentos de mesmo vocabulário terminal e mesma estrutura categorial fossem obedecidos." Exemplificamos em (11) e (12):

(11) \*O professor<sub>i</sub> disse que a Lisy beijou \_\_\_\_<sub>i</sub>  
(12) O professor disse que a Lisy não beijou o menino<sub>i</sub> na escola, mas o menino<sub>i</sub> disse que ela beijou \_\_\_\_<sub>i</sub>

As sentenças (11) e (12) foram extraídas e adaptadas de Cyrino (1997:11). Segundo Cyrino, a sentença (11) não é gramatical, pois o objeto nulo do PB, reconstrução do DP/NP antecedente, é somente possível no caso de esse antecedente ser [-animado]. Em (12) a autora argumenta que temos uma estrutura de elipse de VP, razão pela qual teríamos aparentemente um objeto nulo animado. Vejamos em (13) um exemplo que Cyrino apresenta de Farrel (1987), que o considera agramatical.



(13) ? Julia; sempre chora quando ponho \_\_\_\_\_ i no berço.

A autora considera que a sentença em (13) é agramatical porque nesse caso o antecedente é [+animado, +específico] não podendo ter o objeto nulo. Portanto, o preenchimento deve ser somente por pronome lexical (ou clítico, na linguagem formal escrita), como em (14):

(14) Julia sempre chora quando ponho ela / quando a ponho no berço.

Cyrino explica que em (11) o que impede o objeto de ter como antecedente um sujeito na cláusula anterior é que nessas cláusulas o sujeito é sempre [+animado]. Portanto, sua proposta, em que o "objeto nulo do PB é uma estrutura de reconstrução que só é possível quando seu antecedente é um NP [-animado], pode explicar a ausência do objeto nulo em tais cláusulas." O objeto nulo do PB normalmente não tem por antecedente elementos [+animados], a não ser em estruturas que podem ser consideradas elipse de VP ou quando o antecedente é também [-específico]. Assim "nunca poderá ocorrer em sentenças completivas que têm como antecedente o sujeito da cláusula matriz – este sempre é [+animado]." No entanto, quando o antecedente é [-específico], podemos ter no PB um objeto nulo cujo antecedente é [+animado]. Vejamos um exemplo extraído de Duarte (1986):

(15)

- ) FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria o menor infrator; não é ela o único responsável, o único que cria(e), e como tal ela não consegue recuperar (e). (p.13)
- a) A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria [o menor infrator]; não é ela o único responsável, o único que cria [*o menor infrator*], e como tal ela não consegue recuperar [*o menor infrator*].

Quando o antecedente é não-específico, a preferência é de não se usar clítico no PB atual, mas sim, a opção "objeto nulo". Cyrino de certa forma aceita o caráter pronominal do objeto nulo pois sugere que além de ter a mesma função, o objeto nulo é resultado do mesmo processo operante

na estrutura de certos pronomes (pronomes clíticos “*paycheck*”, e o pronome clítico neutro.). E quando o antecedente é [-animado] - seja específico ou não - também é possível a ocorrência de objeto nulo. Exemplificamos, respectivamente, conforme Cyrino (p. 214):

(16) ` \_\_\_\_ Está faltando um copo dos novos...  
` \_\_\_\_ Se está faltando, é porque você quebrou \_\_\_\_`  
(Marques Rebelo, Rua Alegre, 12, p. 18)

(17)  
) Eu sonho com Paris há tanto tempo que prá mim, é como se eu já tivesse conhecido \_\_\_\_\_. (Falabella, No coração do Brasil, p. 52)  
a) Eu sonho com [Paris] há tanto tempo que prá mim, é como se eu já tivesse conhecido [*Paris*].

Em suma, o resultado da análise da autora mostra que em PB o objeto nulo é reconstrução em FL e elipse em FF, quando seu antecedente é [-animado]. No PB, o objeto nulo pode ocorrer em ilhas, não se restringe a ser arbitrário ou a somente ter como antecedente NPs indefinidos, ou seja, o objeto nulo do PB pode ocorrer em (quase) qualquer estrutura e seu antecedente pode ser específico, ou seja, pode ser definido. O preenchimento do objeto ocorre com um NP [+específico, +animado] como antecedente e o objeto nulo no PB é resultado de reconstrução não somente quando seu antecedente é [-específico], mas também quando é [-animado].

A seguir passaremos a descrever como se apresentam os traços de número e pessoa da concordância verbal em LSB, assim como também a possível realização do sujeito e objeto em uma sentença.

#### **2.4.2.2. Sujeito e objeto na LSB**

Ferreira-Brito (1995:47) afirma que a LSB apresenta três pessoas do discurso, no singular e plural. Em todos os casos do singular, a configuração usada é a mão em [G<sub>1</sub>]. Vejamos a figura a seguir:

**Figura 3 – Configuração da Mão [G<sub>1</sub>] usada para indicar as três pessoas do singular.**



Na primeira pessoa, o indicador aponta para o peito do locutor; na segunda, para o interlocutor; as terceiras pessoas são representadas por pontos no espaço, estabelecidos durante o discurso, ou pela localização do referente presente<sup>21</sup> (cf. ilustrado em Quadros 1997: 51-53 e Quadros & Karnopp 2004: 112 e 113). Quadros & Karnopp (2004:130) afirmam que “na língua de sinais brasileira, os sinalizadores estabelecem<sup>22</sup> os referentes associados à localização no espaço, sendo que tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso. Quando os referentes estão presentes, os pontos no espaço são estabelecidos baseados na posição real ocupada pelo referente. (...) Quando os referentes estão ausentes da situação de enunciação, são estabelecidos pontos abstratos no espaço.”

Aos referentes pronominais incorporados nos verbos com concordância, a posição do corpo, a orientação do olhar e da mão proporcionam informação sobre a atribuição de papéis temáticos e a ordem da estrutura sintática dos sinais (constituintes). Quadros & Karnopp (2004:112-119) afirmam que as formas flexionais que se responsabilizam pela expressão de pessoa são estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, incorporando estes pontos previamente

---

<sup>21</sup> A proposta de Lillo-Martin e Klima (1990 *apud* Quadros, 1997:58) para o sistema pronominal da ASL “é de que os pronomes sejam marcados com um índice referencial (R-índice) assim como todos os sintagmas nominais completos ou pronomes nas línguas faladas. Os autores propõem o uso de um pronome singular para todos os pronomes, incluindo a referência para a primeira pessoa”. Meier (1990, *apud* Quadros, 1997:58) propõe “uma divisão entre dois grupos pronominais na ASL: os de primeira pessoa e os de não primeira pessoa. Ele sugere que, em vez da diferenciação entre as categorias de segunda e terceira pessoas na ASL, parece haver, isto sim, distinção entre as primeiras pessoas do singular e plural.”

<sup>22</sup> Quadros & Karnopp (2004:115) afirmam que “as possibilidades de estabelecimento de referentes são inúmeras, embora a capacidade humana de memória restrinja-as. Todos os referentes estabelecidos no espaço ficam à disposição do discurso para serem referidos novamente através da apontação ostensiva ou da flexão verbal.”

indicados no espaço para determinados referentes. A flexão dos verbos em LSB é considerada um processo morfológico. Ferreira-Brito (1995:48) afirma que o ponto inicial do movimento é o sujeito e o ponto final é a flexão do objeto<sup>23</sup>, conforme vimos na figura 1 que representa um verbo com concordância, cujo movimento direcional no espaço determina em pontos estabelecidos o sujeito e o objeto da sentença.

Segundo Quadros & Karnopp (2004:130 e 199), na LSB, os verbos com flexão concordam com o sujeito e/ou com o objeto indireto/direto da frase. Elaboramos dois quadros que apresentam os traços de número e pessoa da concordância verbal em LSB. O quadro 3 indica a concordância com o sujeito e o quadro 4 a concordância com o objeto. Apesar de se apresentarem separadamente, na representação de um verbo com concordância ocorre a incorporação do Sujeito e do Objeto (nulos); em outras palavras, a concordância com o sujeito e com o objeto ocorre simultaneamente. Vejamos os quadros 3 e 4 e os comentários a seguir<sup>24</sup>:

**Quadro 3 - Paradigma Flexional das pessoas do singular em LSB.**

<b>Verbo com concordância (entregar) da LSB</b>		
<b>SUJEITO</b> Ponto estabelecido em uma localização espacial. (locação da mão)		<b>VERBO COM FLEXÃO</b> Incorporação do sujeito e objeto
Ponto inicial (a)		Sinalização do ponto (a) p/ o ponto (b) (movimento direcional)
<b>Sintagma Nominal (SN)</b>		<b>Sintagma Verbal (SV)</b>
<b>PESSOA</b>	<b>NÚMERO</b>	<b>SINTAGMA FLEXIONAL</b>
1 <sup>a</sup> . próximo ao corpo do sinalizante (eu)	sing.	<sub>1</sub> ENTREGAR <sub>ponto b</sub>
2 <sup>a</sup> . na direção do interlocutor (tu/você)	sing.	<sub>2</sub> ENTREGAR <sub>ponto b</sub>
3 <sup>a</sup> . referente específico (ele/ela)	sing.	<sub>3</sub> ENTREGAR <sub>ponto b</sub>

<sup>23</sup> Nos verbos direcionais chamados “revertidos” ou reversíveis como os verbos CONVIDAR e PEGAR, o ponto inicial marca o objeto direto, objeto indireto ou locativo e o ponto final marca o sujeito.  
Ex.1: <sub>3</sub>PEGAR<sub>1</sub> (=Eu peguei aquilo ou aquilo foi pego por mim) / Ex. 2: <sub>2</sub>CONVIDAR<sub>1</sub> (Eu te convidei ou você foi convidado por mim). Ferreira-Brito (1995:56 e 63). No exemplo 1 e 2, os números sob-escritos anteriores e posteriores ao verbo indicam as pessoas do discurso: 3 = 3<sup>a</sup>. pessoa do singular; 1 = 1<sup>a</sup>. pessoa do singular; 2 = 2<sup>a</sup>. pessoa do singular.

<sup>24</sup> Essa análise morfológica bem como os quadros 3 e 4 são de Pires (2004) com base em descrições de Ferreira-Brito (1995) e Quadros & Karnopp (2004).

**Quadro 4 - Paradigma flexional das pessoas do singular em LSB.**

<b>Verbo com concordância (entregar) da LSB</b>		
<b>VERBO COM FLEXÃO</b> Incorporação do sujeito e objeto.	<b>OBJETO (OI)</b> Ponto estabelecido em uma localização espacial (locação da mão)	
Sinalização do ponto (a) para o ponto (b) (movimento direcional e orientação da mão)	Ponto final (b)	
<b>Sintagma Verbal (SV)</b>	<b>Sintagma Nominal (SN)</b>	
<b>SINTAGMA FLEXIONAL</b>	<b>PESSOAS</b>	<b>NÚMERO</b>
ponto a ENTREGAR <sub>1</sub>	1 <sup>a</sup> . próximo ao corpo do sinalizante (eu)	sing.
ponto a ENTREGAR <sub>2</sub>	2 <sup>a</sup> . na direção do interlocutor / posição do corpo e a orientação do olhar direcionado ao referente (tu/você)	sing.
ponto a ENTREGAR <sub>3</sub>	3 <sup>a</sup> . referente específico / posição do corpo e a orientação do olhar direcionado ao referente (ele/ela)	sing.

Morfologicamente, as noções das pessoas do singular da concordância verbal em LSB são formadas pelos seguintes traços fonológicos: Movimento direcional (M), Locação de Mão (L), orientação (Or) e expressões não-manuais (ENM), tal qual podemos ver nos quadros. As flexões dos verbos em LSB são expressas por meio de morfemas que carregam significado de pessoa e número realizados no espaço de modo simultâneo. Os verbos com concordância contam com o morfema direcional, que indica o sujeito (ponto inicial do movimento) e que indica o objeto (ponto final do movimento).

O morfema afixado ao verbo que indica o sujeito (ponto inicial do movimento) pode ser estabelecido no espaço da seguinte forma: a 1<sup>a</sup>. pessoa do singular localiza-se (L) próximo ao corpo do sinalizante (eu); a 2<sup>a</sup>. pessoa do singular localiza-se (L) próximo ou em direção do interlocutor ou a frente do sinalizante (tu, você); a 3<sup>a</sup>. pessoa do singular localiza-se (L) no ponto do referente específico ou à frente e ao lado do sinalizante e interlocutor (ele/ela) (cf. Quadro 3). Se a 3<sup>a</sup>. pessoa do discurso não estiver presente no momento da enunciação, é estabelecido um ponto específico para essa pessoa localizando-se (L) à frente e ao lado do tórax do enunciador. Essas localizações (L) são idênticas aos pontos estabelecidos no espaço para os pronomes e também podem se referir a qualquer outro

sintagma nominal (SN ou DP). De modo semelhante ocorre com a Língua Portuguesa, cujos morfemas de pessoa e número dos verbos indicam os pronomes, as pessoas do discurso ou o sujeito da sentença. (cf. Quadro 2).

O morfemas afixado ao verbo da LSB que indica o objeto (ponto final do movimento) correspondem as 1<sup>a.</sup>, 2<sup>a.</sup> e 3<sup>a.</sup> pessoas do singular e se assemelham aos pontos de localização (L) dos morfemas que indicam os sujeitos, porém ocorre o acréscimo de outros traços fonológicos às 2<sup>a.</sup> e 3<sup>a.</sup> pessoas, tais como: Orientação (Or) e Expressões não-manuais (ENM) identificadas pela direção do olhar e do tórax. (cf. Quadro 4).

Portanto, em LSB é afixado à raiz (configuração da mão) dos verbos com concordância o morfema direcional que indica o sujeito e o objeto, isto pelo movimento da trajetória dos pontos estabelecidos no espaço (ponto inicial e ponto final). A raiz e o morfema direcional do verbo são articulados no espaço de modo simultâneo, diferentemente da Língua Portuguesa e outras línguas faladas cujos morfemas são afixados aos verbos de modo linear e seqüencial.

Em LSB, o ponto inicial do movimento direcional carrega o morfema de pessoa e número do verbo, fazendo referência à posição sintática de sujeito na sentença. O ponto final do movimento direcional carrega o morfema de pessoa e número do verbo, referindo-se a posição sintática de objeto. E a raiz é o próprio verbo em sua forma infinitiva. Na Língua Portuguesa é afixado o sufixo de pessoa e número à raiz do verbo, indicando somente o sujeito da sentença (Quadro 2). Esse é um ponto em que a LSB se diferencia da Língua Portuguesa, pois esta língua possui apenas o morfema responsável pela flexão que indica o sujeito, enquanto naquela língua ocorre o morfema que indica o sujeito e o objeto da sentença. Percebemos que as realizações dos morfemas flexionais de pessoa e número da LSB e da Língua Portuguesa são distintas morfológica e sintaticamente.

A comparação entre essas duas línguas nos leva a afirmar que há várias diferenças e semelhanças entre a morfologia da Língua Portuguesa e a da LSB, bem como nos possibilita constatar que os morfemas flexionais número-pessoais expressos nos verbos da LSB, assim como na Língua Portuguesa, são relevantes para a sintaxe.

Rathman & Mathur (2002), *apud* Quadros & Karnopp (2004), verificaram que a concordância verbal na língua de sinais está associada com diferentes tipos de verbos em relação às propriedades semânticas de seus argumentos (seleção de argumentos animados e inanimados). A concordância verbal está presente com objetos diretos/indiretos animados. A função da concordância número-pessoal em LSB é simples indexação dos participantes no estado ou evento descrito pelo verbo, não alterando o significado inerente ao mesmo. Estamos aqui considerando que a concordância ocorre com o Sujeito e com o Objeto da sentença e os morfemas flexionais ocupam uma posição sintática. O fato de a concordância verbal estar presente com objetos diretos/indiretos animados nos traz uma grande evidência de que então o processo se dá na sintaxe e não é um processo estritamente morfológico, já que é sensível a traço semântico do argumento.

Meir (2002) apresenta uma análise dos verbos com concordância, na Língua de Sinais Israelense, que vale aqui mencionar. A autora propõe que a concordância dos verbos parece ser tematicamente em lugar de sintaticamente determinada, já que o verbo concorda com seus argumentos - sua fonte e meta -, isto em se tratando dos verbos com concordância, pois a morfologia flexional de concordância não é uma propriedade geral dos verbos na língua de sinais, conforme já assinalamos anteriormente. Meir considera, ainda, que concordância não é uma propriedade dos verbos da língua de sinais, mas sim uma propriedade de DIR (morfema direcional), portanto, é esperado que nas línguas de sinais haja verbos que não flexionem para concordância. A autora define a concordância verbal em ISL: (a) Em ISL, a concordância é concebida como as especificações de local (pontos inicial e final) do verbo com concordância; (b) há dois tipos principais de verbos na língua: verbos que não flexionam para concordância (verbos sem concordância), e verbos que se flexionam (verbos com concordância e verbos espaciais); (c) o movimento de trajetória dos verbos espaciais e de concordância são do local do argumento de fonte ao local do argumento de meta, determinando nesses locais os papéis temáticos. Assim, pode ser dito que a concordância é determinada tematicamente; (d)

a orientação das mãos nos verbos com concordância é um mecanismo distinto da direção do movimento de trajetória. A orientação das mãos está para o R-loci (lugar do referente) do objeto sintático, e é analisado como um marcador de caso dativo.

A análise de concordância do verbo em ISL, proposta em seu trabalho, enfatiza o léxico, pois a autora considera que a estrutura léxico-semântica de um verbo na língua de sinais é o que determina se este se flexiona ou não. A estrutura do léxico contém os seguintes componentes: um que especifica a estrutura semântica de uma entrada léxica, um que especifica suas propriedades de marcação de argumento sintático, e um que especifica sua forma fonológica. Seguindo as teorias atuais do léxico, a autora assume que a informação léxico-semântica é representada em uma Estrutura Conceitual Léxica (LCS) (cf. Jackendoff (1987, 1990) *apud* Meir, 2002), e que as propriedades de marcação de argumento são representadas ao nível da Estrutura de Argumento de Predicado (PAS). Segundo Meir, a teoria de Jackendoff parece ser a mais adequada e explicativa para a análise das línguas de sinais especialmente em função de sua abordagem dos papéis temáticos. Sua teoria possibilita fazer uma distinção entre dois tipos de papéis – papéis espaciais e papéis de ação – e atribui a cada um desses tipos de papéis a uma camada diferente na representação da LCS. A camada temática de espaço codifica as relações de espaço entre um predicado e seus argumentos e é relacionada, então, a noções temáticas como Fonte, Tema e Meta. A camada temática de ação captura as relações de afetação entre os argumentos. Contendo dois argumentos, a primeira posição de argumento é de AFF(ect) que representa o ator ou causador, e a segunda posição de argumento é a do argumento afetado. A distinção entre as duas camadas temáticas é apoiada fortemente pela morfologia de ISL, especialmente pelos dois dispositivos morfológicos de marcação de argumento da classe de verbos com concordância. As propriedades de marcação de argumento de um predicado e as relações semânticas entre um predicado e seus argumentos já são representadas dentro do léxico. A autora assume que as posições de argumentos da Estrutura Conceitual Léxica (LCS) são traçadas dentro do nível da Estrutura de Argumento de Predicado (PAS) por meio de regras de ligação, através das quais as



posições mais proeminentes são mapeadas para posições mais proeminentes da PAS. A proeminência é determinada pelo grau de enraizamento da posição: posições de argumentos menos enraizadas são mais proeminentes que aquelas mais profundamente enraizadas, e posições da camada de ação são mais proeminentes que posições da camada temática espacial. (Jackendoff 1990, p. 258). Na análise da autora, o domínio sintático onde esta relação ocorre está definido, nas condições sintáticas mais gerais, como uma relação entre um núcleo e seus dependentes.

Meir analisa a complexidade morfológica dos verbos de concordância e propõe que esses verbos marcam os papéis temáticos de espaço dos seus argumentos e os seus papéis sintáticos morfológicamente, portanto cada argumento é duplamente marcado: é marcado como uma fonte ou uma meta pela direção da trajetória; também é marcado como o objeto (através de sujeito nulo/*default*) pela orientação das mãos. Os dois mecanismos de marcação de argumento são de naturezas diferentes. A trajetória é relacionada às noções de espaço de fonte e meta, e é determinada através de dois argumentos. A orientação é relacionada a papéis sintáticos, e é determinada por um argumento, o objeto sintático. Estas diferenças motivam a seguinte modificação à análise desenvolvida a seguir, proposta pela autora: a orientação deveria ser analisada como um afixo verbal atribuindo caso dativo, ao invés de um marcador de concordância. Meir faz notar que a orientação marca o (dativo) objeto NP, e então o sujeito NP é morfológicamente não marcado. Além disso, a marca de concordância de sujeito é opcional, considerando que a marca de objeto não é. A autora sugere, então, que a ISL também marca alguma relação de caso no verbo: a orientação é um afixo verbal marcando o argumento dativo do verbo.

A complexidade morfológica dos verbos com concordância é uma reflexão da complexidade léxica inerente a eles. Verbos de concordância consistem em três componentes: a raiz de verbo, denotando um evento de transferência; um morfema direcional, indicando a direção de movimento do argumento de tema; e um afixo verbal atribuindo caso dativo. Os dois

componentes posteriores são realizados fonologicamente pela direção do movimento da trajetória e a orientação das mãos, respectivamente.

A raiz do verbo é fonologicamente manifestada pela configuração de mão, locação, e maneira de especificações do movimento do verbo. A raiz do verbo, em verbos de transferência, não é especificada para a direção de movimento do argumento de tema, a entidade transferida. A informação sobre a direção de movimento do tema é somada pelo movimento da trajetória.

O movimento de trajetória indica se o causador é a fonte ou meta do movimento, quer dizer, se é um possuidor anterior, como em DÊ, ou um possuidor futuro, como em OBJETO PEGO. A autora sugere que o movimento de trajetória seja um morfema direcional. Segundo a autora, assim como ocorre com partículas tais como *aus* no alemão, DIR (direção) pode ser realizado como uma palavra independente, e como um morfema preso da língua. Diferentemente das línguas faladas, DIR não é anexado linearmente à raiz, mas acontece simultaneamente.

A autora analisa a orientação como um afixo verbal atribuindo caso dativo ao argumento de possuidor afetado pelo evento de transferência. Em ISL, a orientação é determinada pelo R-loci (lugar do referente) do argumento de objeto. Então, afirma que o caso dativo também codifica a pessoa (referente).

Esses três componentes, a raiz de verbo, a direção do movimento e a orientação são fundidos fonologicamente e semanticamente. Fonologicamente, eles são articulados simultaneamente, resultam em uma palavra fonológica. Isto é possível porque cada componente é manifestado por especificações fonológicas independentes. Semanticamente, todos eles são partes de um evento unificado, com fixação de tempo e especificações de aspecto.

Em suma, verbos de concordância são verbos complexos. Eles consistem em uma raiz de verbo e um morfema direcional. O morfema direcional concorda com seus argumentos internos emparelhados, e então joga os valores para os argumentos de fonte e meta no LCS, do verbo complexo. O verbo também atribui caso dativo ao possuidor afetado que é fonologicamente percebido pela a orientação das mãos. As características

dos argumentos referentes do verbo complexo são confirmadas quando o verbo determina o nominativo e o caso dativo. As características de fonte-meta são irrelevantes para a sintaxe, mas são interpretadas pelo componente fonológico como instruções para ordem linear do afixo.

Meir assume que a concordância é uma propriedade de DIR e não dos verbos, as relações de concordância *per se* já não precisam se referir às condições temáticas (fonte/meta). DIR é considerado membro de um conjunto de predicados que denotam relações espaciais, e que concorda com seus argumentos internos emparelhados. A concordância é a relação entre o núcleo e seu complemento e pode, portanto, ser colocada em termos puramente configuracionais. A partir da definição de concordância, segundo a qual, "um elemento gramatical X emparelha um elemento gramatical Y em uma propriedade Z dentro de alguma configuração gramatical", a autora afirma que a concordância em ISL ocorre como: DIR emparelha seus complementos nos seus R-loci, fonte e meta.

A autora considera que concordância não é uma propriedade de verbos e sim uma propriedade de DIR, portanto é esperado que haja verbos que não se flexionem para concordância. O fato de alguns verbos se flexionarem é o resultado de incorporar um elemento que é marcado para concordância - DIR nesse caso - na estrutura de alguns verbos. Só verbos que se fundem com DIR mostram morfologia de concordância evidente, desde que só estes verbos contêm um elemento que é morfologicamente capaz de ser flexionado para concordância. Em outros verbos falta habilidade morfológica para marcar a concordância. Estes constituem a classe de verbos sem concordância. A possibilidade ou não de um verbo afixar DIR é determinada por seu significado. DIR é autorizado pelo [Trajetória [DE, PARA]] - categoria no LCS do verbo. Só os verbos que denotam movimento de fonte para meta podem autorizar DIR. Verbos sem concordância não são de movimento nem verbos de transferência e, então, não podem autorizar DIR. Assim, a análise de Concordância de Estrutura Temática explica tanto a existência de verbos sem concordância como faz previsões relacionadas aos membros desta classe.

A concordância na língua de sinais é vinculada a um predicado particular diretamente relacionado à camada temática de espaço da LCS. A

concordância verbal nas línguas faladas não é relacionada à estrutura conceitual do verbo, mas sim a posições estritamente sintáticas. Portanto, a concordância em uma língua espaço-visual é marcada em um predicado que codifica um evento de movimento entre pontos no espaço que é precisamente o que DIR codifica.

Apresentamos os traços de número e pessoa de concordância verbal da Língua Portuguesa e da LSB, bem como a possibilidade de apagamento dos argumentos do verbo. Resumindo: em Língua Portuguesa o apagamento do sujeito nas sentenças pode ser identificado pela marca da concordância verbal, (cf. traços das pessoas do singular do Quadro 2). Especificamente, o apagamento do sujeito poderá ser realizado com a primeira e segunda pessoas do singular, já o sujeito referente à segunda pessoa indireta ou à terceira pessoa do singular deve ser preenchido, haja vista a coincidência do morfema da flexão verbal que impossibilita distinguir aquela pessoa da outra e a impossibilidade de se recorrer ao contexto; embora Duarte (1995) mostre que os sujeitos de terceira pessoa são os mais apagados. O objeto poderá ser apagado quando este for [-animado]. Já em LSB o apagamento ocorre com o Sujeito e com o Objeto quando a concordância verbal se der com as pessoas do singular. Esquematizamos essa marcação paramétrica da seguinte forma:

**Quadro 5 – Parâmetro do Apagamento dos Argumentos dos Verbos da Língua Portuguesa e LSB**

<b>Língua Portuguesa</b>	<b>LSB</b>	
<b>Todos os tipos de verbos</b>	<b>Verbos c/ concordância</b>	<b>Verbos s/ concord.</b>
<p align="center"><b>- <u>Argumento Externo</u> -</b></p> <p>Valor [+] apagamento do sujeito de 1<sup>a</sup>. p. e 2<sup>a</sup>. p. direta do singular.</p> <p>Valor [-] apagamento do sujeito de 2<sup>a</sup>. p. indireta e 3<sup>a</sup>. p. do singular.</p>	<p align="center"><b>- <u>Argumento Externo</u> -</b></p> <p>Valor [+] apagamento do sujeito com todas as pessoas do singular.</p>	<p align="center"><b>-<u>Argumento Externo</u></b></p> <p>Valor [-] apagamento do sujeito.</p>
<p align="center"><b>- <u>Argumento Interno</u> -</b></p> <p>Valor [+] apagamento do objeto [-animado; -específico]</p> <p>Valor [-] apagamento do objeto [+animado; +específico]</p>	<p align="center"><b>- <u>Argumento Interno</u> -</b></p> <p>Valor [+] apagamento do objeto com todas as pessoas do singular. [+ animado] ou[-animado]</p>	<p align="center"><b>-<u>Argumento Interno</u></b></p> <p>Valor [-] apagamento do objeto</p>

Dadas as diferenças dos parâmetros em Língua Portuguesa e LSB, que se referem ao apagamento de argumentos do verbo em uma sentença, percebemos a distinção entre as duas línguas: na Língua Portuguesa escrita é permitido o apagamento do sujeito e do objeto em caso específicos, enquanto que em LSB o apagamento do sujeito e do objeto ocorrem especialmente com os verbos com concordância.

As diferenças paramétricas entre as duas línguas referentes à concordância verbal e à possibilidade de apagamento de argumentos do verbo em uma sentença podem ser sintetizadas através do seguinte quadro:

**Quadro 6 – Síntese das diferenças paramétricas entre a Língua Portuguesa e LSB**

<b>Concordância Verbal e Apagamento de Argumentos do Verbo</b>	
<b>Em Língua Portuguesa</b>	<b>Em LSB</b>
Flexão verbal com todos os tipos de verbos.	Flexão verbal somente com os verbos denominados “verbos com concordância”
A flexão verbal indica a pessoa, número, tempo e modo <sup>25</sup> .	A flexão verbal indica a pessoa, número e aspecto <sup>26</sup> .
Marcas de concordância com o Sujeito	Marcas de concordância com o Objeto e/ou com o Sujeito.
É possível o apagamento do Sujeito pela marcação flexional e do Objeto quando este for [-animado].	O apagamento do Sujeito e Objeto ocorre pela marcação flexional do verbo com concordância.

Neste capítulo apresentamos hipóteses sobre a aquisição da primeira e segunda línguas, a aquisição da escrita pelo indivíduo surdo e as diferenças paramétricas entre a Língua Portuguesa e a LSB, teorias que nos deram suporte para levantar as hipóteses e objetivos que norteiam esta pesquisa.

No próximo capítulo apresentaremos a metodologia adotada na coleta de dados, que serão descritos e analisados, posteriormente, conforme as diferenças paramétricas entre as duas línguas.

<sup>25</sup> A flexão dos verbos em português indica a pessoa, número, tempo e o modo verbal por um morfema cumulativo, porém esses dois últimos não serão explorados neste trabalho.

<sup>26</sup> O tempo verbal em LSB é identificado por um elemento lexical, como advérbios AGORA, AMANHÃ, ONTEM, FUTURO e outros.

# Capítulo 3

## *Metodologia*

Os dados foram obtidos por meio de testes experimentais intra-línguas, do tipo produção eliciada, espontânea, descritiva e outros, realizados com 17 sinalizantes surdos cursando o ensino médio de uma instituição de ensino regular pública federal.

Esses testes referem-se à produção de sentenças escritas em Língua Portuguesa pelos sinalizantes de LSB, as quais foram obtidos em comum acordo com os respectivos autores e educadores da instituição escolar. A escola recebe alunos ouvintes e surdos e todos seguem o mesmo programa de ensino. As aulas dos alunos surdos são realizadas em uma sala exclusiva e são ministradas todas em Língua de Sinais Brasileira por professores surdos e por professores ouvintes assessorados por intérpretes. Os informantes estão na faixa etária dos 17 aos 40 anos, são portadores de surdez congênita ou adquirida após o nascimento, o grau de surdez foi caracterizada como profunda, severa e moderada. Todos os sujeitos são filhos de pais ouvintes e apenas quatro deles têm pais que se comunicam em língua de sinais. A idade que adquiriram a LSB varia entre a idade da infância, adolescência e adulta. Esses indivíduos foram alfabetizados em diferentes períodos: alguns entre 7 a 8 anos, outros dos 9 aos 10 anos e ainda dos 14 aos 18. No capítulo 5, seção 5.1 apresentaremos individualmente as características de cada informante.

O primeiro contato com os informantes foi em setembro de 2003 e desde então viemos colhendo produções escritas para análise, totalizando até o presente momento quatro aplicações de experimentos, os quais descrevemos a seguir:

A primeira produção escrita solicitada foi uma redação com o tema livre, que objetivou analisar o nível de conhecimento lingüístico da Língua Portuguesa por aqueles sinalizantes. Julgamos melhor não utilizarmos essas redações como forma de análise para essa pesquisa, pois as sentenças

produzidas ora eram sintéticas demais ora excessivamente extensas dificultando extrairmos os verbos que nos interessavam.

No segundo teste, apresentamos em uma folha de papel dez itens que mostravam em cada um deles três desenhos de sinais para que fossem ordenados, de tal forma que se organizasse uma sentença em LSB. Esses três sinais (desenhos) representavam dois DPs e um verbo, (com e sem concordância). Ex.: 1) EMPRESTAR – VOCE/TU – LIVRO; 2) GOSTAR – FUTEBOL DE CAMPO – HOMEM. Abaixo de cada sinal havia um pequeno quadradinho para que os indivíduos numerassem (1-2-3) segundo a ordem que achassem viável em LSB para construção de uma sentença. Os desenhos dos sinais possibilitavam a ordenação de três constituintes em uma sentença: sujeito – verbo – objeto. Essa atividade foi aplicada por um professor surdo para que não houvesse interferência de um ouvinte no resultado da atividade, ou seja, para que os alunos não resolvessem a atividade de modo a se fazerem entendidos por um falante de outra língua, no caso o ouvinte, transformando o resultado em uma mistura de LSB e Língua Portuguesa. Esse experimento seria realizado em duas etapas: a primeira era saber a ordem em LSB apresentada pelos alunos e a segunda consistiria em apresentar os sinais em LSB previamente ordenados na primeira etapa para que os alunos traduzissem as sentenças em português. Ao analisarmos os resultados do experimento percebemos que havíamos representado as sentenças com verbos com concordância em LSB de modo agramatical. Como já dissemos, construímos as sentenças com desenhos que representavam dois DPs e um verbo; nas sentenças construídas com os verbos com concordância, cujos verbos permitem o apagamento de seus argumentos, haviam os DPs realizados, ou seja, as sentenças com verbos com concordância apresentavam os seus respectivos argumentos explicitamente, pois este foi o único meio que encontramos, naquele momento, de representar as pessoas dos verbos. Outras falhas no experimento também foram encontradas, como por exemplo em: 3) PROFESSOR – ENSINAR – PORTUGUÊS, a ordem apresentada pelos alunos possibilitava duas interpretações em português – *o professor ensina português* e *o professor de português ensina* e ainda, 4) IRMÃ – ELE/ELA – PROVOCAR, possibilitando *ela provoca a irmã* e *a irmã provoca ela*. Diante

dessas observações, descartamos esses resultados e cancelamos a segunda etapa desse experimento.

O terceiro experimento aplicado teve como objetivo a formação de sentenças em Língua Portuguesa, com base na observação de dez gravuras tamanho A3 fixadas no quadro - "Faça uma sentença em português que descreva o que você vê nas gravuras:" As figuras apresentavam ações tais como *correr, ler, ver, encontrar* e outras que representavam verbos sem e com concordância em LSB. O resultado desse experimento também foi desconsiderado pois as sentenças produzidas pelos informantes foram predominantemente com verbos no gerúndio e com auxiliares e o nosso interesse era analisarmos primeiramente a marca de concordância realizada com os verbos principais das sentenças.

O quarto experimento foi elaborado de acordo com a técnica experimental denominada produção eliciada. Esta técnica experimental é, normalmente, utilizada para revelar o conhecimento gramatical de crianças ao produzirem estruturas sentenciais no processo de aquisição de suas línguas maternas. As estruturas sintáticas de interesse são eliciadas no contexto de um jogo, freqüentemente no qual a criança interage com um boneco. O jogo é controlado em direção ao objetivo pretendido. O boneco ou o fantoche é quem está aplicando a técnica e ao interagir com a criança irá manipular a situação ou o contexto de tal modo que conduzirá a criança a expressar verbalmente uma estrutura a ser investigada (cf. Thorton, 1996). Seguindo os critérios metodológicos dessa técnica, adaptamos o experimento ao ambiente de sala de aula e ao grupo dos indivíduos surdos composto por adolescentes e adultos. Elaboramos, então, uma estória subdividida em dez partes, ou seja, em dez pequenas estorinhas que formam o contexto de uma estória maior. Ao final de cada estorinha há uma pergunta que elicia a produção de uma sentença. Para eliciar dos informantes a produção de sentenças com verbos que interessam à pesquisa, selecionamos dez verbos estruturalmente diferentes conforme podemos observar no quadro abaixo e que correspondem a verbos com e sem concordância em LSB.



**Quadro 7 – Estrutura verbal dos verbos selecionados para o 4º. experimento**

No.	SINTAGMA VERBAL	ESTRUTURA VERBAL
1	ENCONTRAR	verbo de 2 argumentos
2	GOSTAR	verbo de 2 argumentos
3	IR	verbo de 2 argumentos
4	DIZER	verbo de 2 argumentos
5	OLHAR	verbo de 2 argumentos
6	COMPRAR	verbo de 2 argumentos
7	CHEGAR	Verbo de 1 argumento
8	AJUDAR	verbo de 2 argumentos
9	DESMAIAR	Verbo de 1 argumento
10	DAR	verbo de 3 argumentos

Esse experimento foi elaborado para ser realizado em duas etapas: na primeira, as estorinhas seriam contadas em LSB por um sinalizante surdo e os informantes responderiam por escrito suas sentenças; na segunda etapa, este mesmo experimento seria apresentado por escrito, sem interferência da LSB, e as respostas seriam obtidas por escrito segundo a leitura e compreensão do texto pelos informantes; no entanto, por motivos externos à pesquisa que não pudemos controlar essas etapas, na última hora, foram invertidas. Ambas as etapas desse experimento foram aplicadas e os resultados serão apresentados no capítulo 4. Denominamos, então, esses dados obtidos e aprovados para a análise, como 1ª. etapa do experimento e 2ª. etapa do experimento. Passaremos, desse modo, à descrição da aplicação da 1ª. etapa do experimento que consistiu na leitura e compreensão do texto sem interferência da LSB, cujas produções eliciadas dos informantes foram obtidas por escrito.

Em sala de aula estavam presentes, além de mim, a intérprete e dezesseis informantes. Com o auxílio da intérprete passei as instruções do experimento, denominado para aquele momento "atividade": Foi dito aos informantes que eles receberiam um texto para leitura com dez pequenas histórias e que em cada uma delas havia uma pergunta a ser respondida. As histórias indicariam as respostas por isso deveriam ser atentos ao texto e responder as perguntas com apenas **uma** sentença. As estorinhas envolviam três personagens (João, Maria e Luíza) que estariam conversando entre si, melhor dizendo, fariam perguntas uns para os outros e essas perguntas deveriam ser respondidas tal qual os personagens

responderiam. Para treinamento do experimento, passamos dois exemplos a nossos informantes:

(1)

- a) Uma mulher tomava remédios porque tinha pressão baixa. Se ela deixasse de tomar os remédios, ela desmaiava. A mulher esqueceu de tomar o remédio por dois dias. O que aconteceu com ela?

Resposta esperada: Ela desmaiou / A mulher desmaiou.

- b) João e Maria eram amigos. João estava contando para Maria sobre o livro que leu neste ano. Maria ficou quieta sem dizer que havia lido 4 livros. Então João provocou Maria dizendo: - Acho que neste ano você não leu nenhum livro. O que Maria respondeu?

Resposta esperada: Eu li quatro livros.

Confirmada a compreensão da "atividade" por todos, passamos a distribuir o texto com as dez pequenas histórias. Logo no início, dois dos informantes argumentaram que o procedimento normal da escola era primeiramente sinalizar o texto para depois iniciarem a leitura e, ainda, que muitos não saberiam responder as perguntas porque não sabiam ler. Mesmo aceitando o primeiro argumento, insisti na manutenção da aplicação do experimento já que esta seria a forma de apresentarmos a segunda etapa desse experimento. Quanto ao segundo argumento, sugeri que aqueles que tivessem dificuldades com a leitura fizessem-na mesmo assim e que respondessem as questões do modo como fosse possível compreender o texto. Essas manifestações influenciaram a opinião de alguns informantes, um deles nem sequer leu o texto e outros demonstraram desinteresse pela *atividade*. Mesmo com as dificuldades encontradas, conseguimos coletar dados da 1ª. etapa do experimento para a análise, cujos resultados apresentaremos no capítulo 4.

Na segunda etapa desse experimento, tomamos maior cuidado com as instruções sobre o experimento e, diferentemente da primeira etapa, os informantes foram bastante participativos. Passaremos a descrever esse experimento que contou com a colaboração do Professor de LSB e Informática, surdo sinalizante da LSB, pertencente ao quadro de

professores da escola de nossos informantes. Passadas as instruções ao professor, na data marcada ele conduziu os alunos à *atividade*. O professor disse aos alunos que contaria uma estória e durante essa estória faria perguntas para que eles dessem as repostas por escrito em uma folha numerada de 1 a 10. Informou que a estória se passaria em um Shopping e em uma festa de aniversário: João e Maria são amigos e João namora Luíza (foram fixadas no quadro de giz três gravuras para caracterizar esses personagens). João e Maria irão ao Shopping sábado à tarde para comprar um presente para Luíza que está fazendo aniversário. A festa de aniversário de Luíza é neste mesmo dia à noite. João e Maria foram convidados e estarão na festa de Luíza. Informou, ainda, que os personagens (João, Maria e Luíza) durante a estória estariam conversando e fariam perguntas uns aos outros. As respostas seriam dadas pelos alunos, que deveriam responder em português como se eles fossem os próprios personagens. Antes de os alunos terem iniciado o experimento, o professor apresentou dois exemplos para que os alunos respondessem como forma de treinamento e para que pudéssemos nos certificar de que a denominada *atividade* tivesse sido bem entendida. Os exemplos foram os seguintes:

(2)

- a) Maria e Luíza são amigas e foram a um bar. Elas queriam tomar apenas uma coca-cola. Quando se sentaram, a garçonne perguntou por seus pedidos. Luíza olhou para a garçonne e disse:

Resposta esperada: Nós queremos uma (duas) coca-cola.  
Queremos uma coca.

- b) Maria estudava na mesma sala que João. A caneta de Maria caiu no chão, perto de João, onde ela não alcançava. Ela chamou João e fez um pedido. O que Maria pediu para o João?

Resposta esperada: (João) Pega a caneta para mim.  
(tu) Pegas a minha caneta.

Rapidamente os informantes entenderam o teor da *atividade* e alguns lembraram da aplicação da primeira etapa desse experimento. As produções eliciadas que coletamos na 2ª. etapa do experimento foram bastante proveitosas, por isso nos baseamos nesses dados para realizar uma análise

mais detalhada e que nos deu indicações sobre o modo como a GU é acessada na aquisição da L2, conforme veremos no capítulo seguinte.

Trabalhamos nessa pesquisa com dezessete informantes e efetivamente um experimento que foi composto por duas etapas e duas coletas de produção escrita, visando, com isso, comprovar o modo pelo qual a GU é acionada no processo de aquisição da escrita como L2 pelos indivíduos surdos.

No próximo capítulo apresentaremos, descreveremos e discutiremos os resultados da análise dos dados obtidos na primeira e segunda etapas deste último experimento.

# Capítulo 4

## *Resultados*

### **4.1. Análise descritiva e discussões**

Apresentamos a análise descritiva e discussões a respeito das estruturas sintáticas das produções escritas em Português como L2 pelos sinalizantes surdos, cuja L1 é a Língua de Sinais Brasileira, fundamentando-nos nas teorias discutidas no capítulo 2. Os dados foram obtidos em duas etapas por meio da técnica experimental, denominada “produção eliciada”, conforme já apresentamos e descrevemos no capítulo 3. Utilizamos o mesmo material e a mesma técnica nas duas etapas do experimento, no entanto, o modo de aplicá-lo se diferenciou de uma etapa para outra. Na primeira etapa, o experimento foi realizado por meio de leitura e compreensão de curtas narrativas textuais entregues aos informantes, nas quais havia interrogativas que eliciaram dos informantes as produções sentenciais escritas. Na segunda etapa, o experimento ocorreu por meio de narrativas sinalizadas em LSB e a partir delas o sinalizante que aplicou o experimento fez questionamentos que extraíram dos informantes sentenças escritas na Língua Portuguesa. O conteúdo das narrativas e as perguntas feitas aos nossos informantes foram idênticos na primeira e segunda etapas do experimento. Os dados obtidos, portanto, são resultados dessas duas etapas do experimento, cujas análises serão apresentadas separadamente. No decorrer deste capítulo serão apresentadas algumas das sentenças produzidas por escrito pelos sinalizantes surdos, mantendo-se fielmente a forma de redigir dos seus respectivos autores. Na análise dos dados da primeira etapa nós nos limitaremos a ser mais descritivos, enquanto que com os dados da segunda etapa aprofundaremos nossa análise e discussões. A importância maior pelos dados da segunda etapa se justifica porque nosso objetivo não era analisar a competência da leitura e escrita de nossos informantes e sim analisar especificamente a aquisição da escrita

como L2 por sinalizantes surdos. Após as análises dos dados faremos um breve comentário sobre os resultados dessas duas etapas do experimento.

Posteriormente, apresentamos outra análise que cruza os dados lingüísticos da 2ª. etapa do experimento e os dados não-lingüísticos referentes a nossos informantes, a fim de mapear com mais clareza as possíveis influências ou não da L1 na L2. Além disso, os dados lingüísticos correlacionados aos fatores externos devem nos indicar indiretamente a proficiência em L2 de nossos informantes.

Finalmente, apresentamos uma análise qualitativa que compara a produção lingüística de nossos informantes surdos filhos de pais ouvintes com a produção lingüística de um grupo de controle composto por indivíduos surdos filhos de pais surdos, ou seja, a sinalizantes inequivocamente considerados nativos em LSB. As produções a serem comparadas referem-se aos dados de autoria de nossos informantes na 2ª. etapa do experimento e de produções escritas resultantes da aplicação do mesmo experimento com o grupo de controle.

## **4.2. Critérios adotados na análise da 1ª. e 2ª. etapa do experimento**

### **4.2.1. Tipos de verbos eliciados**

Conforme já foi dito no capítulo 3, a técnica aplicada no experimento teve como objetivo conduzir os informantes a produzirem sentenças escritas em português com verbos que correspondiam em LSB a verbos com e sem concordância; essa eliciação, assim como a escolha dos verbos, já era prevista pelo experimento. Mas, além de sentenças produzidas com os "verbos esperados" pelo experimento, os informantes também formaram sentenças com outros "verbos não-esperados". Desse modo, elaboramos dois quadros, o primeiro "verbos esperados" e o segundo "verbos não-esperados", os quais comparam a classificação dos verbos em Língua Portuguesa e em LSB. Esta em verbos com e sem concordância e aquela quanto à transitividade do verbo. Esses quadros 8 e 9 nos servem de base

para as duas análises lingüísticas das produções escritas em Língua Portuguesa pelos sinalizantes da LSB. Observemos os quadros 8 e 9:

**Quadro 8 – Verbos Esperados**

<b>VERBOS ESPERADOS</b>		
<b>VERBO EM LSB</b>		<b>VERBO EM PORTUGUÊS</b>
<b>Com concordância</b>	<b>Sem concordância</b>	<b>Com concordância</b>
ENCONTRAR		Verbo transitivo direto.
	GOSTAR	Verbo transitivo indireto.
IR <sup>1</sup>		Verbo transitivo indireto.
DIZER		Verbo transitivo direto.
OLHAR		V. trans. direto; V. trans. Indir.; Verbo intrans.
	COMPRAR	Verbo transitivo direto
CHEGAR <sup>1</sup>		Verbo inacusativo.
AJUDAR		Verbo transitivo direto.
	DESMAIAR	Verbo intransitivo.
DAR		Verbo transitivo direto e indireto.
1 - verbo espacial - concordância com a locação / tem afixo locativo		

**Quadro 9 – Verbos não-esperados**

VERBO EM LSB <sup>27</sup>		VERBO EM PORTUGUÊS
Com concord.	Sem concord.	Com concordância
	ACEITAR	Verbo transitivo direto.
	ACHAR (pensar, supor)	Verbo transitivo direto.
	ACONTECER	Verbo inacusativo
	APRENDER	Verbo trans. direto ou Verbo trans. indireto.
AVISAR		Verbo trans. direto; Verbo trans. dir. e indir.
	BEIJAR	Verbo transitivo direto.
	CAIR	Verbo inacusativo.
	COMBINAR	Verbo transitivo direto
	COMEÇAR	Verbo inacusativo ou verbo transitivo direto.
	CONVERSAR	Verbo trans. indireto; verbo intransitivo.
	CONVIDAR	Verbo trans. direto; Verbo trans. dir. e indir.
CHAMAR <sup>1</sup>		Verbo transitivo direto.
	DESCULPAR	Verbo transitivo direto.
	ENTENDER	Verbo trans. Direto; Verbo trans. indireto.
ENVIAR <sup>1</sup>		Verbo transitivo direto.
ESCOLHER <sup>2</sup>		Verbo transitivo direto.
	ESCREVER	Verbo transitivo direto; verbo intransitivo.
	ESPERAR	Verbo transitivo direto; verbo trans.direto.
	ESQUECER	Verbo transitivo direto.
	EXPLICAR	Verbo trans. direto; Verbo trans. dir. e indir.
	FALAR	Verbo transitivo direto; Verbo intransitivo.
	FICAR (gíria)	Verbo transitivo indireto.
	GANHAR	Verbo transitivo direto.
	LEMBRAR	Verbo trans. direto; V. trans. indireto.
	MERECER	Verbo transitivo direto.
	PASSEAR	Verbo intransitivo.
	PEDIR	Verbo transitivo direto.
PEGAR <sup>3</sup>		Verbo transitivo direto.
	PENSAR	Verbo intransitivo; Transitivo indireto.
	PRECISAR	Verbo transitivo direto; V. transitivo indireto
	QUERER	Verbo transitivo direto.
	RECEBER	Verbo transitivo direto.
RESPONDER		V. trans. direto e ind.; V. trans.indireto.
	SABER	Verbo trans. direto; Verbo trans. indireto.
	SEPARAR	Verbo transitivo direto
	TER	V. trans. dir. (=possuir); V. inacus.=haver)
TRAZER		V. transitivo direto; V. trans. dir. e indireto.
	TRABALHAR	Verbo intransitivo.
VER		Verbo transitivo direto; Verbo intransitivo.
VIR <sup>1</sup>		Verbo transitivo indireto; Verbo intransitivo

1 – verbo espacial - concordância com a locação / tem afixo locativo  
2 – estamos assumindo que este verbo se comporta de forma semelhante ao verbo PEGAR.  
3 – verbo reversível – ponto inicial estabelecido com OBJ e ponto final estabelecido com o SUJ.

<sup>27</sup> Comparadas as duas colunas dos verbos da LSB, Quadros (em comunicação pessoal, setembro de 2005), afirma que a maior frequência de verbos sem concordância nas produções de nossos informantes, é consistente com o que foi observado nas línguas de sinais brasileira e americana: o número de verbos sem concordância tanto em adultos como em crianças na produção espontânea é significativamente maior do que o uso de verbos com concordância (tanto nos types como nos tokens).



As amostras coletadas serão descritas e analisadas de forma quantitativa no que diz respeito à concordância verbal e apagamento de argumentos de verbo em uma determinada sentença segundo as diferenças paramétricas da Língua Portuguesa e da LSB, conforme discutidas no capítulo 2. Os dados da primeira etapa serão aqui apenas descritos, enquanto que os da segunda etapa serão mais longamente discutidos a partir da teoria que guia nossas hipóteses.

#### **4.1.2. Sentenças selecionadas para análise**

As produções escritas da 1ª. etapa do experimento formaram um total de 134 sentenças; deste total, 78 foram excluídas da análise, resultando em 56 o número total de dados analisados nesta etapa. Na 2ª. etapa do experimento obtivemos um total de 234 sentenças das quais foram subtraídas 58, restando-nos 176 sentenças próprias para a análise. Essas exclusões se deram pelos seguintes motivos: (a) enunciados foram construídos sem verbo, constituinte imprescindível para nossa análise; (b) sentenças foram consideradas de difícil compreensão de sentido em português, refletindo um agrupamento de palavras sem conexão ou sem relação semântica umas com as outras; (c) foram caracterizadas como cópias do enunciado do experimento, casos exclusivos da 1ª. etapa do experimento, e (d) sentenças que foram caracterizadas como de difícil decisão em relação à identificação e/ou distribuição dos constituintes. Essas exclusões estão exemplificadas respectivamente em (1), (2), (3) e (4):

- (1) [Maria já uma presente.]
- (2) [João presente muito Maria depois ficando!]
- (3) [João era surdo e convesava em lingua de sinais.]
- (4) [O Pediu a ajuda João caiu]

Em relação ao exemplo (4), referente ao item 'd', valem alguns comentários que justificam nossa indecisão quanto a identificação e/ou distribuição dos constituintes. Em "*O Pediu a ajuda João caiu*" observamos que "*ajuda*" pode ser identificado como nome assim como um verbo e que "*João*" pode ser argumento interno do suposto verbo *ajudar* ou argumento interno movido do verbo *cair*. Pois bem, dados os exemplos e justificativas

que nos fizeram descartar determinadas sentenças dos números totais dos dados da primeira e segunda etapa do experimento, vejamos os tipos de sentenças encontradas.

#### 4.2.3. Classificação das sentenças

Entre as sentenças selecionadas para as duas etapas há casos que correspondem a orações de estruturas simples e orações de estruturas complexas com encaixamento e de coordenação. Esses dois tipos de orações foram subdivididos segundo a representação estrutural das sentenças tal qual apresentadas e exemplificadas a seguir:

4.2.3.1 Orações de estrutura simples são aquelas formadas por apenas uma sentença, conforme exemplificamos de (5) a (8).

a) Sentença com um só verbo.

(5) [Maria - **Vou** junto pra você, agora à 21:00 horas a festa.]

b) Sentença com auxiliar + verbo principal.

(6) [João **vai merecer** pra Maria]

c) Sentença com verbo + verbo.

Do total dos dados observados, apenas uma sentença se enquadrou nessa classificação. No exemplo (7) estamos considerando que o verbo "escrever" é o modo como a *Maria avisou o João pelo celular*, como em *Maria avisou o João escrevendo*, em que esse *escrevendo* funcionaria como um adjunto oracional, o que não é o caso da oração em (7).

(7) [Maria celcula **avissa escreve** resposta João.]

d) Sentença com auxiliar + ausência de verbo principal.

Nesses casos estamos considerando que o verbo principal foi apagado, pois de acordo com o contexto do experimento e também com os argumentos preenchidos, o considerado verbo auxiliar está realizado para trazer informação número-pessoa-tempo ao suposto verbo principal. O exemplo (8) nos reporta a possibilidade de preenchimento com o verbo principal "dar", e 'presença' quer dizer *presente*.

(8) [João **vai** Ø presença pra Maria]

4.2.3.2 Orações de estruturas complexas com encaixamento são aquelas compostas por mais de uma sentença, denominadas sentenças matrizes e sentenças encaixadas, elas podem ser dependentes sintaticamente uma das outras, exemplificamos de (9) a (17):

a) Matriz com um só verbo, exemplificada em (9) ou com verbo auxiliar + verbo principal, exemplificada em (10).

No exemplo em (10) estamos considerando que houve desvio ortográfico do verbo principal que deveria estar em sua forma infinitiva.

(9) [<sub>1</sub>[**Pedi**] <sub>2</sub>[ligar chamada Hospital.]]

(10) [<sub>1</sub>[Eu **vou compra** presenta] <sub>2</sub>[dar luiza.]]

b) Matriz sem realização de sentença encaixada.

Segundo o contexto do experimento, essas sentenças seriam realizadas com encaixamento de uma sentença de complementação, cuja informação havia sido transmitida anteriormente. O exemplo em (11) indica que a oração matriz mais a encaixada se formariam da seguinte forma: "*Ele não sabia que a Maria iria à festa*".

(11) [<sub>1</sub>[Ele não **sabia.**] <sub>2</sub>[Ø]]

c) Encaixadas de adjunção.

(12) [<sub>1</sub>[Por que não olha pra mim] <sub>2</sub>[quando **estou falando?**]]

d) Encaixada completiva

(13) [<sub>1</sub>[João viu] <sub>2</sub>[que Luiza **beijou** dele]]

e) Encaixada completiva sem realização do complementizador *que*

(14) [<sub>1</sub>[O João quero] <sub>2</sub>[∅ libra a Mária **aprenda**]]

f) Encaixada completiva de Inf P

(15) [<sub>1</sub>[O João ve] <sub>2</sub>[**cair** a Maria]]

g) Encaixada completiva Inf P com possível desvio ortográfico.

Sentenças que indicam apresentar, conforme contexto sintático, que o verbo está na forma de infinitivo, porém com ausência de “r” – marca de infinitivo.

(16) [<sub>1</sub>[João viu] <sub>2</sub>[outra luiza **beija**]]

h) Orações Coordenadas

(17) [<sub>1</sub>[Eu já falei pra você] <sub>2</sub>[**mas** voce **lembro** aviso]]

A partir desse cenário, procuramos observar a concordância verbal nas sentenças selecionadas para análise, dividindo esses dados em sentenças finitas e infinitivas segundo a marca de flexão dos verbos em português.

#### 4.2.4. Sentenças finitas e infinitivas

Separamos nas duas análises, então, os dados em dois grandes blocos, sentenças finitas e sentenças infinitivas, tais como (18) e (19) respectivamente:

(18) [A Maria convessa com lUIaz o João triste.]

(19) [Já avisar ontem noite festa.]

Vejamos na tabela 1 as representações das sentenças finitas e infinitivas da 1ª. etapa e posteriormente apresentamos a tabela 2, da 2ª. etapa:

**Tabela 1 - Sentenças finitas e infinitivas analisadas na 1ª. etapa.**

<b>Sentenças Analisadas</b>	
<b>Sentenças Finitas</b> (verbos flexionados)	<b>Sentenças Infinitivas</b> (verbos não flexionados)
42 / 75%	14 / 25%
<b>Total de sentenças: 56</b>	

Nos dados da 1ª. etapa foram excluídos os casos de sentenças infinitivas licenciadas na Língua Portuguesa, permanecendo na análise das infinitivas somente os casos agramaticais. Esse critério se deu na primeira etapa como medida econômica e resumida para a realização da análise somente descritiva desses dados. Ficamos, então, na primeira etapa, com um total de 56 dados, formando o subtotal de 42 sentenças finitas ou com verbos flexionados e o subtotal de 14 sentenças infinitivas ou com verbos sem flexão.

Vejamos a tabela 2 referente às sentenças finitas e infinitivas da 2ª. etapa:

**Tabela 2 - Sentenças finitas e infinitivas analisadas da 2ª. etapa**

<b>Sentenças Analisadas</b>	
<b>Sentenças Finitas</b> (verbos flexionados)	<b>Sentenças Infinitivas</b> (verbos não flexionados)
128 / 73%	48 / 27%
<b>Total de sentenças: 176</b>	

Na análise da 2ª. etapa do experimento, como já mencionamos, procuramos detalhar e aprofundar melhor as descrições quantitativas, portanto, incorporamos ao número de sentenças infinitivas, os casos que apresentam os verbos esperados e não-esperados em sua forma infinitiva

nas sentenças da Língua Portuguesa. Os verbos infinitivos esperados são aqueles que se apresentam em contexto de encaixamento, licenciados em orações de estruturas complexas. Estes casos representam 16 sentenças do número total das sentenças infinitivas da 2ª. etapa. Os verbos infinitivos não-esperados são aqueles que necessariamente deveriam apresentar morfema flexional de número e pessoa em sentenças com estruturas simples ou complexas, porém foram registrados em sua forma infinitiva, tornando-as agramaticais; logo, 32 casos das sentenças infinitivas são agramaticais na Língua Portuguesa.

Vejamos em (20) um exemplo de sentença com verbo esperado na sua forma infinitiva e em (21) e (22) os exemplos de sentenças com verbos nas formas infinitivas não-esperadas ou ditas sentenças agramaticais:

- (20) [<sub>1</sub>[Eu quero] <sub>2</sub>[falar comigo]]  
(21) [já falar pra mim.]  
(22) [<sub>1</sub>[Antes avisa já] <sub>2</sub>[mas você esquecer.]]

Ressaltamos que 2 das 48 sentenças infinitivas da 2ª. etapa foram consideradas fazendo parte desse bloco embora não tenha havido realização gráfica de "r" de infinitivo nos verbos. Esses dois casos são de sentenças complexas com encaixamento, cujo verbo se apresentaria na sua forma infinitiva, realização esta licenciada na Língua Portuguesa. A sentença (23) já foi mostrada anteriormente em (16), mesmo assim exemplificamos esses dois casos para melhor compreensão:

- (23) [<sub>1</sub>[João viu<sub>1</sub>] <sub>2</sub>[outra luiza **beija**.]]  
(24) [<sub>1</sub>[João pensa] <sub>2</sub>[**dá** presente a Maria]].

Os exemplos (23) e (24), seguindo as pretensões de eliciação do experimento, nos fazem supor que a suas respectivas interpretações são "*João viu Luiza beijar outro (homem)*" e "*João pensa em dar o presente para Maria*", portanto foram classificadas tal qual mencionadas anteriormente nas amostras de tipos de sentenças e também categorizadas em sentenças infinitivas.

Na 2ª. etapa vimos também, de modo mais detalhado, como essas sentenças finitas e infinitivas foram expressas numericamente segundo a

classificação que apresentamos nos exemplos de (5) a (17). Vejamos os resultados na tabela 3:

**Tabela 3 – Classificação das sentenças finitas e infinitivas**

<b>Tipos de Sentenças</b>	<b>Finitas</b>	<b>Infinitivas</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Orações Simples - um só verbo	88 / 68,7%	27 / 56,2%	115 / 65,3%
Orações Simples - auxiliar + verbo princ.	8 / 6,2%	---	8 / 6,2%
Orações Complexas – Matriz	24 / 18,7%	3 / 6,2%	27 / 15,3%
Orações Complexas - Encaixada	5 / 3,9 %	17 / 35,4%	22 / 12,5%
Orações Complexas - Coordenadas	3 / 2,3%	1 / 2%	4 / 2,2%
<b>Total de sentenças</b>	128	48	176

Constatamos com esse levantamento percentual da 2<sup>a</sup>. etapa do experimento que o número mais expressivo foi o das sentenças classificadas como “orações simples – um só verbo”, tendo atingido 68,7% do total das sentenças finitas produzidas, assim como também alcançou o maior número das sentenças infinitivas não esperadas consideradas agramaticais na Língua Portuguesa, com 56,2%. Esses valores resultaram em 65,3% de todos os dados codificados para nossa análise. Este número expressivo de orações simples na coleta dos dados era previsto, já que o objetivo do experimento, assim como as instruções passadas aos nossos informantes, era a produção de sentenças denominadas “curtas”, isto é, nossos informantes foram instigados a construir sentenças simples. Os casos de orações complexas serão tratados no quinto capítulo, onde faremos uma correlação entre o tipo de sentenças e os informantes.

#### **4.2.5. Aspectos lingüísticos observados**

Nas duas análises, 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>., tratamos de observar a concordância verbal estabelecida nas sentenças escritas e a ocorrência de apagamento de argumentos dos verbos, a fim de averiguar a interferência da LSB na Língua Portuguesa.

Desse modo, verificamos em cada sentença o tipo de verbo utilizado, a realização dos sujeitos, a marca morfológica expressa nos verbos relacionada ao sujeito, e por fim os tipos de realização de objeto. Tais aspectos lingüísticos foram observados tendo em vista as diferenças

paramétricas entre as duas línguas, discutidas no capítulo 2. Relembramos: a concordância verbal na Língua Portuguesa é estabelecida pelo sujeito e o verbo, sendo este marcado morfológicamente pela flexão correspondente à pessoa do discurso e número. Em LSB a concordância verbal é estabelecida com o sujeito e o objeto, em casos em que são utilizados verbos com concordância, possibilitando ainda o apagamento desses dois constituintes – Argumento Externo e Argumento Interno. Na LSB também há verbos que não se flexionam, verbos sem concordância, cujos argumentos externo e interno devem ser preenchidos, diferentemente da Língua Portuguesa em que todos os verbos são flexionados. Portanto, trataremos de observar a marca de concordância das sentenças em análise, bem como sua relação com o sujeito e com o objeto.

Na 1ª. etapa apresentamos os tipos de realização de sujeitos, a marca morfológica expressa nos verbos relacionada ao sujeito, e por fim os tipos de realização de objetos, de modo bastante descritivo e sintético. E na 2ª. etapa, apresentaremos, além desses aspectos lingüísticos, também a análise dos tipos dos verbos utilizados correspondentes na LSB e sua correlação com cada um dos aspectos mencionados. Dado o panorama descritivo das sentenças da 2ª. etapa, de modo bastante detalhado, faremos correspondências entre essas informações lingüísticas, como poderá ser conferido no decorrer da leitura da seção 4.4, a fim de averiguarmos a interferência da L1 na aquisição da L2.

Passamos a apresentar na seção 4.3, a seguir, a primeira etapa do experimento e na seção 4.4, a segunda etapa.

### **4.3. Análise descritiva da 1ª. etapa do experimento**

#### **4.3.1. Tipos de realização de sujeitos**

Encontramos nas sentenças finitas e infinitivas sujeitos preenchidos por DPs, sujeitos preenchidos por pronomes e sujeitos vazios. Vejamos os exemplos de sujeitos em sentenças finitas e infinitivas:



(25) [**Ele** não esquece presente.]

(26) [**João** ajuda-tu]

(27) [Ø já compre**i**]

(28) [**Eu** ocupado muito trabalhar]

(39) [**Maria** esquecer bolo]

(30) [Ø desmaiar]

Nesta análise, foram desconsiderados os casos de sentenças finitas e infinitivas que apresentaram verbos inacusativos sem que tenha havido movimento do argumento interno para Spec de IP (31) e (32); e ainda, foi desconsiderado, por questões de economia, o caso que apresentou obrigatoriedade de sujeito vazio (PRO) na infinitiva encaixada (33). E foram considerados casos de sujeito preenchido aqueles que apresentaram sentenças com verbos inacusativos cujo argumento interno foi alçado para Spec de IP (34):

(31) [acontece**u**]

(32) [acontece**r**]

(33) [<sub>1</sub>[precisa <sub>2</sub>[Øchama(**r**) hospital]]]<sup>28</sup>

(34) [O **bolo** chegar]

Portanto, computamos das sentenças finitas 15 casos de sujeitos preenchidos por pronomes, 4 preenchidos por DP e 21 casos de sujeitos vazios; e nas sentenças infinitivas, calculamos 1 sujeito preenchido por pronome, 5 sujeitos preenchidos por DPs e 6 sujeitos vazios.

Definidos os casos específicos e tipos de sujeitos analisados em sentenças finitas e infinitivas, apresentamos o percentual obtido:

**Tabela 4 – Tipos de realização de sujeitos em sentenças finitas e infinitivas**

<b>Tipos de Sujeitos</b>	<b>Sentenças Finitas</b>	<b>Sentenças Infinitivas</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Pronomes	37,5%	8,33%	16
DP	10%	41,66%	9
Vazios	52,5%	50%	27
<b>Total de sentenças</b>	40	12	52

<sup>28</sup> Consideramos que neste caso houve uso de flexão onde deveria haver um infinitivo; ou por hiper-correção ou por esquecimento de grafar a letra "r".

O total de ocorrências para sujeito é de 52 casos em função daqueles desconsiderados, mencionados anteriormente.

#### 4.3.2. Marca morfológica expressa nos verbos

Voltados à concordância verbal, verificamos nas sentenças finitas a relação entre o sujeito e o verbo, desse modo, constatamos que: nos 19 casos de preenchimento de sujeito, 16 casos apresentaram a concordância verbal de forma adequada e em 3 ocorrências houve a discordância verbal, todas essas ocorrências apresentaram os sujeitos preenchidos pelo pronome de 1ª. pessoa do singular e o verbo flexionado em 3ª. pessoa do singular. Nos 21 casos de apagamento de sujeito, em 10 casos foi possível identificar o sujeito pela flexão verbal e nos outros 11 casos ocorreu a impossibilidade de identificação do referente pela flexão verbal, normalmente de 3ª. pessoa do singular. Demonstramos os casos de discordância verbal e os casos de impossibilidade de identificação do sujeito, respectivamente em (35) e (36):

(35) [**eu** já aprendeu **eu** libras]

(36) [2 horas Ø encontra]

Observadas as sentenças finitas no que diz respeito à relação entre o sujeito e o verbo, representamos na tabela 3 esses valores em percentuais da seguinte forma: os percentuais relativos à concordância verbal, discordância verbal, e concordância indefinida pela pessoa e número do sujeito estabelecidas nas 40 sentenças:

**Tabela 5 – Marca morfológica do verbo - concordância verbal**

<b>Tipos de Sujeitos</b>	<b>Concordância verbal</b>	<b>Discordância verbal</b>	<b>Concordância indefinida</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Pronomes	30%	7,5%	---	15
DP	10%	---	---	4
Vazios	25%	---	27,5%	21
<b>Total de sentenças</b>	26	3	11	40

Passamos a observar como o objeto foi manifestado nas sentenças finitas e infinitivas da Língua Portuguesa.

### 4.3.3. Tipos de realização de objeto

A seleção das sentenças para a análise do objeto prosseguiu da seguinte forma: desconsideramos da análise três sentenças em que foram empregados os verbos intransitivos haja vista que este tipo de verbo não seleciona argumento interno e, também, duas sentenças que foram construídas com verbos inacusativos cujo argumento interno foi preenchido e alçado para Spec de IP, casos levantados acima como de sujeito preenchido. Exemplificamos as sentenças com verbo intransitivo e com verbo inacusativo que foram desconsideradas da análise do objeto:

(37) [eu ocupado muito trabalhar]

(38) [Luzia... o bolo chegar ai]

Selecionadas as sentenças, verificamos que tipos de objetos foram manifestados nas produções escritas e levantamos as seguintes ocorrências: dos objetos oracionais preenchidos houve 3 ocorrências por InfP<sup>29</sup> e 4 ocorrências por CP, como já vimos antes; de objetos preposicionados com ou sem realização de preposição houve 18 ocorrências; dos objetos simples preenchidos houve 3 ocorrências por pronome e 8 ocorrências por DP; e de objetos vazios houve 12 ocorrências de apagamento de objeto direto e 3 ocorrências de apagamento de objeto indireto. Exemplificamos em (39) os objetos oracionais InfP, em (40) os objetos oracionais CP, em (41) e (42) objetos preposicionados com e sem realização de preposição, em (43) objeto preenchido por pronome, em (44) objeto preenchido por DP e em (45) objeto direto vazio e em (46) objeto indireto vazio:

(39) [<sub>1</sub>[Ela precisava ] <sub>2</sub>[**olhar para ele**]]

(40) [Ela disse **que à tarde às 16 Hrs**]

(41) [ai, hoje mais tarde, vou **à aniversário da Luzia**]

(42) [Eu converso muito **os surdos**]

(43) [convidar-**me** o muito legal e um bolo]

(44) [Precisava **língua de sinais Libras**]

---

<sup>29</sup> cf. Miotto et alii, 2004, InfP é uma sigla mnemônica para representar o infinitivo em contextos de encaixamento.

- (45) [Vai comprar Ø]  
 (46) [Não gosto Ø]

Vejamos em percentuais os tipos de realização de objetos das sentenças finitas e infinitivas:

**Tabela 6 - Tipos de realização de objetos em sentenças finitas e infinitivas**

<b>Tipos de Objetos</b>	<b>Sentenças Finitas</b>	<b>Sentenças Infinitivas</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Pronomes	3,92%	1,96%	3
DP	11,76%	3,92%	8
Vazios (OD)	19,60%	3,92%	12
Vazios (OI)	1,96%	3,92%	3
PP (OI)	31,37%	3,92%	18
Oracional Inf P	5,88%	---	3
Oracional CP	7,84%	---	4
<b>Total de sentenças</b>	42	9	51

O total de ocorrências para objeto é de 51 casos em função daqueles desconsiderados, mencionados anteriormente.

Apresentadas as ocorrências, discutimos brevemente a 1ª. etapa do experimento. Constatamos, em relação à concordância verbal e apagamento de argumentos dos verbos, o que segue:

Observamos os verbos empregados nas sentenças analisadas e comparamos aos verbos em LSB: nas sentenças finitas houve 20 ocorrências de verbos com concordância em LSB e nas sentenças infinitivas houve a ocorrência de 11 casos em que foram empregados os verbos sem concordância em LSB. O número apresentado de verbos sem concordância em LSB, nas sentenças infinitivas, nos leva a crer que nestas produções houve a interferência dos verbos que não são flexionados em LSB haja vista que a concordância não foi estabelecida.

Os 3 casos de discordância verbal com os verbos flexionados na 3ª. pessoa do singular e pronome na 1ª. pessoa do singular nos apontam para a hipótese do acesso total à GU, pois esse tipo de ocorrência é observado em crianças adquirindo a primeira língua, quando se trata de língua românica,

ao menos. Sabemos, entretanto, que o número de dados é muito pequeno para ser tomado como evidência absoluta para sustentar a hipótese.

Nas sentenças finitas ou com verbo flexionado houve 8 ocorrências em que o sujeito e o objeto foram apagados, 13 ocorrências com apagamento do sujeito e em 6 houve apenas a ocorrência do apagamento do objeto. Estes dados não nos dão suporte para afirmar que houve interferência da LSB na aquisição da Língua Portuguesa escrita, já que esperávamos que o apagamento dos argumentos do verbo ocorresse em maior número e também porque não foi realizada a devida correspondência com o verbo com concordância em LSB.

Esta primeira etapa do experimento nos fez crer que nossos informantes estejam em diferentes momentos do processo de aquisição e que alguns já fixaram o valor paramétrico no que diz respeito à concordância verbal e o apagamento de argumentos dos verbos. Com base nos resultados descritivos da 1ª. etapa, procuramos detalhar nossa 2ª. análise para apontarmos com maior precisão as transferências paramétricas da L1 à L2 e posteriormente relacioná-las aos nossos informantes. Passemos a análise descritiva e discussões sobre a 2ª. etapa do experimento.

#### **4.4. Análise descritiva e discussões sobre a 2ª. etapa do experimento**

##### **4.4.1. Tipos de verbos utilizados nas sentenças**

Fizemos um levantamento relacionando as sentenças finitas e infinitivas produzidas na Língua Portuguesa aos verbos com e sem concordância da LSB para observarmos a interferência de uma língua na outra no que diz respeito à marca de concordância.

Ressaltamos que durante toda a análise dos dados, quando mencionarmos "sentenças finitas" e/ou "sentenças infinitivas" estaremos nos referindo a sentenças escritas na Língua Portuguesa que correspondem às sentenças com verbos flexionados e as sentenças com verbos não flexionados respectivamente. E quando mencionarmos "verbos com

concordância” e “verbos sem concordância” estaremos nos referindo a terminologia adotada para os verbos em LSB (+Agr) e (-Agr) respectivamente<sup>30</sup>. Voltemos aos verbos identificados nos dados.

Os verbos da Língua Portuguesa identificados nos dados foram os verbos “transitivo direto”, “transitivo indireto”, “transitivo direto e indireto”, “intransitivo” e “inacusativos”, porém ao fazermos essa relação entre verbos da Língua Portuguesa e da LSB, encontramos o uso de verbos inacusativos inexistentes<sup>31</sup> naquela língua, assim como uma sentença em que ocorreu ausência do verbo principal. Exemplificamos esses dois últimos casos, sendo que um deles já foi citado e explicado anteriormente no exemplo (8), que se renumera como (48):

(47) [<sub>1</sub>[Desculpe] <sub>2</sub>[que horas **são**]]

(48) [João vai Ø presença pra Maria]

Agora vamos então observar as tabelas 7 e 8 onde apresentamos numericamente a realização das sentenças finitas e infinitivas relacionadas aos verbos com concordância e sem concordância em LSB e a seguir apresentamos as realizações dos verbos inexistentes naquela língua. Nossa intenção com esse levantamento é observar a interferência desses dois tipos de verbos da LSB na construção das sentenças em Língua Portuguesa, já que há diferença paramétrica entre as duas línguas. Esperamos, portanto, em nossos dados, identificar que nas sentenças finitas produzidas em Língua Portuguesa o verbo utilizado corresponda aos verbos com concordância em LSB e que nas sentenças infinitivas o verbo empregado associe-se ao verbo sem concordância em LSB. Isto porque supomos que o indivíduo transferirá valores paramétricos de sua primeira língua no início da aquisição da L2.

Vejamos a Tabela 7 e passemos a discutir a distribuição dos verbos com concordância da LSB nas sentenças finitas e infinitivas.

---

<sup>30</sup> Conforme notas 14 e 16.

<sup>31</sup> Os verbos inacusativos inexistentes em LSB são os verbos inacusativos também denominados na Língua Portuguesa como “verbos de ligação”. Encontramos em nossos dados somente os verbos “ser” e “estar”.

**Tabela 7 - Sentenças finitas e infinitivas X verbos com concordância em LSB**

<b>Tipos de verbos em Português e verbos com concordância em LSB</b>	<b>Sentenças Finitas</b>	<b>Sentenças Infinitivas</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Transitivo direto	29 / 55,7%	15 / 62,5%	44 / 57,8%
Transitivo indireto	12 / 23%	2 / 8,3%	14 / 18,4 %
Transitivo direto e indireto	6 / 11,5%	6 / 25%	12 / 15,7%
Intransitivo	2 / 3,8%	1 / 4,1%	3 / 3,9%
Inacusativo	2 / 3,8%	---	2 / 2,6 %
ausência de verbo principal	1 / 1,9%	---	1 / 1,3%
<b>Total de sentenças</b>	<b>52 / 128 (40,6%)</b>	<b>24 / 48 (50%)</b>	<b>76 / 176 (43,1%)</b>

Verificamos na tabela 7 que as sentenças finitas, relacionadas aos verbos com concordância em LSB, resultam em 52 ocorrências, com o percentual de 40,6% do número total de sentenças finitas. Essas ocorrências eram esperadas, pois não há diferença dos valores paramétricos com esse tipo de verbo em ambas as línguas; nas duas línguas há flexão verbal.

Valor não esperado foi o das 24 ocorrências em produções de sentenças infinitivas em Língua Portuguesa, já que, como acabamos de dizer, em ambas as línguas esses tipos de verbos recebem marca de flexão. Esses dados atingiram 50% do total de sentenças infinitivas. Porém, enfatizamos que 5 dessas sentenças infinitivas, construídas com verbos com concordância em LSB, são infinitivas licenciadas na Língua Portuguesa<sup>32</sup>; portanto, o total de sentenças infinitivas agramaticais é 19. Acreditamos que os 5 casos citados de infinitivas esperadas refletem fixação paramétrica da língua alvo ou um estágio intermediário de aquisição da L2. E a razão das 19 ocorrências agramaticais se dê por falta de exposição ao *input*, por isso na seção seguinte trataremos de averiguar a relação entre as características dos indivíduos no que diz respeito ao uso de sua primeira língua e o tempo de exposição à segunda língua.

Ainda na mesma tabela, na coluna de sentenças finitas, pudemos verificar que o tipo de verbos em Língua Portuguesa em maior número de

<sup>32</sup> Desconhecemos literatura que trate especificamente sobre o licenciamento de infinitivas na LSB em orações de estruturas complexas com encaixamento, em especial com os verbos com concordância nessa língua. Em nossa análise, observamos que todas as orações em contexto sintático que licencia o verbo na forma de infinitivo foram produzidas sem desvio algum da gramática da Língua Portuguesa, independentemente dos verbos corresponderem aos com ou sem concordância em LSB. Portanto, estaremos considerando que esses casos indicam fixação paramétrica da Língua Portuguesa, visto que são construções complexas que indicam conhecimento sintático da língua alvo.

ocorrências se deu com os verbos classificados como transitivos diretos: foram 29 dados que correspondem ao percentual de 55,7% dos 52 casos de sentenças finitas com verbos com concordância em LSB. Com um número um pouco abaixo, 12 dados, temos os verbos transitivos indiretos com 23% do total de 52 ocorrências com verbos com concordância em sentenças finitas. Na coluna das sentenças infinitivas, o tipo de verbo mais expressivo foi o dos transitivos diretos, 15 dados, com 62,5% do total das 24 sentenças infinitivas com os verbos com concordância.

Conforme mencionado no capítulo 2, os verbos com concordância em LSB ocorrem com os objetos diretos/indiretos e nos casos em que os verbos selecionam objetos diretos e indiretos, a concordância ocorre com o objeto indireto. Assim sendo, somamos o número de ocorrências dos verbos transitivos indiretos com o número de ocorrências dos verbos transitivos diretos e indiretos presentes nas sentenças finitas e nas sentenças infinitivas realizadas com os verbos com concordância em LSB. O resultado dessa soma comparado as ocorrências de verbos transitivos diretos foi o seguinte: das 52 sentenças finitas, 29 casos são de verbos transitivos diretos e 18 casos são de verbos transitivos indiretos e transitivos direto e indireto, cujo percentual corresponde respectivamente a 38,1% e 23,6% do total das 76 sentenças produzidas com os verbos com concordância em LSB; das 19 sentenças infinitivas agramaticais na Língua Portuguesa, 15 casos são de verbos transitivos diretos e 3 casos são de verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos, que representam respectivamente 19,7% e 3,9% do total das 76 sentenças formadas com verbos com concordância em LSB.

Devemos levar em conta que os verbos transitivos diretos são em maior número de produção e que eles ocorrem em número considerável tanto nas sentenças finitas (38,1%) como nas sentenças infinitivas agramaticais (19,7%), mas ao olharmos o uso dos verbos transitivos indiretos e verbos transitivos diretos e indiretos percebemos que estes são expressos significativamente nas sentenças finitas (23,6%), diferentemente de como ocorrem nas sentenças infinitivas (3,9%). Logo, podemos perceber que o uso de verbos com concordância em LSB correlacionados aos verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos ocorrem notoriamente



em sentenças finitas, mas não da mesma maneira com as sentenças infinitivas. No final dessa sub-seção voltaremos a discorrer sobre esses casos, antes disso, porém, passaremos a verificar o comportamento dos verbos sem concordância em LSB, conforme a tabela 8:

**Tabela 8 - Sentenças finitas e infinitivas X verbos sem concordância em LSB**

<b>Tipos de verbos em Português e verbos sem concordância em LSB</b>	<b>Sentenças Finitas</b>	<b>Sentenças Infinitivas</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Transitivo direto	40 / 60,6%	9 / 37,5%	49 / 54,4%
Transitivo indireto	16 / 24,2%	12 / 50%	28 / 31,1%
Transitivo direto e indireto	---	1 / 4,1%	1 / 1,1 %
Intransitivo	5 / 7,5%	---	5 / 5,5%
Inacusativo	5 / 7,5%	2 / 8,3%	7 / 7,7%
<b>Total de sentenças</b>	<b>66 / 128 (51,5%)</b>	<b>24 / 48 (50%)</b>	<b>90 / 176 (51,1%)</b>

Ao observarmos a tabela 8 temos o resultado, já previsto pela tabela anterior, de 24 ocorrências de uso dos verbos sem concordância em LSB em sentenças infinitivas produzidas na Língua Portuguesa; este uso atingiu o percentual de 50% do total dos dados de sentenças infinitivas. Das 24 ocorrências com esse tipo de verbo em LSB, 11 sentenças foram construídas em contextos sintáticos que licenciam o verbo em sua forma infinitiva na Língua Portuguesa; assim sendo, 13 ocorrências são de sentenças infinitivas consideradas agramaticais na língua alvo. Esse resultado agramatical nos faz crer que o valor paramétrico dos verbos sem concordância em LSB interferiu nas produções escritas em Língua Portuguesa, enquanto que nas produções sentenciais com verbos em forma de infinitivo licenciado o valor paramétrico da língua adquirida já foi fixado por alguns informantes.

Observamos, também, na coluna das sentenças infinitivas, que os verbos sem concordância em LSB mais utilizados são os classificados como transitivos indiretos, eles foram manifestados em 12 sentenças; 3 dessas sentenças licenciam o verbo em sua forma infinitiva na Língua Portuguesa, sendo assim, são 9 ocorrências consideradas agramaticais com verbos transitivos indiretos, que representam o percentual de 37,5% do total das 24 sentenças infinitivas. Com um valor um pouco menor encontram-se as

realizações com os verbos transitivos diretos, 9 ocorrências; destas, 7 são licenciadas a realizar o verbo na forma de infinitiva. Assim, 2 ocorrências de verbos transitivos diretos, que resultam o percentual de 8,3% do total das sentenças infinitivas com verbos sem concordância em LSB, são consideradas agramaticais na Língua Portuguesa.

As construções sentenciais finitas com verbos sem concordância atingiram o total de 66 ocorrências, representando percentual de 51,5% do total de dados das sentenças finitas. Os verbos mais utilizados foram os classificados como transitivos diretos que registraram 40 ocorrências, abaixo desse número, seguem as 16 ocorrências de verbos transitivos indiretos; esses valores significam respectivamente 60,6% e 24,2% do total de 66 sentenças finitas com verbos sem concordância em LSB.

Assim como fizemos anteriormente com os verbos com concordância em LSB, faremos aqui com os verbos sem concordância: adicionamos o número de ocorrências dos verbos transitivos indiretos com o número de ocorrências dos verbos transitivos diretos e indiretos e comparamos esses valores às ocorrências de verbos transitivos diretos manifestados nas sentenças infinitivas agramaticais e nas sentenças finitas. Tivemos os resultados percentuais seguintes: das 13 sentenças infinitivas agramaticais, 10 casos são de verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos e 2 casos são de verbos transitivos diretos, 11,1% e 2,2% do total das 90 sentenças com verbos sem concordância em LSB; das 66 sentenças finitas, 16 casos são de verbos transitivos indiretos e verbos transitivos direto e indireto e 40 casos são de verbos transitivos diretos, que correspondem a 17,7% e 44,4% do total das 90 sentenças com verbos sem concordância em LSB.

A literatura sobre LSB mostra que não há uma predisposição do verbo sem concordância em LSB ser do tipo transitivo direto ou transitivo indireto ou transitivo direto e indireto. A forma desse tipo de verbo não é determinada pelas características referentes a seus argumentos. Os verbos sem concordância em LSB não recebem flexão por causa de sua estrutura fonológica, mesmo assim, verificamos que quando correspondem aos verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos nas sentenças

produzidas na Língua Portuguesa, eles ocorrem em maior número nas sentenças finitas (17,7%) do que nas sentenças infinitivas (11,1%).

Acreditamos que a ocorrência de verbos sem concordância nas sentenças infinitivas agramaticais se dê pelo fato de os informantes ainda não terem fixado o valor paramétrico da flexão verbal na Língua Portuguesa, e os casos em que esses verbos aparecem em sentenças finitas/flexionados na Língua Portuguesa é porque a estrutura argumental do verbo está em jogo no acionamento paramétrico da L2, por conseguinte não totalmente desprendido do valor paramétrico da L1. Em outras palavras, queremos dizer que a classe de verbos interfere na flexão verbal da língua adquirida, pois as flexões na L2 ocorreram quando o VP foi encabeçado por um verbo de dois argumentos, um externo e outro interno, ou por um verbo de três argumentos, um externo e dois internos, tendo esses verbos o argumento interno representado por um PP. Voltaremos a isso logo a seguir. Antes passemos a discorrer sobre as ocorrências com os verbos inacusativos inexistentes na LSB.

Os verbos inacusativos inexistentes em LSB ocorreram em 10 sentenças finitas, essas ocorrências não se tornam relevantes para nossa análise, visto que o percentual de 5,6% de sentenças é bastante pequeno em relação ao número total de sentenças. Por ora, podemos afirmar que essas produções talvez atestem mais a aprendizagem lexical que já vem com a fixação do parâmetro, pois todos os verbos foram flexionados segundo o valor paramétrico da L2 e são inexistentes na L1, acrescentando ainda, que não eram verbos eliciados pelo experimento.

Comparados os resultados finais das sentenças finitas e infinitivas com os respectivos tipos de verbos nas tabelas 7 e 8, constatamos que o uso de verbos com e sem concordância em LSB obtiveram resultados equilibrados; queremos dizer com isso que os percentuais finais ficaram bem próximos um do outro - 43,1% do total dos dados foram com verbos com concordância e 51,1% do total dos dados foram com verbos sem concordância.

Esclarecemos, aqui, que apesar de os casos de infinitivas licenciadas terem ocorrido em maior número com os verbos sem concordância em LSB - 11 - e apenas em 5 com os verbos com concordância naquela língua, afirmamos que esses se tratam de fixação paramétrica da língua adquirida, visto que se encontram em contextos de encaixamento, construção sentencial complexa que indica conhecimento sintático da língua alvo.

Prendemos agora nossa atenção novamente nos tipos de verbos classificados na Língua Portuguesa como verbos transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos.

Constatamos, anteriormente, que os verbos transitivos diretos, assim como os verbos transitivos indiretos e verbos transitivos diretos e indiretos são expressos em números proporcionais nas sentenças finitas, independentemente de serem verbos com ou sem concordância na LSB. No entanto, ao observá-los nas sentenças infinitivas, percebemos um comportamento diferente entre os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos: os verbos transitivos diretos ocorrem mais significativamente quando correspondem aos verbos com concordância em LSB; e os verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos ocorrem mais significativamente quando correspondem aos verbos sem concordância.

Levantaremos novamente os valores percentuais dos verbos transitivos diretos e dos verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos do número total de sentenças finitas e infinitivas agramaticais com verbos com concordância (71 casos) e sem concordância (79 casos) em LSB. Esses números de ocorrências de verbos com e sem concordância da LSB se apresentam abaixo do número total encontrados nas tabelas 7 e 8, pois excluímos os casos de infinitivas licenciadas na Língua Portuguesa com esses tipos de verbos. Seguimos com as ocorrências dos diferentes tipos de verbos nas sentenças finitas e infinitivas:

Nas sentenças finitas construídas com os verbos transitivos diretos, 40,8% desses verbos corresponderam aos verbos com concordância em LSB e 50,6% corresponderam aos verbos sem concordância. Nas sentenças infinitivas agramaticais criadas com os verbos transitivos diretos, 21,1%

desses verbos corresponderam aos verbos com concordância e 2,5% aos verbos sem concordância em LSB. As ocorrências de verbos transitivos diretos relacionados aos verbos com e sem concordância nas sentenças finitas quase que se equiparam; no entanto, nas sentenças infinitivas os percentuais são bastante baixos comparados às sentenças finitas, principalmente com as ocorrências de verbos sem concordância em LSB. Isso quer dizer que, mesmo o verbo sendo sem concordância naquela língua, o indivíduo flexiona o verbo na Língua Portuguesa.

Nas sentenças finitas criadas com verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos, 25,3% desses verbos corresponderam aos verbos com concordância em LSB e 20,2% aos verbos sem concordância. Nas sentenças infinitivas com os verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos, 4,2% desses verbos corresponderam aos verbos com concordância em LSB e 12,6% aos verbos sem concordância. Os percentuais de verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos em sentenças finitas, com ambos os tipos de verbos na LSB, se aproximam. Mas, nas sentenças infinitivas, o percentual referente ao uso de verbos com concordância é bem menor comparado ao percentual de uso de verbos sem concordância em LSB. Isso nos indica que quando os verbos com concordância correspondem aos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos o informante tende a flexioná-los e quando se trata de verbo sem concordância os mantém sem marca morfológica.

Acreditamos que estamos diante de uma aquisição da L2 em percurso para se atingir a gramática-alvo. Essa gramática provisória<sup>33</sup> tem por registro que verbos de dois argumentos possibilitam a flexão verbal tal como ocorre com os verbos com concordância na Língua de Sinais Brasileira, assim como também tem por registro que todos os verbos da Língua Portuguesa recebem flexão. Portanto, mesmo os verbos sem concordância em LSB, mas que tem a estrutura argumental semelhante aos verbos com concordância, recebem a marca de flexão na Língua Portuguesa, como é o caso dos verbos identificados como transitivos diretos. É como se houvesse uma generalização do valor paramétrico da primeira língua, no caso a marca morfológica dos verbos com concordância

---

<sup>33</sup> A literatura trata essas gramáticas provisórias como "interlínguas".

em LSB, e esse mecanismo possibilitasse a fixação paramétrica da segunda língua, a Língua Portuguesa. Porém, não só a estrutura verbal é um dispositivo para marcação paramétrica, mas sim a seleção do argumento interno feita pelo verbo (seleção de DP ou PP). Quando se trata de verbos transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos, ocorre uma transferência da primeira língua de modo diferenciado, pois nesses verbos é identificado o caso dativo tal como o que ocorre com os verbos com concordância na língua de sinais, conforme discutimos no capítulo 2. Neste caso, o indivíduo segue o seguinte padrão: somente os verbos com concordância em sua língua recebem a marca afixal do caso dativo, por isso não o reconhece nos verbos sem concordância e conseqüentemente não os flexiona na nova língua adquirida. Havendo ainda esse tipo de transferência, é aceitável que haja ocorrências de não marcação morfológica de flexão verbal, pois, na realidade, o valor paramétrico não foi ajustado de acordo com a língua alvo. Estamos assim supondo que há uma variação possível de uma gramática provisória da L2 e que a GU é acionada nesse percurso da aquisição.

Visto o comportamento dos tipos de verbo nas estruturas sentenciais dos dados, passamos a analisar o sujeito manifestado nas sentenças finitas e infinitivas e posteriormente a relação existente entre sujeito e verbo.

#### **4.4.2. Tipos de realização de sujeitos**

Em nossa análise dos dados identificamos, nas sentenças finitas e infinitivas, sujeitos preenchidos por pronomes, por DPs e sujeitos vazios. Esses três tipos de sujeitos foram registrados das seguintes formas: Nos casos de sujeitos preenchidos por pronomes, encontramos apenas os de 1<sup>a</sup>. pessoa do singular, 2<sup>a</sup>. pessoa direta e indireta do singular, 3<sup>a</sup>. pessoa direta do singular e clítico de 2<sup>a</sup>. pessoa direta do singular em caso de verbo ECM na sentença anterior; nos casos de DPs, encontramos somente os de singular (fem. e masc.); e nos casos de sujeitos vazios encontramos os não identificáveis pela flexão verbal, expletivos, pro e PRO. A seguir

exemplificamos os três tipos de realização de sujeito em sentenças finitas e infinitivas:

- (49) [Por favor, **tu** nada conversa pra mim.]  
 (50) [**Eu** dar presente pra maria depois Beijos na boca]  
 (51) [<sub>1</sub>[melhor // <sub>2</sub>[**te** manda] <sub>3</sub>[ir à festa]]]  
 (52) [**João** escolheu dois brinco!]  
 (53) [**Maria** convesar já antes veze joão]  
 (54) [Ø já comprou a presença da Luiza ]  
 (55) [Ø gostar o jóias.]

Abaixo apresentamos o número de ocorrências com os tipos de sujeitos nas sentenças finitas e infinitivas:

**Tabela 9 – Tipos de realização de sujeitos em sentenças finitas e infinitivas**

Tipos de Sujeitos	Sentenças Finitas	Sentenças Infinitivas	Nº de ocorrências
Pronomes	19 / 14,8%	6 / 12,5%	25 / 14,2%
DPs	49 / 38,2%	10 / 20,8%	59 / 33,5%
Vazios	60 / 46,8%	32 / 66,6%	92 / 52,2%
<b>Total de sentenças</b>	128	48	176

Podemos verificar que a realização do sujeito nas sentenças finitas e infinitivas foi de 84 sujeitos preenchidos e 92 sujeitos vazios. Vale aqui fazermos então a relação entre os tipos de sujeitos e os tipos de verbos em LSB a fim de observar o comportamento destes com aqueles, isto é a exigência de argumento externo explícito em verbos sem concordância em LSB e o licenciamento de apagamento do sujeito possível em verbos com concordância em LSB.

Feito esse cruzamento de informações, observaremos primeiramente o preenchimento sujeito e a seguir o seu apagamento nas sentenças.

Os 84 sujeitos preenchidos por pronomes e/ou DPs foram manifestados nas sentenças com a seguinte utilização dos verbos em LSB: em 45 sentenças foram utilizados os verbos sem concordância em LSB, distribuídos em 38 sentenças finitas e 7 em sentenças infinitivas. Nas sentenças finitas foram registrados 14 sujeitos preenchidos por pronomes e 24 por DPs, já nas sentenças infinitivas, 3 foram preenchidas por pronomes

e 4 por DPs. Em 33 sentenças foram empregados os verbos com concordância em LSB, 24 deles em sentenças finitas e 9 deles em sentenças infinitivas. Nas sentenças finitas, 5 casos foram de pronomes e 19 de DPs; nas sentenças infinitivas 3 sujeitos foram preenchidos por pronomes e 6 por DPs.

Incluídos nos casos de sujeitos preenchidos em sentenças infinitivas, houve uma ocorrência de sujeito clítico em caso de verbo ECM na sentença anterior e um caso de sujeito DP em uma sentença encaixada InfP, cujos contextos sintáticos licenciam o verbo em sua forma infinitiva; assim sendo são duas infinitivas gramaticais na Língua Portuguesa encontradas nos dados de preenchimento de sujeito.

O número restante, que completa os 84 casos de sentenças com sujeito preenchido, diz respeito a 6 dados de sujeito DP com verbos inacusativos inexistentes na LSB em sentenças finitas. Esses sujeitos são provenientes de movimento do DP argumento interno do verbo inacusativo para Spec de IP.

Para obtermos o número total de preenchimento do sujeito com o uso de verbos com e sem concordância, excluímos esses 6 casos de sujeitos DPs em sentenças finitas com verbos inexistentes na LSB e ficamos com o total de 78 dados. O número total de 78 sujeitos preenchimentos resultou, portanto, em 57,6% de sentenças construídas com verbos sem concordância e 42,3% de sentenças compostas com verbos com concordância.

Conferido o número total de preenchimento de sujeito com os tipos de verbos em LSB, fizemos esse cruzamento de informações correlacionando-o as sentenças finitas e as sentenças infinitas não licenciadas na Língua Portuguesa: tivemos 62 casos de preenchimento em sentenças finitas e 16 casos em sentenças infinitivas, destes últimos, 2 são casos de infinitivas licenciadas. Seguem os resultados:

Entre as 62 sentenças finitas com preenchimento de sujeito encontramos 38 sentenças (61,2%) construídas com os verbos sem concordância e 24 sentenças (38,7%) com verbos com concordância; entre as 14 sentenças infinitivas agramaticais com preenchimento de sujeito



encontramos 6 sentenças (42,8%) elaboradas com os verbos sem concordância e 8 sentenças (57,1%) com verbos com concordância. Destacamos neste ponto que nas sentenças infinitivas agramaticais houve apenas 3 verbos sem concordância correspondentes aos verbos transitivos indiretos e somente 2 verbos com concordância que se referem aos verbos transitivo indireto e transitivo direto e indireto. Esse ponto, reforça o que mencionamos anteriormente sobre gramática provisória de nossos informantes quando se refere a verbos transitivo indireto e transitivo direto e indireto, os quais são predominantemente flexionados pois correspondem à estrutura dos verbos com concordância em LSB, ocorrendo desse modo aparente transferência paramétrica da L1 na L2.

Comparados os percentuais mencionados de preenchimento de sujeito em sentenças finitas (61,2% com verbos sem concordância e 38,7% com verbos com concordância) e em sentenças infinitivas agramaticais (42,8% com verbos sem concordância e 57,1% com verbos com concordância), constatamos que: o preenchimento do sujeito é realizado com prioridade com os verbos sem concordância em LSB nas sentenças finitas e em número de realização maior do que nas sentenças infinitivas não licenciadas; de modo contrário ocorre o preenchimento do sujeito nas sentenças com os verbos com concordância da LSB, em que observamos que o número de realização dos sujeitos preenchidos nas sentenças finitas é menor do que o número de ocorrências nas sentenças infinitivas.

Parece-nos que novamente estamos diante de uma aquisição fragmentada da L2, que nos aponta que os indivíduos sinalizantes fixaram parcialmente o valor paramétrico de que todos os verbos são flexionados na Língua Portuguesa, tanto que há maior número de sentenças finitas do que infinitivas. No entanto, os dois tipos de verbos da L1 ainda interferem na produção da L2, isto é, o indivíduo faz o preenchimento do sujeito com verbos sem concordância e produz mais sentenças finitas do que produz sentenças infinitivas, já que tem fixado o valor paramétrico da L2 e tem fixado que na L1 esse tipo de verbo não é flexionado, logo, deve flexioná-lo na nova língua adquirida. Em contrapartida, ao produzir sentenças com verbos com concordância e realizar o preenchimento do sujeito, o produz em menor número em sentenças finitas e em maior número em sentenças

infinitivas, o que não seria previsto já que em sua L1 este verbo não recebe flexão.

Concluimos, portanto, que o preenchimento do sujeito com os verbos sem concordância em sentenças finitas ocorre porque o indivíduo traz da L1 o valor paramétrico de preenchimento de argumentos com esse tipo de verbo e o flexiona pois acionou que na L2 todos os verbos são flexionados. E quando se trata de verbos com concordância em LSB, o indivíduo traz de sua L1 que o preenchimento do sujeito com esse tipo de verbo é opcional; e não o flexiona porque não acionou que na L2 todos os verbos são flexionados. Desse modo, o indivíduo, ao utilizar os verbos com concordância da LSB na realização de uma sentença em Língua Portuguesa, preenche o sujeito e deixa o verbo em sua forma infinitiva, demonstrando ainda dificuldades com a L2. Além disso, já que em sua L1 esse tipo verbo comumente apaga o sujeito e pela flexão verbal afixada a ele fica determinada a função sintática e o papel temático, na L2, dada a não fixação paramétrica de que todos os verbos são flexionados, o indivíduo realiza o preenchimento de sujeito a fim de garantir a distribuição sintática dos constituintes bem como a grade temática do verbo.

Passemos agora ao cruzamento de informações com os sujeitos vazios e tipos de verbos em LSB utilizados em nossos dados.

Das 92 sentenças finitas e infinitivas que apresentaram apagamento do sujeito, encontramos 35 casos de sujeito não identificável, visto que a marca morfológica verbal de 3ª. pessoa do singular é idêntica para três pessoas do discurso; 10 casos de sujeito expletivo de verbo inacusativo, 29 casos de sujeito *pro* identificáveis pela flexão; e 18 casos de sujeitos PRO<sup>34</sup>. Relacionamos o total das sentenças com sujeitos vazios e os tipos de verbos em LSB e tivemos o seguinte resultado: em 43 sentenças foram utilizados

---

<sup>34</sup> Nos dados da análise, os casos de sujeito PRO em sentenças infinitivas encaixadas se apresentaram com os verbos correspondentes aos com e sem concordância da LSB. Conforme já mencionei na nota 32, desconheço literatura específica que trate sobre a realização de infinitivas encaixadas em LSB, porém acredito, mesmo de modo impressionista, que provavelmente a categoria vazia PRO também se encontre na LSB, indiferentemente dos verbos utilizados serem com ou sem concordância naquela língua. Portanto, a realização dos sujeitos em sentenças como as exemplificadas a seguir, com verbos com concordância e sem concordância respectivamente, seriam em LSB da seguinte forma: “[Eu quero [PRO dar para João (o presente)]]”; “[Eu quero [PRO comer peixe]]”. Suponho com isso, que os valores [+ ] e [- ] de apagamento do argumento externo dos verbos com e sem concordância em LSB não interferem em orações complexas de encaixamento; a posição de argumento externo nesses casos será uma categoria vazia PRO, tal qual como ocorre na Língua Portuguesa. A análise deste fenômeno em LSB não foi aprofundada por mim, mas em pesquisas futuras tratarei sobre esse assunto.

os verbos com concordância, esse número se dividiu em 28 casos em sentenças finitas e 15 casos em sentenças infinitivas; em 45 sentenças foram empregados os verbos sem concordância, 28 delas em sentenças finitas e 17 em sentenças infinitivas e; em 4 sentenças finitas identificamos os verbos inacusativos inexistentes em LSB.

Os três últimos tipos de apagamento de sujeitos citados anteriormente são de sujeitos vazios licenciados na Língua Portuguesa, conforme pressupostos teóricos do capítulo 2, por isso vamos nos deter nas 35 ocorrências de não identificação do sujeito separadas em 17 sentenças finitas e 18 sentenças infinitivas. Os dados de apagamento do sujeito em sentenças finitas serão tratados logo a seguir na sub-seção 4.4.3 onde será mostrada a relação da marca morfológica do verbo e a impossibilidade de identificação do sujeito, a correspondência com os tipos de verbos em LSB, bem como o estágio de aquisição e acesso à GU para essas possíveis ocorrências. Pois bem, ainda nos restam os 18 casos de apagamento de sujeitos não identificáveis em sentenças infinitivas não-licenciadas na Língua Portuguesa.

A correlação feita entre esses 18 casos de sujeitos vazios em sentenças infinitivas e os tipos de verbos em LSB apresenta-se do seguinte modo: em 11 sentenças (61,1%) foram empregados os verbos com concordância; e em 7 sentenças (38,8%) foram utilizados os verbos sem concordância. Os percentuais mostram que o apagamento do sujeito é realizado em maior frequência com os verbos com concordância em LSB; portanto, ocorre uma transferência da L1 e uma certa dificuldade, ainda, com a L2, já que as sentenças são infinitivas-raiz e os apagamentos de sujeito não são licenciados na Língua Portuguesa.

Vejamos agora a comparação dos 14 sujeitos preenchidos e 18 sujeitos vazios nas 32 sentenças infinitivas agramaticais e os respectivos tipos de verbos usados nas sentenças.

Do total das sentenças infinitivas agramaticais, 13 sentenças foram elaboradas com os verbos sem concordância em LSB, entre estas 6 apresentaram os sujeitos preenchimento (46,1%) e 7 apresentaram sujeitos vazios (53,8%). Entre as 19 sentenças formadas com os verbos

com concordância, 8 manifestaram de sujeitos preenchidos (42,1%) e 11 manifestaram sujeitos vazios (57,8%).

Percebemos que os números de ocorrências com preenchimento de sujeito ocorrem de modo equiparado com os verbos com e sem concordância; por outro lado, os apagamentos de sujeito destacam-se principalmente com os verbos com concordância em LSB. Consideramos que nestes casos de apagamento de sujeito em sentenças formadas com verbos com concordância da LSB ocorra transferência paramétrica da L1 para L2, pois essas ocorrências de apagamentos não são licenciadas na Língua Portuguesa e correspondem exatamente ao valor paramétrico da L1.

Podemos afirmar que os dois tipos de verbos da L1 ainda interferem na produção da L2 e que nossos informantes ainda encontram dificuldade com a L2, dado o estágio de interlíngua em que se encontram. Essa afirmação é feita pois constatamos que os indivíduos fazem o preenchimento do sujeito com verbos sem concordância, tal qual na L1, e produzem mais sentenças finitas do que produzem sentenças infinitivas, já que tem fixado o valor paramétrico da L2 e tem fixado que na L1 esse tipo de verbo não é flexionado, logo, deve flexioná-lo na nova língua adquirida. Diferentemente, realizam o preenchimento do sujeito com os verbos com concordância, mesmo assim continuam mostrando transferência paramétrica da L1 para L2. Os indivíduos, ao manifestarem o sujeito com verbos com concordância, realizam essas ocorrências em menor número em sentenças finitas e em maior número em sentenças infinitivas, porém, pelo preenchimento, garantem a posição sintática desse constituinte. Nos casos de apagamento de sujeito em sentenças infinitivas agramaticais, a maior frequência ocorre com o uso de verbos com concordância em LSB; nesses casos os indivíduos mostram a transferência da L1 e ainda uma certa dificuldade com a L2, pois essas sentenças são infinitivas-raiz e os apagamentos de sujeito não são licenciados na Língua Portuguesa.

Constatamos com essas manifestações de sujeitos que os valores paramétricos da L1 interferem na aquisição da Língua Portuguesa e que diferentes indivíduos estão em diferentes estágios de interlíngua, ocorrendo ainda dificuldades com a L2. Voltaremos a esse ponto no capítulo 5.

Passaremos a discorrer sobre a concordância verbal estabelecida nas 176 sentenças finitas e infinitivas.

#### 4.4.3. Marca morfológica expressa nos verbos

O levantamento dos dados no que diz respeito à marca morfológica dos verbos relacionada ao sujeito das sentenças indicou uma sub-divisão de três tipos de manifestação dessa correlação, são elas: (a) a concordância verbal foi estabelecida entre sujeito-verbo de modo adequado; (b) a concordância não foi identificada pois a pessoa e número do sujeito mostram-se indefinidos, tendo em vista que a marca morfológica nos casos de 2ª. pessoa indireta do singular, 3ª. pessoa direta do singular e 1ª. pessoa indireta do plural é a mesma e dado que o contexto não permitia a recuperação do sujeito; e (c) ocorreu discordância verbal, que são os casos em que a flexão verbal não corresponde ao sujeito realizado.

Vejamos as ocorrências de concordância sujeito-verbo, na Tabela 10:

**Tabela 10 - Marca morfológica do verbo - concordância verbal**

<b>Tipos de Sujeitos</b>	<b>Concord. Verbal</b>	<b>Concord. Indefinida</b>	<b>Discord. Verbal</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Pronomes	14 / 10,9%	---	5 / 3,9%	19 / 14,8%
DPs	39 / 30,4%	---	10 / 7,8%	49 / 38,2%
Vazios	43 / 33,5%	17 / 13,2%	---	60 / 46,8%
<b>Total de sentenças</b>	<b>96 / 75%</b>	<b>17 / 13,2%</b>	<b>15 / 11,7%</b>	<b>128</b>

Nos 96 casos em que a concordância verbal foi estabelecida adequadamente, 14 casos foram de sujeitos preenchidos por pronomes; 39 sentenças com sujeitos preenchidos por DPs; e 43 foram de sujeitos vazios.

Antes de discorrer propriamente sobre essa relação sujeito-verbo, colocamos lado a lado os 96 casos de sentenças em que a concordância verbal foi composta adequadamente e os 32 casos de sentenças infinitivas em contextos não-esperados na Língua Portuguesa. Por um lado, temos informantes que ainda fazem infinitivas em contextos não-esperados, 18,2% de todos os casos; mas, por outro, demonstram a devida concordância em 54,5% dos 176 casos analisados. Por considerarmos alto o

índice de produção de sentenças finitas com concordância verbal adequada, no capítulo 5, seção 5.1 apresentaremos os indivíduos que aparentemente já acionaram o valor paramétrico dos verbos da L2 e aqueles que ainda não acionaram esse parâmetro da Língua Portuguesa, assim como também apresentaremos os fatores externos referentes aos nossos informantes que possam ter favorecido o acionamento paramétrico da L2.

Retornamos aos números da tabela 10 e observamos o total de 96 sentenças com concordância verbal adequadamente, as quais relacionadas aos tipos de verbos utilizados em LSB, resultaram nos seguintes percentuais: em 41 sentenças (42,7%) foram utilizados os verbos com concordância e em 46 sentenças (47,9%) com verbos sem concordância. O percentual restante diz respeito aos 9 casos de verbos inexistentes em LSB, com 9,3% do total de sentenças com marca morfológica do verbo e sujeito.

Dessas 96 sentenças com concordância verbal adequada tivemos o total de 53 sujeitos preenchidos e 43 de sujeitos vazios. Os sujeitos preenchidos e sujeitos vazios foram relacionados, separadamente, aos tipos de verbos utilizados nas sentenças e apresentaram as seguintes ocorrências:

Nos casos de sujeitos preenchidos por DPs e pronomes, foram encontradas 26 sentenças formadas com os verbos sem concordância em LSB, 69,2% destes casos são verbos transitivos diretos; com os verbos com concordância em LSB foram encontrados 22 casos, sendo 72,7% de transitivos diretos; e em 5 casos de preenchimento de sujeito foram utilizados os verbos inacusativos inexistentes naquela língua. Percebemos aqui que a concordância verbal estabelecida nas sentenças com verbos com ou sem concordância em LSB é constituída principalmente de verbos transitivos diretos, mas como já dissemos antes, os verbos transitivos diretos representam o maior número de tipos de verbos.

Nos casos de sujeitos vazios foram compostas 21 sentenças com verbos sem concordância, 38% destes verbos são transitivos diretos; 18 sentenças com os verbos com concordância, sendo 55,5% de verbos transitivos indiretos; e 4 casos com verbos inacusativos inexistentes na LSB. Nessas sentenças, em que o sujeito foi apagado, temos um índice

significativo de verbos com concordância que são verbos transitivos indiretos.

De acordo com a teoria apresentada no capítulo 2, sobre as línguas de sinais, a concordância dos verbos parece ser temática, em lugar de sintaticamente determinada como na Língua Portuguesa, já que o verbo concorda com seus argumentos (fonte e meta); e a morfologia de concordância não é uma propriedade geral de verbos da língua - isso somente ocorre com os verbos com concordância na LSB. Assim sendo, os percentuais muito próximos de verbos com e sem concordância da LSB, utilizados nas sentenças com concordância verbal adequada na Língua Portuguesa, vem nos indicar que os indivíduos já internalizaram o funcionamento da concordância da L2. Principalmente quando se observa que o maior percentual de concordância em L2 incidiu sobre os verbos sem concordância em L1. Esse levantamento nos leva a afirmar que os indivíduos que produziram essas sentenças fixaram que na Língua Portuguesa todos os verbos concordam com o sujeito, sendo a concordância um restrito dispositivo sintático que se aplica de forma generalizada.

Os casos de concordância indefinida dizem respeito às sentenças que apresentaram o sujeito nulo e falta de contexto para recuperá-lo, já que a marca morfológica verbal é idêntica para três pessoas do discurso. Obtivemos o total de 17 ocorrências para esses casos em que a concordância não foi definida. Correlacionando-os aos tipos de verbos em LSB, encontramos os seguintes percentuais: em 59% das sentenças foram utilizados os verbos com concordância, identificados em 4 casos de verbos transitivos diretos e indiretos e em 6 casos de transitivos diretos; 41% das sentenças foram construídas com os verbos sem concordância da língua-fonte, 3 destes casos são verbos transitivos indiretos e 4 casos de transitivos diretos.

Vale destacar que, nos 17 casos de concordância indefinida, houve a marcação morfológica de tempo no verbo ou houve marcações que determinam a interpretação aspectual da sentença. Essas marcações de tempo foram realizadas de modo diferente umas das outras, por exemplo: a marcação de tempo do pretérito ora foi feita pela flexão verbal ora por um

advérbio de tempo junto do verbo; e a marcação do tempo presente somente se deu pela flexão verbal sem que se tenha recorrido ao um advérbio de tempo. Exemplificaremos em (56) a (59):

(56) [Øcham**ou** com ela] (pretérito)

(57) [**Ontem** já Ø avis**ou** na festa] (pretérito)

(58) [Ø gosta**a** coisas qual?] (presente)

(59) [Não Ø gosta**a** de comisata] (presente)

Os casos exemplificados em (60), (61) e (62), abaixo, são ambíguos, tanto a marca temporal pode ser de presente do indicativo ou de imperativo. Em (61) “antes” ou em (62) “agora” parecem estabelecer um momento de referência em relação ao momento de fala, de acordo com a teoria de Reichembach (*apud* Pires de Oliveira, 2001).

(60) [**Antes** Ø avisa já]

(61) [**Agora** Ø avisa já]

(62) [14:30 Øencontra**a** Shopping]

O objetivo dessa pesquisa não envolvia analisar a marca morfológica de tempo dos verbos ou a interpretação aspectual da sentença, por esse motivo não vamos afirmar que os advérbios de tempo inseridos nas sentenças são uma transferência da L1 para L2. Aparentemente os sinalizantes estão generalizando a marca morfológica de tempo e concordância através de um valor *default* de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular e tempo presente. Garantem, por outro lado, a interpretação aspectual e temporal da sentença como pretérito através do uso de advérbios, como em sua L1. Além disso, essas sentenças se apresentam com o sujeito apagado, tal qual como ocorre no início da aquisição da primeira língua. A criança apaga o sujeito e flexiona o verbo na 3<sup>a</sup>. pessoa do singular para qualquer pessoa ou tempo.

Segundo Kato (2001), a criança iniciaria o processo de aquisição a partir de um sistema unipessoal, em que trata elementos pronominais como nominais, ou seja, como nomes próprios – fase em que, inclusive, quando se refere a si se utiliza de nome próprio. Para a autora, nessa fase a gramática infantil seria universalmente composta de formas de tratamento



com o verbo sempre em terceira pessoa do singular. Para Kato, o sistema só passa de unipessoal a pluripessoal quando a criança aprende os pronominais.

A autora sustenta, ainda, que o mesmo processo se verifica em segunda língua, em que, inicialmente, o aprendiz trataria os pronomes como formas de tratamento, portanto apresentando um sistema também unipessoal. Segundo ela: "O aprendiz de segunda língua salta a fase dos nomes próprios, pois, por experiência, ele sabe que a referência à primeira pessoa não se faz através de nomes" (p. 109). A autora sustenta sua argumentação com os seguintes exemplos de um falante nativo de inglês, com 18 anos, adquirindo o Português aqui no Brasil:

(63) [ ] só foi Jauá and Barra.

(64) Dançou muito, né?

Hum, hum. [ ] conhece muito. Ah... amigo, amiga.

Do mesmo modo ocorre com as sentenças de nossos dados, em que o indivíduo fixou a marca da terceira pessoa do singular do tempo pretérito e do presente e apagou o sujeito da sentença como se fosse uma regra generalizada para qualquer pessoa. Esse tipo de ocorrência, obviamente, vai depender do estágio em que o indivíduo estiver, de sua interlíngua.

Finalizada as discussões sobre os casos de concordância inadequada, apresentamos os 15 casos de discordância verbal: 5 foram manifestados com sujeitos preenchidos por pronomes e 10 casos com preenchimento por DP. Esses casos de discordância não são uniformes, por isso iremos exemplificá-los e descrevê-los na seqüência.

Um caso com sujeito de 1ª. pessoa do singular e verbo flexionado na 3ª. pessoa do singular, o que é um certo padrão na criança na aquisição do Português Brasileiro. E segundo Kato, op. cit., também se verifica com indivíduos adultos adquirindo uma L2.

(65) [Sim, **eu** ja **viu** meu namorado]

Um caso com sujeito de 2<sup>a</sup>. pessoa direta do singular e verbo flexionado na 3<sup>a</sup>. pessoa do singular, podendo ter sido realizado por indivíduo oralizado, dado o *input* oferecido. Exemplo anteriormente citado em (49) e que se renumera em (66):

(66) [Por favor, **tu** nada conversa pra mim.]

Incluídos nos casos de discordância verbal também estão 9 sentenças em que os sujeitos foram preenchidos por DPs ou pronomes de 3<sup>a</sup>. pessoa e a flexão verbal correspondente a de 1<sup>a</sup>. pessoa do singular. Consideramos flexão de 1<sup>a</sup>. pessoa do singular porque não identificamos na escrita acentuação tônica oxítone dos verbos regulares de 1<sup>a</sup>. conjugação terminados em ditongo referentes à flexão verbal de 3<sup>a</sup>. pessoa, conforme ocorre na pronúncia dessa flexão articulada por ouvintes. Acreditamos que esses casos foram realizados por indivíduos que recebem influência do Português falado, por isso no capítulo 5 voltaremos a mencioná-los. Exemplificamos esses casos de discordância em (67) e (68):

(67) [**ele** não compro pra luzia]

(68) [**Meu amigo** fico outra a Luiza]

Outros 4 casos de discordância foram realizados com o preenchimento de pronome de 2<sup>a</sup>. pessoa indireta do singular e por DP, cuja flexão adequada deveria ser de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular, porém a flexão verbal se apresentou na 1<sup>a</sup>. pessoa do singular<sup>35</sup>. Esses casos de discordância não correspondem aos valores da L1 nem tão pouco da L2, por isso podemos apenas afirmar que os indivíduos que realizaram essas sentenças ainda encontram dificuldades com a flexão verbal na L2, pois todos essas sentenças foram formadas com verbos irregulares da Língua Portuguesa.

(69) [**vc** Quero um presente anar.]

(70) [<sub>1</sub>[**João** não quero] <sub>2</sub>[dar a Maria.]]

---

<sup>35</sup> Esses casos também nos fazem supor que os informantes cometeram um certo equívoco dadas as instruções do experimento, pois a orientação foi para que formassem as sentenças como "se estivessem no lugar do personagem". Logo, preenchimento da pessoa/personagem do discurso e flexão de 1. pessoa do singular.

(71) [João estou ciumento da Luiza]

Apresentados os casos de concordância, passemos a verificar a partir de agora os tipos de objetos manifestados nas sentenças.

#### 4.4.4. Tipos de realização de objetos

Os objetos expressos nas sentenças finitas e infinitivas totalizaram 162 sentenças próprias para análise, reconhecidos em 120 casos de objetos preenchidos e 42 objetos vazios. A diferença do número total de dados coletados se dá em virtude de 14 casos excluídos em que ocorreu a utilização de verbos monoargumentais.

Passemos a verificar na tabela 11 os resultados para os tipos de objetos nas sentenças finitas e infinitivas:

**Tabela 11 - Tipos de realização de objetos em sentenças finitas e infinitivas**

Tipos de Objetos	Sentenças Finitas	Sentenças Infinitivas	Nº de ocorrência
Pronomes	4 / 3,4%	---	4 / 2,4%
DPs	37 / 31,8%	16 / 34,7%	53 / 32,7%
PPs (OI)	23 / 19,8%	11 / 23,9%	34 / 20,9%
DP e PP (verbos de 2 arg. internos)	3 / 2,5 %	3 / 6,5%	6 / 3,7%
Oracional InfP	12 / 10,3%	---	12 / 7,4%
Oracional Completiva	5 / 4,3%	2 / 4,3%	7 / 4,3%
Oracional GerP <sup>36</sup>	2 / 1,7%	---	2 / 1,2%
Mini Oração <i>Small Clause</i>	2 / 1,7%	---	2 / 1,2%
<b>Sub-total objetos preenchidos</b>	<b>88 / 75,8%</b>	<b>32 / 69,5%</b>	<b>120 / 74%</b>
Vazio - OD	18 / 15,5%	7 / 15,2%	25 / 15,4%
Vazio - OD (verbo de 2 arg. internos)	2 / 1,7%	3 / 6,5 %	5 / 3%
Vazio - OI	4 / 3,4%	3 / 6,5%	7 / 4,3%
Vazio - OI (verbo de 2 arg. internos)	2 / 1,7%	1 / 2,1%	3 / 1,8%
Vazio - Verbo inacusativo	2 / 1,7%	---	2 / 1,2%
<b>Sub-total objetos vazios</b>	<b>28 / 24,1%</b>	<b>14 / 30,4%</b>	<b>42 / 25,9%</b>
<b>Total de sentenças</b>	<b>116</b>	<b>46</b>	<b>162</b>

Os seis tipos de realização de objeto categorizados nas sentenças finitas e infinitivas – Pronome, DP, PP, DP-PP, oracional e vazio – foram

<sup>36</sup> cf. Miotto et alii, 2004, GerP é uma sigla mnemônica para representar o gerúndio em sentenças encaixadas.

agrupados e contabilizados em objetos preenchidos e objetos vazios, vejamos:

Os objetos preenchidos foram realizados da seguinte forma:

a) Pronome – 4 casos de preenchimento por clítico;

(72) [Socorro, alguém **me** ajude!?!]

b) DP – 54 casos de DP com realização ou não de determinante; deste total houve 8 dados de uso de verbos transitivos diretos com preenchimento inadequado de preposição, como em (73):

(73) [Maria chamou **com Luiza** ]

c) PP – 34 casos de objeto indireto com realização adequada, inadequada ou ausência de preposição e casos de advérbio de lugar. Mostramos em (74) a realização adequada de objeto PP:

(74) [Porque voce no olhar **pra mim.**]

d) DP-PP - 6 casos de verbos de dois argumentos internos que foram preenchidos, exemplificados em (75), abaixo. Vale aqui um esclarecimento a respeito do número de sentenças em que foram utilizados os verbos de dois argumentos internos, pois em nossos dados computamos 14 sentenças construídas com esse tipo de verbo; no entanto, em 8 casos ocorreu apenas a ausência de um dos argumentos e decidimos então somá-los aos objetos direto ou indireto vazios.

(75) [Eu dou **um presente para Maria!**]

e) Objeto oracional – 23 casos identificados como: 11 casos de InfP, 2 deles com desvio ortográfico, pois não foi registrado o "r" infinitivo; 7 casos de complemento oracional com a realização ou não do complementizador; 2 casos de GerP e 2 casos de mini-oração SC. Os

dois primeiros tipos de objetos oracionais aqui citados foram exemplificados em (39) e (40) por isso exemplificamos apenas os dois últimos tipos que ainda não foram mostrados, GerP em (76) e mini-oração SC em (77):

(76) [João já esta **caindo**]

(77) [**olha querida... esse pequeno presente é pra você.**]

Os objetos vazios foram caracterizados e computados da seguinte forma: 25 de objeto direto, 5 casos de objeto direto vazio de verbo de dois argumentos internos, 7 casos de objeto indireto, 3 casos de objeto indireto vazio de verbo de dois argumentos internos; e 2 casos de objeto vazio em que houve o apagamento do argumento interno dos verbos inacusativos, sem que tenha havido movimento para Spec de IP. Exemplificamos os casos de objeto direto e objeto indireto vazios de verbo de dois argumentos internos em (78) e (79) respectivamente, e em (80) os casos de objeto vazio de verbo inacusativo. Os demais casos se assemelham aos casos exemplificados em (45) e (46), citados anteriormente.

(78) [dar Ø a Maria.]

(79) [João melhor vai dar o brinco. Ø]

(80) [caui Ø pra mim.]

Considerando que na L1 os verbos sem concordância exigem o preenchimento do objeto e com os verbos com concordância a marcação morfológica possibilita a identificação e apagamento do objeto, verificamos, conforme pressupostos teóricos do capítulo 2, como os objetos preenchidos e vazios das sentenças produzidas na L2, comportaram-se em relação ao uso dos diferentes tipos de verbos da LSB.

Os objetos preenchidos foram relacionados aos verbos com e sem concordância em LSB e observamos que: das 120 sentenças com objetos preenchidos, 45,8% dessas sentenças foram construídas com os verbos com concordância, e 50,8% com verbos sem concordância em LSB. Dos objetos preenchidos relacionados aos tipos de verbos, 3,3% (3 casos)

correspondem aos verbos inexistentes em LSB. O resultado percentual de preenchimento do objeto com o uso dos verbos sem concordância pode nos indicar a transferência paramétrica da L1 à L2, no entanto, não nos possibilita afirmar precisamente essa transferência, pois a diferença percentual é muito pequena em relação ao preenchimento do objeto com uso de verbos com concordância.

Das 42 sentenças com objetos vazios relacionados aos verbos com e sem concordância, em 50% das sentenças foram utilizados os verbos sem concordância e nos outros 50% os verbos com concordância. O resultado percentual de apagamento de objeto em sentenças com o uso dos verbos com concordância também não nos autoriza afirmar com precisão que houve transferência paramétrica da L1 à L2, pois não há diferença percentual comparada ao apagamento de objeto em sentenças com uso de verbos sem concordância.

Assim sendo, arriscamos afirmar que o preenchimento de objetos com uso de verbos sem concordância e o apagamento de objetos com uso de verbos com concordância em LSB talvez possam indicar a interferência da L1 na L2, embora nossos resultados não sejam inequívocos.

Fechamos, com a análise dos objetos, os quatro aspectos lingüísticos que nos propusemos a observar nas 176 sentenças de nossos dados da 2ª. etapa.

Concluída a análise da 2ª. etapa do experimento, sobre a concordância verbal e apagamento de argumentos dos verbos na produção das sentenças em Língua Portuguesa pelos sinalizantes da LSB, assumimos que os resultados obtidos sobre os tipos de verbos utilizados, os tipos de realização de sujeitos, a marca morfológica expressa nos verbos relacionada ao sujeito e os tipos de realização de objetos nos levam a afirmar que há possíveis diferentes estágios de aquisição da L2, mas esse é um processo, sem dúvida, regido pela Gramática Universal.

#### **4.5. Breve comentário sobre a 1ª. e 2ª. etapas do experimento**

Na primeira e segunda etapa do experimento ocorreu diferença no que diz respeito ao número total de dados, tendo em vista que na 1ª. etapa o número se apresentou bem menor do que na 2ª. etapa. Essa diferença nos faz supor que a primeira etapa se tornou mais complexa por envolver a leitura das narrativas em Português, enquanto que na 2ª. etapa as narrativas se tornaram mais fáceis de compreensão pelo fato de terem sido apresentadas em LSB. Essa suposição não vale para os dados descartados, pois os números de sentenças excluídas em cada etapa foram bem próximos um do outro, assim como também foram realizados pelos mesmos informantes nas duas etapas, indicando com isso que independentemente do modo de aplicação do experimento alguns indivíduos apresentaram maiores dificuldades com a Língua Portuguesa.

De modo abrangente, e em maior importância, percebemos que na 1ª. e 2ª. etapa da análise houve grande semelhança nas produções escritas, em termos gerais, no que se refere aos aspectos lingüísticos observados.

Conforme mencionamos várias vezes no decorrer da discussão sobre a 2ª. etapa dos experimentos, passaremos a observar no capítulo 5 as características de nossos informantes a fim de identificarmos o estágio em que se enquadram as produções escritas de nossa análise em relação ao grau de proficiência da L1 e da L2 dos indivíduos, pois acreditamos que nossos informantes estão em diferentes estágios de interlíngua.

# Capítulo 5

## *Informantes*

Apresentamos neste capítulo duas análises referentes aos nossos informantes: na primeira análise relacionamos os dados obtidos na 2ª. etapa do experimento às características de nossos informantes, a fim de identificarmos nas produções escritas o estágio de aquisição da L2 por estes indivíduos; na segunda análise comparamos a produção lingüística de um grupo de controle composto por indivíduos surdos filhos de pais surdos com a produção lingüística de nossos informantes surdos filhos de pais ouvintes, objetivando com isso, averiguar a competência lingüística de nossos informantes. Passemos, então, à análise da produção lingüística correlacionada a alguns fatores externos, na seção 5.1, e, posteriormente, a análise da produção lingüística do grupo de controle, na seção 5.2.

### **5.1. Análise da produção lingüística vs. alguns fatores externos**

Mostramos, primeiramente, um quadro geral que identifica alguns dos fatores externos relativos a nossos informantes e a seguir passamos a explicar o modo como correlacionaremos nossos resultados lingüísticos aos fatores externos que vamos discutir, isto para verificarmos, mesmo que indiretamente, o estágio de aquisição da L2 desses indivíduos.

Vejamos o quadro 10:



**Quadro 10 – Características dos Informantes e produção de sentenças**

Infor- man- tes	Produção de Sentenças			Característica dos Informantes						
	F	I	Total	Idade Cron.	Id.Ad. Surdez	Grau Surdez	Pais Surdos	Oral.	Aquis. LSB	Idade Alfab.
C	17	2	19	24-26	1-6m	Mod.	N	S	Adol.	9 anos
D	6	3	9	18-20	Cong.	Mod.	N	S	Adol.	14 anos
E	8	2	10	27-29	10-18m	Sev.	N	S	Adul.	7 anos
G	14	4	18	18-20	10-18m	Sev.	N	S	Inf.	7 anos
H	5	--	5	30-32	Cong.	Sev.	N	S	Adul.	9 anos
J	11	0	11	27-29	19-24m	Sev.	N	S	Adul.	7 anos
K	6	2	8	18-20	Cong.	Prof.	N	S	Adol.	7 anos
L	5	3	8	24-26	Cong.	Prof.	N	S	Adol.	7 anos
M	1	6	7	39-41	Cong.	Prof.	N	N	Inf.	8 anos
N	4	4	8	18-20	Cong.	Prof.	N	S	Inf.	7 anos
R	6	2	8	21-23	Cong.	Prof.	N	N	Adol.	18 anos
S	14	2	16	21-23	Cong.	Sev.	N	S	Inf.	8 anos
T	4	8	12	39-41	Cong.	Prof.	N	N	Adul.	14 anos
U	9	4	13	33-35	Cong.	Sev.	N	N	Adul.	9 anos
V	6	3	9	18-20	Cong.	Prof.	N	S	Adol.	7 anos
X	2	3	5	18-20	19-24m	Prof.	N	S	Adol.	10 anos
Z	10	0	10	18-20	Cong.	Prof.	N	S	Inf.	7 anos

Na primeira coluna do quadro 10 encontram-se os informantes identificados por letras, seqüencialmente estão os números de sentenças finitas, infinitivas e o número total de produção escrita feita por cada um deles. Verificamos que a quantidade total de sentenças produzidas entre os indivíduos não ocorre equilibradamente. Por exemplo, o número total de sentenças produzidas pelo informante X comparado ao número de produção do indivíduo C é bem pequeno. Isto não quer dizer que o informante C tenha produzido mais sentenças do que o informante X, pois cada informante produziu no mínimo 10 sentenças tal qual era previsto pelo experimento, mas sim que o informante C produziu mais sentenças válidas para análise do que o informante X. Esta diferença numérica, portanto, se justifica pelos critérios de seleção de sentenças adotados, conforme mencionamos no capítulo anterior, através dos quais foram descartadas 58 sentenças da análise.

Nas características dos indivíduos informamos sua idade cronológica, idade em que adquiriram a surdez, se são ou não filhos de pais surdos, se foram oralizados, a fase em que aprenderam a LSB e a idade em que foram alfabetizados. Essas informações foram coletadas dos próprios informantes por escrito ou de seus pais via telefone.

Nossos 17 informantes têm idade entre 18 a 41 anos. A idade em que adquiriram a surdez foi registrada da seguinte forma: congênita – 12 indivíduos; de 1 a 6 meses – 1 indivíduo; 10 a 18 meses – 2 indivíduos e 19 a 24 meses – 2 indivíduos. O grau de surdez foi informado como moderada por 2 indivíduos; por 6 deles como surdez severa e por 9 indivíduos como surdez profunda. Todos os nossos informantes são filhos de pais ouvintes. Quatro mencionaram nunca ter sido oralizados e 13 deles afirmaram ter recebido terapia de oralização; porém, muitos destes mencionaram não ter freqüentado a terapia por tempo suficiente para os habilitar à leitura labial ou reprodução lingüística vocal de modo satisfatório.

A fase em que se tornaram sinalizantes da LSB foi apontada por 5 informantes como tendo ocorrido na infância; 7 deles na adolescência e 5 na fase adulta. O que percebemos foi que justamente os informantes mais velhos (27 a 41 anos) são aqueles que tiveram contato com a língua de sinais brasileira na fase adulta, provavelmente pela falta de reconhecimento dessa língua no Brasil até o ano 2002.<sup>37</sup>

O contato com a Língua Portuguesa escrita, determinada por nós pela idade em que relataram ter sido alfabetizados, ocorreu para 10 informantes entre 7 e 8 anos; para 4, aos 9 a 10 anos; e para 3, entre 14 a 18 anos.<sup>38</sup> A maioria dos informantes, quando questionados sobre o início da alfabetização, insistiram em dizer que, nas escolas que freqüentaram no passado, não havia professores que se utilizavam da língua de sinais nem intérpretes nas salas de aula, o que resultava em total incompreensão do conteúdo transmitido; conseqüentemente, passaram durante muitos anos repetindo as mesmas séries do ensino básico.

Descrito o panorama característico de nossos informantes, passemos aos levantamentos lingüísticos correlacionados aos fatores externos, pois estas informações devem nos indicar indiretamente a proficiência em L2 desses indivíduos.

---

<sup>37</sup> Somente em 24/04/2002, no Brasil, foi oficializada a língua de sinais brasileira, pela sanção presidencial da Lei nº 10.436.

<sup>38</sup> Tome-se aqui "alfabetizados" por idade em que os indivíduos informaram ter iniciado o processo de alfabetização.

Na análise dos dados lingüísticos, apresentada no capítulo 4, foram descritos e discutidos cinco aspectos observados em cada uma das 176 sentenças finitas e infinitivas, sendo eles: tipos de sentenças, tipos de verbos utilizados nas sentenças, tipos de realização de sujeitos, marca morfológica expressa nos verbos relacionada ao sujeito e tipos de realização de objetos das sentenças. Apresentaremos, portanto, cada um destes aspectos lingüísticos relacionando-os aos fatores externos citados, com base nas ocorrências de transferência paramétrica da L1 e fixação dos valores paramétricos da L2. Sob o foco da concordância verbal, faremos uma divisão em sentenças gramaticais, aquelas cujos valores paramétricos da Língua Portuguesa foram fixados de modo adequado, e em sentenças agramaticais, aquelas cujas construções sentenciais foram elaboradas de modo inadequado na L2. Os apagamentos de argumentos do verbo serão observados nessas duas divisões segundo o valor paramétrico da L1 e da L2.

Passemos, primeiramente, a descrever e discutir as sentenças infinitivas relacionando-as aos indivíduos que as produziram.

Dois são os pontos relevantes a tratar nas ocorrências de infinitivas: um é identificar quem foram os indivíduos que produziram as 32 sentenças infinitivas agramaticais, 27 construídas como orações simples e 5 como orações complexas, pois esses dados nos indicam a não fixação paramétrica da língua sendo adquirida. E o outro ponto é identificar quem produziu as 16 sentenças infinitivas gramaticais que se apresentam em estruturas complexas de encaixamento na Língua Portuguesa, tendo em vista que esse tipo de construção indica domínio da nova língua.

Vejamos a tabela 12, que apresenta os indivíduos que produziram sentenças infinitivas agramaticais:

**Tabela 12 – Informantes e produções de infinitivas não-licenciadas**

Infinitivas não-licenciadas na Língua Portuguesa - Agramaticais -								
Infor- man- Tes	Total Infin.	Infini- tivas Agr.	V. s/ Conc.	V. c/ Conc.	Suj. Pr.	Obj. Pr.	Suj. Vz.	Obj. Vz.
C	2	-	-	-	-	-	-	-
D	3	2	2	-	-	-	2	2
E	2	-	-	-	-	-	-	-
G	4	3	1	2	3	3	-	-
H	0	-	-	-	-	-	-	-
J	0	-	-	-	-	-	-	-
K	2	1	1	-	-	1	1	-
L	3	2	-	2	1	1	1	1
M	6	6	3	3	1	5	5	1
N	4	3	2	1	3	2	-	-
R	2	-	-	-	-	-	-	-
S	2	-	-	-	-	-	-	-
T	8	7	1	6	3	5	4	2
U	4	4	2	2	2	2	2	1
V	3	2	-	2	-	1	2	1
X	3	2	1	1	1	1	1	1
Z	0	-	-	-	-	-	-	-
	48	32	13	19	14	21	18	9

As 32 sentenças infinitivas agramaticais, inseridas numericamente na terceira coluna da tabela, foram formadas por 10 informantes, são eles: D, G, K, L, M, N, T, U, V e X.

Os indivíduos M e U somente realizaram infinitivas agramaticais e em número significativo em relação ao total de suas produções, mostrando com isso dificuldades com a L2. U construiu 4 sentenças agramaticais, classificadas como orações simples, matriz, coordenada e encaixada. O informante M foi o autor de 6 sentenças infinitivas agramaticais, todas como orações simples. As características semelhantes entre esses indivíduos é que ambos são surdos congênitos, não foram oralizados e suas idades estão na faixa de 33 a 41 anos.

As sentenças infinitivas agramaticais produzidas por D e K foram todas construídas com os verbos sem concordância em LSB. Os demais indivíduos ora construíram sentenças com os verbos com concordância, ora com verbos sem concordância em LSB. D e K são surdos congênitos, tem a idade entre 18 a 20 anos e adquiriram a LSB na adolescência.

Os casos de preenchimento de sujeito e objeto com verbos sem concordância e apagamentos de sujeito e de objeto com verbo com concordância em LSB, conforme valor paramétrico da L1, foram realizados pelos seguintes informantes: G, N, T e X manifestaram sujeitos e objetos preenchidos com verbos sem concordância em LSB e L, M, T e V apagaram os sujeitos e objetos não-licenciados na Língua Portuguesa com verbos com concordância em LSB. Os informantes G, N, L, M, V e X se caracterizam por terem adquirido a LSB na infância e adolescência. As características de T se distanciam desses informantes: T adquiriu a LSB na fase adulta, não foi oralizado e sua idade está na faixa de 39 a 41 anos.

A realização de infinitivas somente agramaticais, o uso de verbos sem concordância em sentenças infinitivas, preenchimentos de sujeito e objeto com verbos sem concordância e apagamentos de sujeito e objeto com verbos com concordância em LSB demonstram que houve transferência paramétrica da L1 e não fixação paramétrica no que diz respeito à flexão verbal e licenciamento de infinitivas na Língua Portuguesa. Esses tipos de ocorrências foram manifestados pelos informantes D, G, K, L, M, N, T, U, V e X, cujos fatores externos mais marcantes são: aquisição da LSB na fase da infância e da adolescência e faixa etária entre 33 a 41 anos.

Agora, observaremos quem foram os indivíduos que realizaram as sentenças infinitivas licenciadas na Língua Portuguesa, apresentadas na tabela 13:

**Tabela 13 – Informantes e produções de infinitivas licenciadas**

Infinitivas Licenciadas na Língua Portuguesa - Gramaticais -								
Infor- man- Tes	Total Infin.	Infin. Gram.	V. s/ Conc.	V. c/ Conc.	Suj. Pr.	Obj. Pr.	Suj. Vz.	Obj Vz.
C	2	2	1	1	1	1	1	1
D	3	1	1	-	-	1	1	-
E	2	2	-	2	-	2	2	-
G	4	1	1	-	-	1	1	-
H	0	-	-	-	-	-	-	-
J	0	-	-	-	-	-	-	-
K	2	1	1	-	1	1	-	-
L	3	1	1	-	-	1	1	-
M	6	-	-	-	-	-	-	-
N	4	1	1	-	-	-	1	1
R	2	2	1	1	-	1	2	1
S	2	2	2	-	-	2	2	-
T	8	1	1	-	-	-	1	1
U	4	-	-	-	-	-	-	-
V	3	1	-	1	-	-	1	1
X	3	1	1	-	-	1	1	-
Z	0	-	-	-	-	-	-	-
	48	16	11	5	2	11	14	5

As 16 sentenças infinitivas gramaticais foram formadas por 12 informantes, são eles: C, D, E, G, K, L, N, R, S, T, V e X. Antes de seguirmos com as descrições e discussões sobre as sentenças infinitivas gramaticais, convém esclarecer que as sentenças exemplificadas em (23) e (24), as quais foram consideradas fazendo parte das infinitivas embora não tenha havido manifestação gráfica de "r" infinitivo no verbo, foram realizadas pelos indivíduos E e K. Estes casos foram assim considerados segundo a estrutura da construção sentencial, capítulo 4, sub-seção 4.2.4, mas ao correlacioná-los aos fatores externos, podemos explicar, eventualmente, que essas realizações se deram em virtude de que seus autores são indivíduos oralizados, logo, houve a perda de "r" em verbos em sua forma de infinitivo tal qual pronunciado por ouvintes.

Voltemos a identificar quem produziu as sentenças infinitivas gramaticais que se apresentam em estruturas complexas de encaixamento na Língua Portuguesa.

As produções construídas com verbos sem concordância foram realizadas por D, G, K, L, N, S e X e o preenchimento de sujeito e objeto

com aquele verbo foi realizada somente por K. Houve, também, duas infinitivas embora com verbos com concordância em LSB, realizadas por R e V, em que o sujeito e o objeto estavam vazios. Esses casos de uso de verbos sem concordância, de preenchimento e de apagamento de argumentos dos verbos correspondem aos valores paramétricos da L1; entretanto, essas manifestações de preenchimento e apagamentos de sujeitos e objetos ocorreram de modo licenciado na L2. Isto é, infinitivas licenciadas em Língua Portuguesa com o uso de verbos sem concordância em LSB e preenchimentos de argumentos são valores idênticos nas duas línguas, assim como também os sujeitos vazios e objetos vazios nessas sentenças infinitivas são casos licenciados na Língua Portuguesa. Afirmamos, portanto, que os 12 informantes estruturaram as 16 sentenças infinitivas gramaticais, de modo totalmente adequado na Língua Portuguesa no que diz respeito ao preenchimento e apagamento de argumentos do verbo, independente do tipo de verbo que utilizem como correspondente em LSB.

As produções dos 12 indivíduos que elaboraram sentenças infinitivas licenciadas foram observadas e percebemos que as infinitivas construídas por C, E, R e S foram somente de sentenças gramaticais na Língua Portuguesa. Enquanto que os informantes D, G, K, L, N, T, V, e X produziram sentenças infinitivas gramaticais e também agramaticais. Assim sendo, apresentamos separadamente as correlações externas a partir desses dois conjuntos de indivíduos: os que produziram sentenças infinitivas gramaticais e os que produziram infinitivas gramaticais e agramaticais.

Os informantes C, E, R e S que formaram somente infinitivas gramaticais, totalizaram 8 sentenças infinitivas, tendo cada um deles produzido 2 sentenças desse tipo. Os verbos utilizados nessas sentenças ora foram os verbos com concordância ora sem concordância em LSB e o apagamento e preenchimento de argumentos dos verbos foram manifestados de modo licenciado pela Língua Portuguesa. Os fatores externos referentes a esses 4 informantes não coincidem de modo algum, a

fim de nos levar a uma característica que os unifique. O que há de semelhante entre R e S é que ambos são surdos congênitos e têm a idade entre 21 a 23 anos; e entre C e E a semelhança é que para ambos a surdez foi adquirida após o nascimento, C entre 1 a 6 meses e E entre 10 a 18 meses.

Os informantes D, G, N, K, L, T, V e X formaram os totais de 8 sentenças infinitivas gramaticais e 22 sentenças infinitivas agramaticais. Cada um desses indivíduos produziu apenas 1 sentença infinitiva gramatical e este número é relativamente pequeno ao ser comparado ao número de suas produções infinitivas agramaticais. Mesmo desse modo, temos que considerar que esses informantes produziram sentenças infinitivas gramaticais com preenchimento e apagamento dos argumentos dos verbos de modo adequado na Língua Portuguesa e o uso de verbos sem concordância em LSB não nos possibilita afirmar que tenha havido transferência paramétrica da L1, pois neste aspecto os valores paramétricos são idênticos para ambas as línguas. As sentenças infinitivas agramaticais realizadas pelos mesmos informantes foram contabilizadas do seguinte modo: G e N formaram 6 sentenças, cada um foi autor de 3 dessas sentenças; L, V, D e X somaram 8 sentenças, cada um produziu 2 sentenças; K produziu 1 sentença e T elaborou 7 sentenças dessa categoria. Todos esses informantes, conforme mostrado anteriormente na análise das infinitivas agramaticais, transferem valores paramétricos da L1 pra L2, sejam eles quanto à realização de infinitivas somente com verbos sem concordância em LSB, preenchimento de sujeito e objeto com esse tipo de verbo ou apagamento de sujeito e objeto ao usarem verbos com concordância da língua fonte. Em contrapartida, temos o informante T que criou 7 sentenças infinitivas agramaticais e somente 1 infinitiva gramatical. Esta única sentença foi construída com o verbo sem concordância em LSB, o que pode indicar transferência paramétrica da L1 e não fixação paramétrica da língua alvo, já que este também é um caso em que os valores paramétricos da L1 e L2 não se diferenciam. T produziu o total de 12 sentenças, logo, essas 8 sentenças infinitivas representam 66,6% de todos os seus dados analisados, isto é, T formou mais sentenças infinitivas



do que finitas. O fato de esse informante ter apresentado 1 sentença infinitiva licenciada passa a ser insignificante diante das 7 sentenças infinitivas agramaticais, além disso, o percentual que essas infinitivas representam em relação ao número total de seus dados analisados mostra claramente dificuldades com a Língua Portuguesa.

Os 7 informantes, D, G, N, K, L, V e X, excluído T, que realizaram ora sentenças infinitas agramaticais ora gramaticais são idênticos em apenas uma característica, todos foram oralizados. Outra identificação quase que totalitária é que 6 dos informantes têm idade entre 18 a 20 anos e 1, entre 24 a 26 anos. As características de T, que também faz parte desse grupo, se assemelham às dos indivíduos U e M que somente formaram infinitivas agramaticais, são elas: surdo congênito, não foi oralizado e sua idade está na faixa de 39 a 41 anos. Vale esclarecer que U, M e T passaram anos longe do ambiente escolar e retornaram aos estudos já na fase adulta de suas vidas.

Concluimos que das 32 sentenças agramaticais, 53,2% foram produzidas por apenas 3 informantes, U, M e T e os 46,8% restantes foram de produções de 7 indivíduos, os quais também produziram sentenças gramaticais. As produções lingüísticas de U, M e T correlacionadas aos seus fatores externos coincidentes confirmam a dificuldade de aquisição da L2 na vida adulta. Assim sendo, afirmamos que os informantes que mais produziram sentenças infinitivas agramaticais são aqueles que se encontram em idade cronológica adulta e estiveram afastados do ambiente escolar durante muitos anos, retornando ao contato com a escrita quando já estavam no período crítico<sup>39</sup> para se adquirir uma nova língua. Esses fatores externos implicam dificuldade na aquisição da L2.

Constatamos, também, que das 16 sentenças infinitivas gramaticais, 50% foram elaboradas por 4 informante, C, E, R e S, que produziram

---

<sup>39</sup> Sobre o período crítico, Scarpa (2001:221) comenta: De acordo com interpretações inatistas, o que pode explicar a dificuldade de aquisição da segunda língua na idade adulta em contraposição a facilidade e naturalidade do bilingüismo infantil e o bilingüismo sucessivo na infância ou adolescência seria o acesso –ou a falta dele– à Gramática Universal por parte do aprendiz. Apesar de haver discordância mesmo entre os adeptos da teoria gerativa, uma interpretação mais ou menos comum é que, nos dois últimos casos, a GU está disponível e dela desenvolvem-se duas ou mais línguas. Já a aquisição à Gramática Universal não é tão óbvia em casos de aquisição de segunda língua por adultos. Segundo Meisel (1993), a aquisição de segunda língua depois da adolescência não é mais função de Gramática Universal, mas é um processo cognitivo de aprendizagem de habilidades.

somente infinitivas desse tipo, enquanto que os outros 50% foram elaboradas por 8 informantes que também produziram sentenças infinitivas agramaticais. Os comentários a seguir excluem T desse grupo de 8 informantes tendo em vista as justificativas que já mencionamos anteriormente, como também por já estar incluído entre aqueles que mais produziram sentenças agramaticais.

Os informantes C, E, R e S não apresentaram características idênticas entre si, por isso não podemos afirmar com precisão qual o fator externo que contribuiu para que todos esses indivíduos tenham produzido sentenças infinitivas somente gramaticais na Língua Portuguesa. C e E nos chamam atenção pelo fato de não serem surdos congênitos, embora tenham adquirido a surdez nos primeiros anos de vida. Desconhecemos estudos que provem que uma criança exposta a uma determinada língua somente em seus primeiros meses de vida possa ter fixado parâmetros dessa língua e essa gramática inicial venha a ser acessada quando em contato novamente com aquela língua na fase da adolescência ou adulta de sua vida. Se houvesse estudos que comprovassem que um conhecimento, mesmo inicial, tem efeito futuro sobre o desenvolvimento da gramática de uma L2 posteriormente, talvez pudéssemos afirmar que os informantes C e E têm parâmetros fixados da gramática da Língua Portuguesa, que os conduzem a criar sentenças infinitivas licenciadas na língua a que um dia foram expostos. Apesar de não termos encontrado fatores externos idênticos entre estes quatro informantes, C, E, R e S, podemos afirmar que as sentenças infinitivas gramaticais elaboradas por eles indicam que houve fixação paramétrica da L2. Pois, segundo a análise lingüística, essas construções sentenciais foram realizadas independentemente do valor paramétrico dos diferentes tipos de verbos da L1, isto é, as sentenças foram formadas com os verbos com e sem concordância em LSB e mesmo assim apresentaram-se gramaticais na Língua Portuguesa.

Entre os 7 informantes, D, G, K, L, N, V e X que produziram sentenças infinitivas gramaticais, a única semelhança entre eles é que todos foram oralizados. Porém, este não é um fator relevante dado que esses mesmos indivíduos também produziram, em maior quantidade, infinitivas agramaticais. As análises lingüísticas nos fazem acreditar que esses

indivíduos estão em estágio intermediário de fixação paramétrica no que se refere ao licenciamento ou não de infinitivas na Língua Portuguesa, pois ora constroem infinitivas agramaticais em sentenças de estrutura simples, ora constroem infinitivas gramaticais em sentenças de estrutura complexa.

Passemos agora a descrever e discutir as sentenças finitas correlacionando-as aos fatores externos que se referem aos nossos informantes.

Nas sentenças finitas, encontramos 96 casos em que a concordância verbal foi estabelecida adequadamente, sendo consideradas gramaticais sob o foco de nossa análise. Encontramos também sentenças que consideramos agramaticais, que são os 17 casos de concordância indefinida e os 15 casos de discordância verbal. Vejamos, então, quem foram os informantes que realizaram cada um desses tipos de sentenças, iniciando a análise pelas produções agramaticais. Observemos abaixo a tabela 14:

**Tabela 14 – Informantes e produções de finitas com concordância verbal inadequada**

Finitas – Concordância verbal marcada de forma inadequada - Agramaticais -												
Infor- man- tes	To- tal Fin.	Dis- cor.	V. c/ Co.	V. s/ C.	V. Inex	Obj. Pr.	Obj. Vz.	C. Ind.	V. c/ C.	V. s/ C.	Obj. Pr.	Obj. Vz.
C	17	1	-	1	-	1	-	1	1	-	1	-
D	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
E	8	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1
G	14	5	1	4	-	2	3	-	-	-	-	-
H	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
J	11	1	-	1	-	-	1	1	1	-	-	1
K	6	-	-	-	-	-	-	2	1	1	-	2
L	5	1	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-
M	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
N	4	1	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-
R	6	2	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-
S	14	1	-	-	1	1	-	7	4	3	4	3
T	4	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-
U	9	3	1	2	-	3	-	3	2	1	1	2
V	6	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-
X	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Z	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	128	15	2	12	1	10	5	17	10	7	8	9

Os casos de discordância verbal com o sujeito das sentenças, apresentados na terceira coluna da tabela, foram realizados por 8 informantes: C, G, J, L, N, R, S e U. As 15 sentenças analisadas e relacionadas aos seus respectivos autores não nos indicam que algum indivíduo tenha utilizado somente os verbos com concordância nessas sentenças finitas, nem tão pouco que tenham realizado um único caso de apagamento de objeto. Essas ocorrências nos indicariam transferência paramétrica da L1, porém não constatamos nenhum caso. Encontramos, contudo, alguns casos de preenchimento de sujeito e de objetos com verbos sem concordância em LSB, mas também não podem nos indicar transferência dos valores paramétricos da LSB, pois esses valores de preenchimento de argumento são idênticos nas duas línguas. Verificados também os fatores externos relacionados aos nossos informantes, viu-se que não há nenhuma característica idêntica entre os 8 informantes que realizaram essas sentenças com discordância verbal. Assim sendo, agrupamos nossos informantes pelos diferentes tipos de discordância, conforme apresentamos no capítulo 4, sub-seção 4.4.3.

Houve um caso em que o preenchimento do sujeito de primeira pessoa foi relacionado à flexão verbal de 3<sup>a</sup>. pessoa, tal qual como ocorre na aquisição da criança do Português Brasileiro. Esse caso foi realizado por G, que adquiriu a LSB na infância e foi alfabetizado aos 7 anos. Apesar de G apresentar um padrão bilíngüe de aquisição, ele demonstra dificuldades com a L2 no que se refere à concordância verbal, assim como podemos verificar em seu total de ocorrências de discordância.

Outros 4 casos de discordância foram aqueles em que o sujeito foi preenchido em 3<sup>a</sup>. pessoa do singular ou 2<sup>a</sup>. pessoa indireta do singular e a flexão correspondeu à flexão de 1<sup>a</sup>. pessoa do singular. L, R e S foram os informantes que produziram essas sentenças e não há entre eles características idênticas que justifiquem as más formações dessas construções sentenciais, por isso levantamos individualmente as características de cada um. Constatamos que somente R apresenta um fator externo que possa ter contribuído para a dificuldade com a L2: R é um informante que foi alfabetizado somente aos 18 anos de idade.

As ocorrências de discordância também incluem 9 sentenças em que os sujeitos foram preenchidos por DPs ou pronomes de 3ª. pessoa e a flexão verbal correspondendo a de 1ª. pessoa do singular. Consideramos flexão de 1ª. pessoa do singular porque não identificamos na escrita acentuação tônica oxítona dos verbos regulares de 1ª. conjugação terminados em ditongo referentes à flexão verbal de 3ª. pessoa, conforme ocorre na pronúncia dessa flexão articulada por ouvintes. Essas sentenças foram construídas por G, N, J e U<sup>40</sup>, e ao relacioná-los aos fatores externos percebemos que todos são oralizados e fazem leitura labial.<sup>41</sup> Outro tipo de discordância foi realizado com preenchimento de sujeito pronome de 2ª. pessoa direta do singular com flexão verbal de 3ª. pessoa do singular. Essa relação sujeito e verbo se assemelha à variedade de concordância verbal do Português Brasileiro encontrada em Porto Alegre/RS por indivíduos ouvintes. Nosso informante C também é um indivíduo oralizado e seu grau de surdez é moderada. Supomos que essas ocorrências sejam típicas de indivíduos oralizados que fazem leitura labial, ocorrendo, então, transferência da oralidade para a escrita. Essa hipótese também se aplica às sentenças (10), (23) e (24) exemplificadas nas sub-seções 4.2.3 e 4.2.4 do capítulo 4. Acreditamos, portanto, que a leitura labial ocorra como uma forma de *input* da L2 oferecido por ouvintes falantes da Língua Portuguesa<sup>42</sup>.

Tratemos na seqüência de observar as sentenças de concordância indefinida realizadas pelos informantes C, E, J, K, S, T, U e V. Esses 17 casos encontram-se na nona coluna da tabela 14.

As sentenças produzidas pelos informantes C, E e J foram só com verbos com concordância em LSB e os indivíduos E, J, K, S e U realizaram sentenças com esse tipo de verbo e apagaram sujeitos e objetos não-

---

<sup>40</sup> O informante U negou ter sido oralizado ao preencher o questionamento sobre suas características. Porém, ao iniciar uma conversa sinalizada com U, ele se pronunciou verbalmente, o que nos faz acreditar que este indivíduo fez terapia de oralização.

<sup>41</sup> Realizei um teste com uma surda oralizada por 10 anos, nível pós-graduada, proficiente em Língua Portuguesa escrita e ela não reconhece a diferença entre *compro* (1ª. p.s.) e *comprô* (3ª.p.s.) ao fazer leitura labial.

<sup>42</sup> Ressaltamos, enfaticamente, que de modo algum estamos querendo afirmar que a oralização seja um meio viável e pelo qual ocorra a aquisição da escrita como L2 para os indivíduos sinalizantes de LS, mas sim estamos apenas afirmando que esses são 13 casos específicos que se assemelham à produção lingüística oral de falantes da Língua Portuguesa e também é semelhante ao processo que ocorre no início da alfabetização de crianças ouvintes.

licenciados na Língua Portuguesa. Esses indivíduos mostram que houve transferência do valor paramétrico do verbo com concordância da L1 na produção da L2. Os informantes T e V e alguns destes também realizaram sentenças com os verbos sem concordância em LSB, tornando-as do mesmo modo agramaticais.

Separamos os indivíduos C, E, J, K, S, T, U e V, seguindo o critério de uso de verbos com e sem concordância e de apagamento de argumentos dos verbos flexionados em LSB, para levantarmos os fatores externos referentes a eles: C, E e J realizaram as concordâncias indefinidas só com verbos com concordância em LSB e T e V usaram somente verbos sem concordância. Esses cinco indivíduos agrupam-se por serem indivíduos que adquiriram a LSB na fase da adolescência e na fase adulta de suas vidas. K, S e U realizaram as sentenças com concordância indefinida com verbos sem e com concordância e foram alfabetizados entre 7 aos 9 anos de idade. Os indivíduos E, J, K, S e U, que realizaram apagamentos de sujeito e objetos não-licenciados na L2 com os verbos com concordância em LSB, são indivíduos que foram alfabetizados entre 7 a 9 anos. Entre eles se destaca S e U, que adquiriram a LSB na infância e na vida adulta, respectivamente. S e U registraram o maior número de casos com concordância indefinida, suas produções representam 58,8% do total desse tipo de sentenças.

Verificaremos a seguir quem foram os indivíduos que realizaram as sentenças finitas com concordância verbal adequada na Língua Portuguesa, seguindo a representação numérica apresentada na tabela 15:

**Tabela 15 – Informantes e produções de finitas com concordância verbal adequada**

Finitas – Concordância verbal marcada de forma adequada - Gramaticais -									
Infor- man- Tes	Total Fin.	Conc. Verbal	V. c/ Conc.	V. s/ Conc.	V. Inex.	Suj. Pr.	Obj. Pr.	Suj. Vz.	Obj. Vz. Lic
C	17	15	5	8	2	9	11	6	1
D	6	6	2	2	2	2	3	4	1
E	8	7	2	5	-	4	6	3	1
G	14	9	4	5	-	6	6	3	2
H	5	5	4	1	-	5	3	-	2
J	11	9	7	2	-	6	8	3	1
K	6	4	1	3	-	4	4	-	-
L	5	4	2	2	-	1	2	3	-
M	1	1	-	1	-	-	-	1	1
N	4	3	1	2	-	1	3	2	-
R	6	4	2	2	-	4	4	-	-
S	14	6	1	4	1	4	4	2	2
T	4	3	-	2	1	1	3	2	-
U	9	3	2	1	-	2	3	1	-
V	6	5	-	4	1	1	2	4	3
X	2	2	1	1	-	-	1	2	1
Z	10	10	6	2	2	3	7	7	2
	128	96	40	47	9	53	70	43	17

A concordância verbal foi estabelecida de modo adequado por todos os indivíduos, porém não em mesma quantidade de produção. As sentenças finitas produzidas por D e Z foram todas gramaticais enquanto que os outros informantes produziram também sentenças finitas agramaticais.

Já que todos os indivíduos realizaram esse tipo de sentença, fizemos uma correlação entre a idade em que foram alfabetizados e o número de sentenças produzidas. Obtivemos o seguinte resultado:

Os indivíduos E, G, J, K, L, M, N, S, V, e Z foram alfabetizados entre 7 a 8 anos e produziram 58 sentenças; C, H, U e X alfabetizados entre 9 a 10 anos fizeram a concordância em 25 sentenças. E os indivíduos D, R e T que foram alfabetizados entre 14 a 18 anos construíram 13 sentenças desses casos. De antemão, podemos afirmar que os indivíduos que mais produziram sentenças com a concordância verbal de modo adequado foram aqueles que foram alfabetizados entre 7 a 8 anos, idade ainda propícia para início do processo de alfabetização. No entanto, vejamos a influência da L1 nessas produções quando se trata de apagamentos de sujeito e de objeto na L2.

Nossos informantes formaram sentenças finitas com os verbos com e sem concordância em LSB, não havendo nenhum indivíduo que tenha utilizado somente os verbos com concordância em LSB para estabelecer a concordância verbal, isto é, a diferença paramétrica entre as duas línguas não foi um fator predominante para a realização dessas sentenças com verbos flexionados. Os verbos inexistentes na L1 foram utilizados pelos informantes C, D, S, T, V e Z. Portanto, estes foram os que mais demonstraram domínio da nova língua adquirida no que se refere aos verbos inacusativos inexistentes em LSB.

O apagamento de sujeitos e de objetos com uso de verbos com concordância foram manifestados nas sentenças produzidas por X e Z. Estes informantes mostram transferência da L1 e parecem ter realizado a aquisição das duas línguas simultaneamente, porém, em períodos diferentes. X aprendeu a LSB na adolescência e foi alfabetizado aos 10 anos. E Z adquiriu a LSB na infância e foi alfabetizado aos 7 anos. Chamamos atenção ao informante Z pois este em nenhum momento de nossa análise foi apontado como sendo um dos que transferem valores paramétricos da L1 para L2. Observadas também todas as suas produções, vemos que não ocorreu nenhum caso agramatical, que todas as sentenças foram com concordância adequada e que todos os casos de apagamentos de sujeitos e de objetos são licenciados na Língua Portuguesa. Sob esse aspecto X e Z se diferenciam, tendo em vista que X, com certa freqüência, já foi apontado anteriormente como sendo um dos que transferem valores paramétricos da L1 para L2.

Outros que demonstram transferência da L1 para L2 são os que realizaram sentenças com preenchimento de sujeito e apagamento de objeto com verbos com concordância, são eles: C, G, H, J, M e S. Há neste grupo uma separação bastante distinta em relação aos fatores externos: C, G, M e S adquiriram a LSB na infância e adolescência e J e H na fase adulta.

O total de finitas produzidas por cada informante foi observado e percebemos que as finitas construídas por D, H, M, X e Z foram somente sentenças gramaticais, totalizando 24 sentenças. Entre esses informantes existe uma diferença bem grande de produções de sentenças gramaticais;



por exemplo, Z representou 10 dessas sentenças enquanto que M representou apenas uma. O total de sentenças produzidas por Z é exatamente 10 e o total de sentenças finitas e infinitivas construídas por M foi 7, sendo que 6 delas são infinitivas agramaticais.

Os informantes C, E, G, J, K, L, N, R, S, T, U, e V produziram sentenças gramaticais e agramaticais na Língua Portuguesa. Eles totalizaram 72 sentenças gramaticais e 32 agramaticais. Entre esses indivíduos C foi quem mais produziu finitas gramaticais, 15 sentenças, e S quem mais produziu sentenças agramaticais, 8 delas.

Apresentados os informantes e as possíveis ocorrências de transferência paramétrica da L1 e fixação dos valores paramétricos da L2 correlacionados aos fatores externos, tentamos de alguma forma delimitar ainda que indiretamente a proficiência em Língua Portuguesa dos sinalizantes de LSB.

Assim sendo, fizemos o levantamento de sentenças gramaticais e agramaticais de todos os nossos informantes e calculamos o percentual referente a suas produções gramaticais, ou seja, fizemos uma análise quantitativa das sentenças licenciadas na L2 para apontarmos indiretamente o estágio de proficiência de nossos informantes. Repetimos que estamos tratando como produções gramaticais àquelas sentenças cujos valores paramétricos da Língua Portuguesa foram fixados de modo adequado e como agramaticais as sentenças em que as construções sentenciais foram elaboradas de modo inadequado, segundo o valor de concordância verbal da L2. Passemos então a uma visão mais ampla das produções totais de nossos informantes com base nos dados gramaticais e agramaticais, a fim de que possamos indiretamente indicar sua proficiência em L2:

Vejamos a tabela 16 a seguir:

**Tabela 16 – Informantes e produções gramaticais na Língua Portuguesa**

<b>Informantes e produções gramaticais na Língua Portuguesa</b>				
<b>Informantes</b>	<b>Total de produções</b>	<b>Gramaticais</b>	<b>Agramaticais</b>	<b>Percentual de gramaticais</b>
C	19	17	2	89,4%
D	9	7	2	77,7%
E	10	9	1	90%
G	18	10	8	55,5%
H	5	5	-	100%
J	11	9	2	81,8%
K	8	5	3	62,5%
L	8	5	3	62,5%
M	7	1	6	14,2%
N	8	4	4	50%
R	8	6	2	75%
S	16	8	8	50%
T	12	4	8	33,3%
U	13	3	10	23%
V	9	6	3	66,6%
X	5	3	2	60%
Z	10	10	-	100%
<b>Total</b>	<b>176</b>	<b>112</b>	<b>64</b>	

Conforme percentuais tradicionalmente adotados na literatura em aquisição da L1, assumiremos que os indivíduos que atingiram mais de 70% de produções gramaticais são indivíduos que fixaram os valores paramétricos referentes à concordância verbal e apagamento dos verbos da Língua Portuguesa. Os percentuais abaixo de 70% são de flutuação quanto à marcação paramétrica variando de indivíduo para indivíduo, no caso de nossos informantes consideramos que esses indivíduos estão em diferentes estágios de interlíngua. Pois bem, agrupamos esses indivíduos seguindo esses critérios e tivemos o seguinte resultado:

Os informantes C, D, E, H, J, R e Z foram considerados como tendo fixado os valores de concordância verbal da L2. Estes tiveram provavelmente uma exposição maior à escrita, via leitura, que os levou mais rapidamente ao português escrito do que os outros, mas não há como saber, pois não houve controle desse tipo de informação.

G, K, L, M, N, S, T, U, V, X são os indivíduos que estão em processo intermediário de aquisição, oscilando entre a L1 e a L2. Entre eles estão M, T e U que são os indivíduos que mais demonstram dificuldade com a L2, atingindo os percentuais mais baixos.

Apresentados os dados obtidos na 2ª. etapa do experimento correlacionados aos fatores externos de nossos informantes, constatamos diferentes estágios de aquisição da Língua Portuguesa pelos sinalizantes da LSB. Essas informações também nos possibilitaram indicar indiretamente a proficiência em L2 desses indivíduos. Portanto, essa análise justifica as diferentes realizações lingüísticas apresentadas na análise da 2ª. etapa do experimento.

A seguir, apresentamos uma análise qualitativa que compara a produção lingüística de nossos informantes com um grupo de controle formado por indivíduos surdos filhos de pais surdos.

## **5.2. Produção lingüística do grupo de controle**

A análise qualitativa que apresentamos nesta seção compara a produção lingüística de nossos informantes surdos filhos de pais ouvintes com a produção lingüística de um grupo de controle composto por indivíduos surdos filhos de pais surdos. Essa análise foi realizada para averiguarmos a competência lingüística de nossos informantes tendo em vista que a L1 desses indivíduos não foi adquirida no meio familiar, e em alguns casos foi adquirida após o período crítico. Com esta finalidade, coletamos dados de cinco sinalizantes surdos filhos de pais surdos para compararmos semelhanças e diferenças nas construções sentenciais escritas por esse grupo de controle e pelos nossos informantes. Os dados comparativos a que aqui estamos nos referindo são sentenças escritas por nossos informantes na 2ª. etapa do experimento descrito e discutidas neste capítulo e de produções escritas resultantes da aplicação do mesmo experimento com aquele grupo de controle.

Partimos para a apresentação das produções escritas realizadas pelo grupo de controle, que construíram sessenta e sete sentenças próprias para análise. Descartamos do número total de dados coletados algumas sentenças que não estavam de acordo com nosso critério de seleção, tal qual apresentado na sub-seção 4.1.2 do capítulo 4. O grupo de controle, então, também produziu sentenças sem verbo, outras de difícil compreensão de sentido e ainda aquelas que causaram dúvida quanto à distribuição de constituintes. Vejamos os exemplos em (1), (2) e (3):

(1) [Hj eu casa de Luiza dela aniversario.]

(2) [João fala tu outra pessoas ficar um homem eu ficou nervoso]

(3) [eu já fala / você / lembrar shopping / você / comprei presente seu namorado]

Encontramos semelhanças também quanto aos tipos de sentenças produzidas, classificadas em sentenças simples e sentenças complexas, exemplificamos respectivamente em (4) e (5):

(4) [Maria já avisa você.]

(5) [<sub>1</sub>[você foi desmair] <sub>2</sub>[pois Luiza foi beijar com outro homem]]

Em uma análise geral, pode-se perceber que as sentenças finitas foram produzidas em maior número do que as infinitivas, tal qual como ocorreu com nossos informantes.

As sentenças finitas e infinitivas, elaboradas pelo grupo de controle, foram consideradas gramaticais e agramaticais, segundo a concordância verbal. Vejamos nos exemplos a seguir essas construções gramaticais e agramaticais, a partir das quais também apontaremos os apagamentos de argumentos dos verbos que indicam a transferência do valor paramétrico da L1 ou fixação paramétrica da L2. Iniciamos pelas sentenças infinitivas agramaticais:

A sentença (6), construída com verbo sem concordância em LSB, apresenta o sujeito preenchido e o objeto apagado. O verbo em sua forma infinitiva e o sujeito preenchido correspondem ao valor paramétrico da L1;

no entanto, o apagamento do objeto, nesta construção, somente é licenciado na Língua Portuguesa.

(6) [Eu também comprar pra Luiza]

Em (7) temos uma sentença com o verbo sem concordância em LSB com os argumentos externo e interno apagados. Essa construção não é licenciada na L1, nem na L2.

(7) [Ølembrar Øontem]

O exemplo (8) mostra uma sentença com o verbo com concordância ou com flexão da L1, cujos argumentos externo e internos não são realizados em LSB. Porém, vemos que esses valores são marcados de modo contrário nesta sentença da L2.

(8) [**vc** sempre olhar **meus libras**]

Na sentença (9) vemos que o valor paramétrico da L1 somente é transferido no que diz respeito ao apagamento do argumento externo com o verbo com concordância. Na L2 o preenchimento do objeto é da mesma forma previsto, mas não a construção de infinitiva.

(9) [Calma Øolhar **para mim**]

Nas manifestações de sentenças infinitivas agramaticais não encontramos nenhum caso que correspondesse completamente ao valor paramétrico dos verbos sem concordância da L1. Também não encontramos nenhum caso em que foi utilizado o verbo com concordância e que tenha havido apagamento do objeto ou apagamento do sujeito e objeto numa mesma sentença. Nos dados de nossos informantes encontramos todos esses tipos de ocorrências, mais os casos agramaticais citados nos exemplos (6) a (9).

Seguimos com exemplos de sentenças infinitivas gramaticais de (10) a (13):

- (10) [<sub>1</sub>[Estou pensando] <sub>2</sub>[em Ø comprar presente p/ minha namorada]]  
(11) [<sub>1</sub>[Eu resolvi] <sub>2</sub>[Ø dar o presente p/ você]]  
(12) [<sub>1</sub>[Agora resolvi] <sub>2</sub>[de Ø mudar o presente para Maria]]  
(13) [<sub>1</sub>[você pode] <sub>2</sub>[esquecer?]]

Percebemos nas infinitivas licenciadas na L2 que os dois tipos de verbos da L1 são utilizados (ex. (10) e (11)), vimos também que em todas as sentenças os apagamentos do argumento externo do verbo e os preenchimentos dos argumentos internos ocorrem de modo licenciado na Língua Portuguesa. Os exemplos (10) a (13), de infinitivas encaixadas, são exatamente idênticos às sentenças de infinitivas gramaticais que foram elaboradas por nossos informantes.

As sentenças finitas com concordância verbal marcada de modo inadequado são apresentadas em (14) e (15):

- (14) [Ø já comprou presentes]  
(15) [<sub>1</sub>[**ela** responda] <sub>2</sub>[vai a casa de Luiza]]

No exemplo (14) o apagamento do sujeito impossibilita identificar a pessoa com a qual a concordância verbal foi estabelecida. Esse tipo de construção se assemelha totalmente com as sentenças produzidas por nossos informantes, principalmente com os casos em que apresenta o verbo no tempo pretérito com um advérbio adjunto a ele.

Em (15) temos o preenchimento do sujeito de 3<sup>a</sup>. pessoa e flexão verbal de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular no modo subjuntivo, modo verbal que não se encaixa no contexto da sentença. Nos dados coletados na 2<sup>a</sup>. etapa do experimento não encontramos nenhum caso idêntico ao exemplo (15); porém parece que as discordâncias realizadas tanto por esse grupo de controle quanto por nossos informantes ocorrem preferencialmente quando os indivíduos pretendem conjugar o verbo no tempo passado.

Nesses casos de concordância indefinida e de discordância verbal encontramos semelhanças e diferenças nas produções de nossos

informantes e as do grupo de controle. Mesmo assim, podemos afirmar que os dois grupos de informantes realizam sentenças finitas de modo agramatical, sejam essas sentenças formadas com verbos sem concordância (14) ou com verbos com concordância (15) da LSB.

As sentenças finitas com concordância verbal adequada mostraram-se em maior quantidade do que as demais sentenças analisadas. Isto foi identificado da mesma maneira na análise da 2ª. etapa do experimento. Logo, cabe-nos mostrar como o grupo de controle realizou tais sentenças:

Em (16), (17), (18), (19) e (20) abaixo, temos sentenças formadas com o verbo com concordância em LSB, em que iremos observar as diferentes manifestações de preenchimento e apagamento dos argumentos dos verbos. Em (16) o sujeito e o objeto foram preenchidos, em (17) e (18) o sujeito foi apagado e o objeto foi preenchido e em (19) o sujeito e o objeto foram apagados.

(16) [**Eu vou** na casa da amiga Julia]

(17) [<sub>1</sub>[Oi esqueci] <sub>2</sub>[a que horas  $\emptyset$  **vamos nos encontrar** hoje  
no Shopping?]]

(18) [ $\emptyset$  **Observe** meu rosto na nossa comunicação.]

(19) [ $\emptyset$  **Vamos**  $\emptyset$ ?]

(20) [<sub>1</sub>[João, esqueci] <sub>2</sub>[que horas  $\emptyset$  **vamos encontrar**  $\emptyset$ ?]]

As sentenças (16) a (19) com uso dos verbos com concordância apresentaram apagamentos e preenchimentos dos argumentos dos verbos de modo licenciado na Língua Portuguesa. No entanto, vemos em (20) o apagamento de sujeito licenciado e o apagamento de objeto não-previsto pela L2, porém são apagamentos de sujeitos e de objetos previstos pela L1.

A utilização de verbos com concordância em LSB, correspondentes aos inacusativos em Língua Portuguesa, apareceram ora com o argumento externo movido para Spec de IP, assumindo posição de sujeito, ora em sua posição de origem, modo como é licenciado na L2. Exemplificados em (21) e (22):

- (21) [Ei **bolo** já chegou]  
(22) [Chega o bolo]

As sentenças finitas com verbos com concordância exemplificadas em (16) a (22) ocorreram da mesma maneira como nos dados da 2ª. etapa do experimento.

Nos exemplos (23), (24) e (25) abaixo, encontramos sentenças com verbos sem concordância em LSB, cujas realizações de sujeito e objeto serão observadas.

- (23) [**Ela** gosta de camisa]  
(24) [**Eu** já comprei Ø]  
(25) [Ø Gostaria saber] [que hora a gte se encontra shopping]

O preenchimento de sujeito e de objeto em (23) são realizações que remetem ao valor paramétrico do verbo sem concordância da L1; apesar disso, esses preenchimentos dos argumentos do verbo, assim como o apagamento de objeto em (24) e o apagamento de sujeito em (25), são manifestações de sujeito e objeto que se apresentam licenciadas na L2. Não encontramos nos dados do grupo de controle nenhuma ocorrência de uso de verbo sem concordância com apagamento de sujeito e objeto em uma mesma sentença. Esse tipo de ocorrência foi realizado nos dados de nossos informantes, assim como também todas as outras realizações de sujeito e objeto exemplificados em (23) a (25).

Nas sentenças finitas, com concordância verbal marcada de modo adequado, encontramos, também, nos dados deste grupo de controle, os verbos inexistentes na LSB, vejamos em (26), (27) e (28):

- (26) [Ei pessoal! João **esta** aqui demar]  
(27) [João **está** passando mal]  
(28) [Gostaria de dar uma flor **é** amor]



Essas sentenças finitas com uso de verbos inexistentes produzidas em pouco número, tal qual como ocorreu na 2<sup>a</sup>. etapa do experimento, foram todas realizadas de modo licenciado na L2.

Constatamos, com essa análise, que as sentenças produzidas pelo grupo de controle e as produzidas por nossos informantes são bastante semelhantes; em alguns casos, quando observamos a concordância verbal e o apagamento de argumentos do verbo, a transferência paramétrica da L1 foi manifestada de modo totalmente idêntico pelos dois grupos. As diferenças encontradas só indicam que nossos informantes manifestaram outras transferências da L1 além das que foram observadas na produção do grupo de controle.

A análise comparativa feita entre a produção lingüística de nossos informantes e a produção lingüística do grupo de controle veio, conseqüentemente, indicar que nossos informantes apesar de não terem tido seu primeiro contato com a LSB pelos seus familiares mesmo assim adquiriram-na como L1. Pois se não fosse assim, não havia como justificar a manifestação de transferência dos valores paramétricos internalizados da gramática da L1 de modo completamente semelhante às manifestações dos sinalizantes que adquiriram a LSB no meio familiar, como L1.

## Capítulo 6

### *Considerações Finais*

Este estudo, que tem o propósito de contribuir com as pesquisas sobre aquisição da Língua Portuguesa escrita como L2 por indivíduos surdos sinalizantes da LSB, especificou as propriedades variáveis entre essas duas línguas, no que se refere à concordância verbal e apagamento de argumentos do verbo e possibilitou observar o estágio inicial da aquisição da L2 por aqueles indivíduos, levando-me às conclusões abaixo expostas.

Os aspectos lingüísticos observados nas produções escritas me permitem dizer que:

a) os resultados obtidos sobre os tipos de verbos utilizados, os tipos de realização de sujeito, a marca morfológica expressa nos verbos relacionada ao sujeito e os tipos de realização de objeto podem indicar que inicialmente no processo da aquisição da Língua Portuguesa escrita por sinalizantes surdos da LSB ocorre a transferência dos valores paramétricos da L1 na aquisição da L2. Isso confirma, portanto, a Hipótese de Acesso Parcial à GU;

b) as variadas realizações lingüísticas apresentadas indicaram que nossos informantes estão em diferentes estágios de aquisição da L2, possuindo distintas interlínguas, mas esse é um processo, sem dúvida, regido pela Gramática Universal;

c) entre nossos informantes tivemos os que já fixaram os valores paramétricos referentes à concordância verbal e apagamento dos argumentos dos verbos da Língua Portuguesa e aqueles em que ainda ocorre flutuação quanto à marcação paramétrica, variando de indivíduo para indivíduo. Os informantes, que consideramos estar em diferentes estágios de interlíngua ou em processo intermediário de aquisição, apresentam um processo comum na aquisição da L2: ora mostraram

transferência dos valores da L1, ora mostraram que já fixaram os parâmetros da L2, oscilando, portanto, entre a L1 e a L2;

d) nossos informantes, apesar de não terem tido seu primeiro contato com a LSB pelos seus familiares, mesmo assim, adquiriram-na como L1, fato justificado pelas manifestações de transferência dos valores paramétricos internalizados da gramática da L1 de modo completamente semelhante às manifestações dos sinalizantes que adquiriram a LSB no meio familiar, como L1.

Os informantes que foram considerados como tendo fixado os valores de concordância verbal da L2 provavelmente tiveram uma exposição maior à escrita, via leitura, que os levou mais rapidamente ao português escrito do que os outros, mas essa é uma conclusão provisória, pois não houve controle desse tipo de informação. Isso ao menos é verdade em termos de desenvolvimento de proficiência escrita em ouvintes. Entre os informantes que consideramos estar em diferentes estágios de interlíngua, oscilando entre a L1 e a L2, houve indivíduos que demonstram muita dificuldade com a L2. Apesar de constatarmos isto, não é possível apontarmos os problemas que houve no processo de alfabetização e posterior contato com a escrita, já que são muitas as variações individuais nesse processo e as variáveis externas como métodos de alfabetização, professores não sinalizantes, falta de intérpretes em salas de aula, ambiente escolar, entre outras.

Os resultados também nos permitem dizer que, mesmo depois de tantos anos de escolaridade, os surdos não atingem uma competência (no sentido técnico gerativista do termo) em L2, o que demonstra um engano por parte da escola em pensar o ensino do Português escrito aos surdos de modo semelhante ao ensino do Português escrito aos ouvintes.

Esse estudo não é dado por definitivo, pois muitas outras particularidades podem ser abordadas a partir das diferenças entre as duas línguas. No entanto, o conteúdo desta pesquisa pode oferecer ao professor de Língua Portuguesa e também a outros educadores na área da pedagogia uma análise do processo de concordância verbal com base na teoria da GU,

permitindo-lhes adquirir estratégias apropriadas às situações específicas do ensino bilíngüe e ao mesmo tempo possibilitar resolver problemas lingüísticos desses sinalizantes de LSB, em que o português é língua não-materna. A teoria gerativa, que nos deu suporte para essa pesquisa, possibilita comparar as diferenças paramétricas entre as línguas; portanto, essa teoria possibilita uma análise lingüística que favorece o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos que comparem o ensino da Língua Portuguesa escrita para surdos como o ensino de uma língua estrangeira. Assim sendo, nossa análise pretende contribuir como forma de melhorar o ensino do português escrito para essa população sinalizante da Língua de Sinais Brasileira, cabendo aos professores prosseguir com a construção do conhecimento inicial da segunda língua a fim de que haja fixação paramétrica e com isso domínio da nova língua adquirida. Assim sendo, oferecemos a possibilidade de aplicação dessa pesquisa ao desenvolvimento de estudos futuros para o ensino escolar dos surdos brasileiros.

## Referências Bibliográficas

- AITCHINSON, J. *The articulate mammal. Introduction to psycholinguistic.* Londres, Routledge, 1989.
- BERLINCK, R. A., AUGUSTO, M.R.A., SCHER, A. P. (2003) *Sintaxe.* In: MUSSALIM, F.; BENTES A. C. *Introdução a Lingüística: domínios e fronteiras.* vl 1. São Paulo: Cortez.
- BLEY-VROMAN (1990) *The logical problem of foreign language learning.* Linguistic Analysis, 20.
- BICKERTON (1990) *Language & Species.* University of Chicago Press.
- BORER H. & WEXLER, (1987) *The Maturation of syntax,* in Th. Roeper & E. Williams (eds) *Parameter Setting.* Dordrecht: foris (pp.123-172).
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. (1976) *Estrutura da língua portuguesa.* 7.ed. Petrópolis: Vozes.
- CAGLIARI, L. (1996) *Alfabetização e lingüística.* São Paulo: Scipione.
- CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D.(2001) *Dicionário Ilustrado Trilingüe. Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS.* Edusp.
- CHOMSKY, N. (1971) *A Linguagem e a Mente.* Novas Perspectivas Lingüísticas. Ed. Vozes. Petrópolis.
- \_\_\_\_\_. (1981) *Lectures on Governemnt and Binding Theory.* Foris: Dordrecht.
- \_\_\_\_\_. (1986) *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use.* New York: Praeger.
- \_\_\_\_\_. (1988) *Language and Problems of Knowledge* MIT Press C.ambridg MA.
- CLAHSEN H. & MUYSKEN (1996) *The availability of Universal Grammar to adult and child learners: the study of the acquisition of german word ord Second Language.* Research 2: 92-112.
- \_\_\_\_\_. (1989) *The UG paradox in L2 acquisition.* Second Language. Research 5, 1-29.
- CLAHSEN, H. (1989) *Creole genesis, the lexical learning hypothesis and the problem of development in language acquisition.* In: M Pütz & R. driven (eds) *Wheels within wheels: Paper on the Duisburg Symposium on Pidgin and Creole Languages.* Pp 55-79.

- CRAIN, S. & D. LILLO-MARTIN (1999) *An introduction to linguistic theory and language acquisition*. Oxford: Blackwell.
- CYRINO, S.M.L. (1997) *O Objeto Nulo no Português do Brasil: um estudo sintático – diacrônico*. Ed. UEL
- DUARTE, M. E. L (1993) *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In. Roberts, I. & Kato, M. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp. 107-128.
- \_\_\_\_\_. (1995) *A perda do princípio evite pronome no português brasileiro*. Tese de doutorado, Unicamp.
- EPSTEIN, FLYNN S. & MARTOHARDJONO (1996) *Second language acquisition: Theoretical and experimental issues in contemporary research*. Behavioral and Brain Sciences 19: 677-758
- FARREL, P. (1990). *Null Objects in Brazilian Portuguese*. Natural Language & Linguistic Theory 8 (3) : 325-346.
- FERREIRA-BRITO, (1995) L. *Por Uma gramática de Língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- \_\_\_\_\_. (1993) *Integração Social & Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. (1996) *A Posição Sujeito no Português: Frases finitas e infinitas*. Campinas, SP. Editora Unicamp.
- FERNANDES, E.(1999) *O Som, Este Ilustre Desconhecido*. In: Skliar, Carlos (Org. atualidade da educação bilíngue para Surdos. Porto Alegre. Mediação. 2V.
- FELIX, S. (1984) *Maturational aspects of Universal Grammar*. In A. Davies; C. Crippen & A. Howatt (eds) *Interlanguage*. Edinburgh University Press.
- FLYNN, S. (1987) *A parameter-setting model of L2 acquisition*. Reidel.
- FLYNN & O'NEIL (1988b) *Linguistic theory in second language acquisition*. Kluwer.
- GALVES, C. (2001) *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Ed. Unicamp. Campinas.
- \_\_\_\_\_. (1993) *O enfraquecimento da concordância no português brasileiro*, in I Roberts e M Kato (orgs). *Português brasileiro, uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.

- \_\_\_\_\_. (1991) *Agreement and subjects in Brazilian Portuguese*, artigo inédito, UNICAMP.
- GUASTI, T. M. (2002) *Language acquisition: The growth of grammar*. Cambridge, MA: MIT Press.
- GÓES, M. C. R. de. (1996) *Linguagem, Surdez e Educação*. Campinas, SP. Autores Associados.
- GROSJEAN, François. O Direito da criança surda crescer bilíngüe. Site: [www.unine.cn/nip/pub/rightdearcnud](http://www.unine.cn/nip/pub/rightdearcnud). Acessado em 06.03.2003.
- HYAMS, N (1986) *Language acquisition and the theory of parameters*. Dordrech: Reidel.
- JOHNSON & NEWPORT (1989) *Critical period effects in second language learning: The influence of maturational state on the acquisition of English as a second language*. *Cognitive Psychology*. 21. 60-99.
- KATO M. (1995) *Sintaxe e aquisição na teoria de Princípios e Parâmetros*. *Letras Hoje*, 30:4. pp 57-73
- \_\_\_\_\_. (1998) *questões atuais da aquisição de L1 na perspectiva da teoria de Princípios e Parâmetros*. Unicamp.ms
- \_\_\_\_\_. (1999) *Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter*. *PROBUS* 11:1-37.
- \_\_\_\_\_. (2001) *Nomes e pronomes na aquisição*. *Letras de Hoje*. 36:3 pp 101-112.
- \_\_\_\_\_. (2004) *A Gramática do Letrado. Questões para a Teoria Gramatical*. M. A. Marques, E. Koller, J. Teixeira & A. S. Lemos (orgs). *Ciências da Linguagem: tinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U do Minho) a sair.
- LENNEBERG, E. (1967) *Biological foundations of language*. New York, Wiley, 1967.
- LILLO-MARTIN D. (1998) *Deaf Readers and Universal Grammar*. In: M: Marschark D. Clark.
- LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. (1986) *Sintaxe gerativa do português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Belo Horizonte, Virgília..
- MIOTO, C., FIGUEIREDO, M.C. & LOPES, R. E.V. (1999) *Manual de Sintaxe*. Editora Insular, Florianópolis.
- \_\_\_\_\_. (2004) *Novo Manual de Sintaxe*. Editora Insular, Florianópolis.
- MEIR, I. (2002) *A Cross-Modality Perspective on Verb Agreement*. *Natural language & Linguistic Theory* 20: 413-450, 2002 Kluwer academic publishers. Printed in the Netherlands.

- MEISEL, J. M. (1993) *Simultaneous first language acquisition: a window on early grammatical developments*. In: D.E.L.T.A., v. 9. p.353-385.
- \_\_\_\_\_. (1997) *Parâmetros na Aquisição*. In: Fletcher, P & B. Mac Whinney. *Compêndio da Criança*. P. A. Artes Médicas, 1997. Belo Horizonte: Vigília.
- PERINI, M. A. A (1985) *Gramática Gerativa: Introdução ao Estudo da Sintaxe Portuguesa*. Belo Horizonte: Vigília.
- PHINNEY, M. (1987). *The Pro-Drop Parameter in second language acquisition*. In: T. Roeper & E. Williams (Eds.), *Parameter Setting* (pp. 221-238). Dordrecht: D.Reidel Publishing Company.
- PIRES, L.C. (2004) *Aspectos Morfológicos das flexões verbais de número e pessoa em LSB e PB*. Artigo apresentado no 52º. Seminário GEL. Campinas, SP.
- PIRES OLIVEIRA. (2001) R. *Semântica Forma: Uma breve introdução*. Mercado de Letras. Campinas, SP.
- QUADROS, R. M. (1995) *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Lingüística Aplicada, Universidade de Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_. (1997) *Educação de surdos – Aquisição da Linguagem*. Ed. Artes Médicas.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. (2004) *Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed.
- RAPOSO, E. (1992) *Teoria da Gramática – a Faculdade da Linguagem*. Lisboa. Caminho.
- ROCHA, L. C. A.(1998) *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: ed. UFMG.
- SALLES, H. M. M. L., FAULSTICH, E., CARVALHO, O.L., RAMOS, A.A.L. (2002) *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica*. Brasília: MEC/SEESP.
- SANDALO, M. F. S. (2003) *Morfologia*. In: MUSSALIM, F.; BENTES A. C. *Introdução a Lingüística: domínios e fronteiras*. vl 1. São Paulo: Cortez, 2003.
- SCARPA, E. M. (2001) *Aquisição da linguagem*. In: MUSSALIM, F.; BENTES A. C. *Introdução a Lingüística: domínios e fronteiras*. vl 2. São Paulo: Cortez.



- SCHACHTER, J. (1989) *Testing a proposed universal*. In: Linguistic perspectives on second language acquisition, eds. S. Gass & J. Schachter. Cambridge University Press.
- SCHÜTZ, R. *Interferência, Interlíngua e Fossilização*. Site: English Made in Brazil. [www.sk.com.br/sk-interfoss.html](http://www.sk.com.br/sk-interfoss.html). Atualizado em 15 de maio de 2005. Acessado em 24/07/2005.
- SPENCER, A. (1994) *Morphological Theory*. Cambridge: Blackwell.
- STERNBERG, R. (1996) *Psicologia cognitiva*. Artmed. Porto Alegre.
- SIMÕES, L. J. (1997) *Sujeito Nulo na aquisição do Português Brasileiro: um estudo de caso*. Tese (Doutorado em Lingüística. Área de concentração: Lingüística Aplicada, Universidade de Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- STROUD .*Alfabetização: O Contexto da Pessoa Surda* . Secretaria de Educação Especial. Deficiência Auditiva / organizado por Giuseppe Rinaldi et al. - Brasília: SEESP, 1997. VI. - (série Atualidades Pedagógicas; n. 4) 1.Deficiência Auditiva . I. Rinaldi, Giuseppe. II - Site: [www.ines.org.br/ines\\_livros/21/21\\_PRINCIPAL.HTM](http://www.ines.org.br/ines_livros/21/21_PRINCIPAL.HTM). Acessado em 08.11.2002.
- STROZER J. (1992) *Non-native language acquisition from a principles and parameters perspective*. In: Current studies in Spanish linguistics, eds. H. Campos & F. Martnez-Gil. Georgetown University Press.
- THOMAS, M. (1991) *Universal Grammar and knowledge of reflexives in a second language*. Unpublished doctoral dissertation, Harvard University.
- THORNTON, R. (1998) *Elicited Production*. In: D. McDaniel, C. McKee & H. S. Cairns (eds) *Methods for Assessing Children's Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press.
- VIANNA , A. C. C. (2003). *Aquisição de português por surdos: estruturas de posse*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Área de concentração: Gramática, Universidade de Brasília, DF.
- WHITE, L. (1987). *Against comprehensible input: the input hypothesis and the development of second language competence*. Applied Linguistics,8,95-110.
- \_\_\_\_\_. (1989). *Universal grammar and second language acquisition*. Philadelphia: John Benjamins.